

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

BRUNA CRISTINA ALMEIDA FARIA

**A RESISTÊNCIA FEMININA NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO
CIBERFEMINISMO NO CANAL THINK OLGA**

MARINGÁ - PR
2022

—

BRUNA CRISTINA ALMEIDA FARIA

**A RESISTÊNCIA FEMININA NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO
CIBERFEMINISMO NO CANAL THINK OLGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos – Estudos do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa

MARINGÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

F224r

Faria, Bruna Cristina Almeida

A resistência feminina nas práticas discursivas do ciberfeminismo no canal Think Olga / Bruna Cristina Almeida Faria. -- Maringá, PR, 2022.
132 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Mulheres - Empoderamento. 2. Feminismo . 3. Prática discursiva . 4. Mídias digitais. 5. Internet e ativismo. I. Barbosa, Pedro Luis Navarro, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 401.41

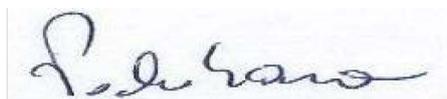
BRUNA CRISTINA ALMEIDA FARIA

**A RESISTÊNCIA FEMININA NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO
CIBERFEMINISMO NO CANAL THINK OLGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Orientador - Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Profª Drª Luciana Cristina Ferreira Di Raimo
Membro suplente - Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof. Dr. Adéli Bartolon Bazza
Membro externo - Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

AGRADECIMENTOS

A pós-graduação sempre foi um sonho desde que compreendi o que era ser pesquisadora. Sempre tive uma forte conexão com o feminismo, sendo ele fundamental determinador da realização desse trajeto pela área dos estudos do discurso, mas essa conexão não se manifestou sozinha.

Minha eterna gratidão à minha mãe, mulher mais forte e corajosa que já conheci, aquela que me fez acreditar que o mundo só se transforma a partir da educação e que eu poderia sonhar independente da nossa classe social ou gênero, me dando suporte por todos esses anos para que eu conseguisse enfim me formar e concluir o mestrado. Seu imensurável apoio e acolhimento foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei.

Ao meu pai e aos meus irmãos, Gabriela e Luis Eduardo, por ter suportado minha ausência durante a minha formação, me apoiando para que eu percorresse esse caminho, pelo carinho, pelo cuidado, por fazerem parte da minha vida frequentemente. A todos os demais membros da minha família que nunca deixaram de incentivar, fazendo com que hoje eu seja a primeira da família a conquistar uma pós-graduação.

Ao meu namorado, melhor amigo e grande amor, Willyan Mitsuru Kitamura Odizio, obrigada por tudo o que foi para mim durante essa caminhada, pelas lágrimas enxugadas, pelo abraço de “você vai conseguir”, pelas inúmeras vezes que precisei me ausentar para escrever e estive ao meu lado para que não me sentisse sozinha. Obrigada por me acalmar, por cuidar de mim, por incentivar esse sonho e tantos outros. Seu amor me faz sentir livre.

Ao meu orientador, professor Dr. Pedro Navarro, que me acolheu a primeira vez lá em 2017 no meu primeiro projeto de iniciação científica, me apresentou aos estudos discursivos foucaultianos e está comigo desde então. Agradeço sua sensibilidade e carinho, por ter me acolhido em um dos momentos mais difíceis da minha vida, que ocorreu ao longo do mestrado, meu para sempre muito obrigada!

Às minhas amigas de grupo, Mônica Chagas e Ingrid Lívero, que se estendeu para amigas de vida, por todo o auxílio, conversas e desabafos, a amizade de vocês foi um respiro de alívio durante esse percurso. Aos colegas do Grupo de Estudos Discursivos Foucaultianos da Universidade Estadual de Maringá (GEF-UEM), pelas colaborações teóricas.

Às minhas alunas de francês, por aceitarem flexibilizar as aulas diversas vezes para que eu pudesse cumprir meus prazos e realizar a escrita deste trabalho.

Por fim, agradeço, também, às professoras Dra. Adélli Bartolon Bazza (UNESPAR) e Luciana Cristina Ferreira Di Raimo (UEM) por comporem a banca examinadora deste trabalho.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.

Simone de Beauvoir

RESUMO

A pesquisa visa analisar enunciados que foram publicados no canal do Youtube do coletivo Think Olga sobre questões concernentes ao chamado empoderamento feminino, por meio de informações, considerando as relações de poder-saber implicadas. O fato é visto como acontecimento discursivo, na ótica de uma história geral e descontínua, por significar uma nova estratégia de resistência do sujeito feminino, com a insubmissão da ordem em um âmbito de práticas de poder disciplinar. O referencial teórico-metodológico é pautado pelos estudos discursivos foucaultianos, os quais apresentam o eixo arqueogenealógico de análise. Com base nisso, realizamos a descrição de sequências enunciativas, levando em conta os elementos da função enunciativa, com destaque para a posição sujeito e para a formação discursiva, procurando evidenciar a formação das modalidades enunciativas. O eixo genealógico guia a pesquisa para diálogos sobre as relações de poder e resistência que se desdobram em práticas de desobediência, fundamentadas em Gros (2018). A investigação das sequências enunciativas e das práticas de subjetivação e de objetivação também dão visibilidade a um movimento de contraconduta nos vídeos informativos do canal. Assim sendo, a mídia é vista como dispositivo, constante em relações de poder, com função estratégica e regras de funcionamento específicas. O recorte temporal da análise compreende os anos 2017 e 2018, além do gráfico produzido pela autora; o delineamento do material é feito com base nos vídeos mais assistidos do canal. Isto posto, as sequências enunciativas são retiradas de quatro vídeos do canal do Youtube do Think Olga. A pesquisa concluiu que os enunciados produzidos pelo dispositivo midiático demonstraram atos de desobediência e marcaram um movimento de contraconduta, de modo que o sujeito feminino se desprende da chamada racionalidade neoliberal, a partir do feminismo, lugar a partir do qual se procura constituir uma nova forma de conduzir os corpos e os construir os sujeitos. Em termos de análise, também foi possível verificar modos de produção de subjetivação do sujeito feminino, uma vez que as práticas discursivas foram desenvolvidas estrategicamente para construir um sujeito feminino com traços subjetivos do discurso do empoderamento.

Palavras-chave: empoderamento feminino, ciberfeminismo, prática discursiva; dispositivo midiático; resistência.

ABSTRACT

This study's aim is to analyze the statements that were published on Think Olga Youtube channel toward what is called 'female empowerment'. This analysis concerns information considering the relation of power and knowledge implicated. This fact is understood as a discursive event. It is seen from a general and discontinuous perspective once it means a new strategy of the female subject's resistance along with the order independence in a disciplinary power practice sphere. The theoretical-methodological framework is based on the foucauldian discourse studies, in which the archeological and genetic frame analysis are present. Based on this, we have done the description of the enunciative sequences, taking account of the enunciative elements' role, focusing on subject's position and discursive formation. Hence we have highlighted the creation of the enunciative categories. The genetic frame guides this study toward dialogues concerning the power and resistance relation that are spread in disobedience practices founded in Gros (2018). The investigation of the enunciative sequences and of the subjectivation and objectification practices also provide visibility to a counter conduct movement in the informative videos of the channel. Therefore, media is seen as a continuous device in power relations. Its function is strategic and it has specific rules of operation. The temporal delimitation analysis dates from 2017 to 2018, in addition to the graphic produced by the author. The material delineation is based on the most-viewed videos of the channel. Nevertheless, the enunciative sequences were obtained from four videos of 'Think Olga' Youtube channel. This study concluded that the discourses produced by media device demonstrated disobedience acts. Also, they showed a counter conduct movement in which the female subject, through feminism, detaches herself from the neoliberal rationality, aiming to build a new way of conducting the bodies and being able to perform herself a subject. In the analysis, It was also possible to identify the ways of production of female subject subjectivation, once the discursive practices were strategically developed to build a female subject with subjective features of empowerment discourse.

Keywords: female empowerment; cyberfeminism; discursive practice; media device; resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Playlists da Think Olga no Youtube ...**Erro! Indicador não definido.**

Figura 2 - Vídeos mais populares do canal.....**Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 1 - Assuntos dos vídeos**Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
GEF-UEM	Grupo de Estudos Foucaultianos da UEM
UEM	Universidade Estadual de Maringá
ONG	Organização Não Governamental
GPLEIADI/UEM	Grupo de Pesquisa em Leitura, Análise do Discurso e Imagens
GEADA	Grupo de Estudos Em Análise do Discurso de Araraquara
CIDADI	Círculo de Discussões Em Análise do Discurso
GEDUEM	Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM
GPDISCMIÁDIA	Grupo de Pesquisa em Discursividades, Cultura, Mídia e Arte
LABOR/UFSCar	Laboratório de Estudos do Discurso
VOX/UFSCar	Grupo de Pesquisa em Análise do discurso e História
LEDIF	Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos
LEF-GO	Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outros
GNT	Globosat <i>News Television</i>
SE	Sequência Enunciativa
ONU	Organização das Nações Unidas
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DISCURSO, SUJEITO E MÍDIA: SUBJETIVAÇÃO FEMININA	15
2.1. ESTUDOS SOBRE A COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA PELA PERSPECTIVA DAS CHAMADAS ONDAS FEMINISTAS	25
2.2. THINK OLGA: ORGANIZAÇÃO DE INOVAÇÃO SOCIAL.....	30
3. EXERCÍCIO DO PODER	33
3.1. UM CORPO QUE SE QUER DOMINAR.....	36
3.2. DISPOSITIVO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA.....	46
4. POR UMA ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA DO COLETIVO THINK OLGA	50
4.1. ARQUIVO NA ARQUEOGENEALOGIA DE MICHEL FOUCAULT	55
4.2. GENEALOGIA DO SUJEITO FEMININO	69
5. RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA	71
5.1. PROTAGONISMO DO SUJEITO FEMININO: AS MATERIALIDADES DE THINK OLGA.....	73
5.2. PLAYLIST OLGA EXPLICA.....	79
5.3. PLAYLIST YES WE CAT	94
5.4. PLAYLIST PERGUNTE A ELA	103
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO MULHERES NA POLÍTICA.....	121
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO SEU VOTO PODE SER FEMINISTA	123
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO YES WE CAT: HUMOR COM TIA MÁ E MAÍRA MEDEIROS	125
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO PERGUNTE A ELA #11 – POR QUE NÃO CHAMAR MULHERES LÉSBICAS DE “GAYS”	132

1. INTRODUÇÃO

Era março de 2016, quando foram iniciados os protestos contra a Presidente da República, Dilma Rousseff. Tratavam-se de manifestações populares que ocorreram em diversas regiões do Brasil, tendo como principais objetivos protestar contra o governo atual e defender a Operação Lava Jato. Os protestos consistiam no pedido de *impeachment*, ou seja, a condenação e afastamento do cargo da presidente vigente, de forma que o posto foi sumariamente ocupado pelo vice. Diante desse cenário, quando as manifestações começaram a ganhar força, foi-se criando um maior interesse sobre a vida do vice-presidente, Michel Temer.

A curiosidade foi ganhando espaço para se conhecer algo mais sobre aquela que seria, provavelmente, a próxima primeira dama, Marcela Temer. Com isso, em abril de 2016, a revista *Veja* fez uma reportagem relatando um pouco mais sobre a história do casal e sobre a vivência pessoal de Marcela Temer. O título da matéria logo ganhou notoriedade: “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. Esse enunciado me atravessou como mulher e foi a partir desse momento que ingressei na vida acadêmica para compreender os discursos sobre o sujeito feminino. Com base nisso, no ano de 2017, produzi meu primeiro projeto de iniciação científica vinculado ao PIBIC/CNPq-Fundação Araucária-UEM: Heteronormatividade, Dispositivos de Poder e a Subjetivação Feminina em Discursos Midiáticos.

Com esse ingresso na academia, no ano de 2017, dei início a minha participação no Grupo de Estudos Foucaultianos da Universidade Estadual de Maringá (GEF-UEM). Criado no ano de 2009 e liderado pelo professor doutor Pedro Navarro, o grupo reúne pesquisadores do discurso que têm por finalidade compreender a relação existente entre poder, saber e subjetivação, com base nos postulados teórico-filosóficos de Michel Foucault. O grupo toma como objeto central o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento, em diferentes materialidades que circulam nas mídias digitais, impressas e outros suportes textuais, atentando-se para as questões que envolvem o sujeito na contemporaneidade.

Foi apoiada nas inúmeras discussões enriquecedoras do grupo que tive uma contribuição para transformar o meu olhar em uma ótica discursiva para os objetos. Assim, articulando esse campo teórico sobre o discurso feminino com o olhar discursivo

construído junto ao grupo, comecei a almejar seguir a mesma temática. Foi então que, no ano de 2019, tive meu primeiro contato com o site Think Olga¹, a partir do qual pude observar o ativismo social presente através das mídias contemporâneas, baseado em estratégias de educação aliadas à tecnologia que resultam em soluções para a construção de um mundo mais igualitário.

Muitas são as razões que nos levam a problematizar como o universo feminino é atravessado e é nessa problematização que se encontra fundamentada a pergunta de pesquisa desta dissertação: Como o ciberfeminismo constrói as relações de resistências em termos de desobediência a partir de mídias contemporâneas com conteúdo produzido por mulheres, para mulheres e sobre mulheres?

A Think Olga conta com várias redes sociais, tais como: Instagram, Facebook, LinkedIn e Youtube, sendo este último a modalidade online selecionada para análise nesta pesquisa. Como critério de seleção dos suportes midiáticos, consideramos tratar de discursos midiáticos que subjetivam e objetivam a mulher contemporânea. Partimos de um levantamento de conteúdos audiovisuais da Think Olga no Youtube, pela disponibilidade de acesso que essa modalidade proporciona e porque a internet tem sido apresentada como um suporte importante para os analistas de discursos que pretendem compreender a mídia como agenciadora de saberes sobre os sujeitos na contemporaneidade.

No campo midiático há incontáveis materialidades de mídias alternativas feministas, para tanto é necessário que apresentemos algumas dessas materialidades dispersas como forma de levantar a dispersão para que possamos identificar a regularidade. Selecionamos descrições produzidas pelas próprias mídias alternativas que falam de feminismo por meio de redes sociais e blogs, tais como: Feminismo Sem Demagogia; Blogueiras Feministas; Não me Kahlo.

A página Feminismo sem Demagogia² é um espaço destinado ao debate a respeito do feminismo pelo viés marxista, e opressão machista/capitalista sobre as mulheres. O espaço está aberto para todas as mulheres, cis e não cis, e homens que queiram se tornar aliados na luta, respeitando o protagonismo das mulheres. É possível encontrarmos o Feminismo sem Demagogia nas redes sociais: Facebook, Instagram e Blog.

¹ Explico detalhadamente na seção 2.3.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/about>. Acesso em: 11 out. 2022.

A mídia Blogueiras Feministas³ tem como temática principal o feminismo e todos os assuntos que acreditam perpassar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É um blog político, portanto, reservam-se, segundo a própria descrição, o direito de não publicar textos que sejam contrários a seus posicionamentos e opiniões. O coletivo encontra-se nas redes sociais: Facebook, Twitter, Instagram, Tumblr e Youtube. É válido mencionar que o último vídeo publicado no Youtube ocorreu há 8 anos.

O coletivo Não me Kahlo⁴, segundo sua descrição, toma como missão a utilização da força da informação para promover a autonomia feminina. Para isso, o coletivo se propõe a fazer um conteúdo exclusivo e dinâmico, utilizando também as redes sociais como ferramenta para difundir conhecimento sobre questões de gênero. O coletivo está presente nas redes sociais: Facebook e Twitter.

O objetivo da apresentação desses coletivos é de exibir mídias que surgiram há cerca de dez anos para demonstrar a singularidade da nossa mídia selecionada, a Think Olga. A particularidade da ONG escolhida está justamente no modo de funcionamento dessa mídia digital, que, diferentemente das outras citadas, que possibilitam dispersar informações entre comunidades virtuais que reúnem sujeitos em torno de assuntos específicos, faz com que temáticas, tais como as minorias de gênero e sexualidade sejam realizadas com mais rapidez, visto ser a única dentre as abordadas que apresenta uma materialidade audiovisual recente.

Posto isto, para análise dispomos de quatro vídeos, sendo selecionados os mais vistos de cada playlist. O recorte não é aleatório, visto que se relaciona com as criações mais clicadas ao sucesso do alcance e da discussão nas redes sociais digitais. As materialidades são audiovisuais, de maneira que analisaremos as práticas discursivas que se manifestam por meio dos enunciados, os quais são de natureza verbal escrita e verbal sonora. Para isso, apoiamo-nos na definição de enunciado, em Foucault (2009, p. 93):

um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados, não de frases (Genera plantarum de Lineu é um livro inteiramente constituído de enunciados, em que não podemos reconhecer mais que um número restrito de frases); uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço

³ Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/sobre-o-blog/>. Acesso em: 11 out. 2022.

⁴ Disponível em: <https://naomekahlo.com/sobre-2/sobre/>. Acesso em: 11 out. 2022.

comercial, são enunciados [...]. Não parece possível, assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase.

Partimos da ideia de que a prática discursiva do Think Olga possui um caráter semiológico, pois é formada por enunciados de diversas ordens, como já explicitado. Isto posto, o coletivo se vale dessas práticas discursivas para produzir o conceito de mulher empoderada, utiliza uma dispersão enunciativa, isto é, enunciados de estatutos discursivos diferentes.

Com o intuito de obter algumas possibilidades de resposta à pergunta de pesquisa e compreensão sobre a temática proposta, a pesquisa tem como objetivo geral a investigação da materialidade audiovisual, no que tange às promessas apresentadas no coletivo. De acordo com a descrição do canal, sua promessa é o empoderamento feminino por meio da informação. Nesta lógica, objetivamos, na pesquisa, observar determinadas práticas discursivas nas relações de resistência em termos de desobediência (GROS, 2018), isto é, de que forma os conteúdos audiovisuais se tecem, discursivamente, como um movimento de resistência a partir da desobediência no acontecimento discursivo do ciberfeminismo, por meio dos dispositivos de poder, em específico no canal Think Olga. Especificamente, este trabalho, se propõe a analisar os dispositivos de poder que constituem tais discursos, atentando para os temas que são recorrentes: sexualidade, patriarcalismo, machismo; observar se haveria um feixe de relações que o discurso emprega nos processos de subjetivação feminina nas práticas discursivas selecionadas; e compreender a(s) (des)continuidade(s) presentes na prática discursiva do Think Olga.

Esta dissertação se encontra organizada da seguinte maneira: a sessão 2 apresenta a importância dos grupos de estudos discursivos no Brasil, como forma de refletir sobre o olhar foucaultiano que recorta inúmeros objetos de discurso. A sessão associa a leitura com as quatro ondas feministas, a fim de justificar a história atual e articula a explicação sobre o que é o coletivo Think Olga, objeto de estudo deste trabalho. Na sessão 3 abordamos a formulação de um saber a respeito das coisas e dos sujeitos, o que ocorre através da circulação de enunciados de um arquivo, o que nos levou, também, a tratar da questão do poder sob a perspectiva foucaultiana. Relacionamos essa perspectiva às reflexões de Bourdieu sobre a diferença entre os sexos biológicos, especialmente na diferença anatômica entre os órgãos sexuais, como explicação para a diferença que se estabeleceu entre os gêneros e mobilizamos a noção

de dispositivo como estratégia desenvolvida por Foucault para uma reflexão sobre o sujeito mulher na série enunciativa sob investigação.

Na seção 4, demonstramos o percurso metodológico trilhado neste estudo, bem como expomos o motivo da seleção do material que constitui o *corpus* e como chegamos ao material de análise. Correlacionamos às discussões sobre a fase arqueológica e a fase genealógica. Na seção 5 apresentamos as relações de poder e as sujeições que podem ocorrer a partir delas e expomos a análise em si por meio de um diálogo entre as colaborações teóricas e as sequências enunciativas destacadas, pretendendo alcançar, por fim, aos objetivos específicos, com a finalidade de responder à pergunta de pesquisa e alcançar o objetivo principal desta dissertação. Em seguida, apresentamos as considerações finais, as referências, o apêndice e os anexos.

2. DISCURSO, SUJEITO E MÍDIA: SUBJETIVAÇÃO FEMININA

Trabalhos fundamentados em Foucault compreendem a mídia como uma “superfície de emergência”⁵ (FOUCAULT, 2009) para os discursos que subjetivam a mulher, ou seja, a superfície é um lugar que pode fazer com que enunciados sobre a subjetivação feminina apareça em sua singularidade, em uma sociedade e em um momento histórico determinado, e que coexistam com outros enunciados, bem como se transformem e desapareçam. O sujeito feminino é tomado como objeto de análise por diferentes estudiosos que buscam respaldo em princípios teóricos e metodológicos dos Estudos discursivos foucaultianos. Com isso, pretendemos, nesta seção, compreender a importância dos grupos de estudos discursivos no Brasil e a relevância da perspectiva foucaultiana em vista disso.

A razão predominante para essa ótica em relação à mídia se dá pelo fato de que ela faz propagar saberes, os quais se reatualizam, ao fazer circular corpos modelos, a partir dos quais subjetividades são adaptadas na e por essa instituição. Não devemos ignorar, entretanto, que o saber midiático é produzido, por sua vez, baseado em outros enunciados que vêm de âmbitos diversos. Disso consideramos que, para a temática em tela, os saberes provêm da medicina, da psiquiatria, da psicologia, da sexologia, de

⁵ Confere-se à mídia o estatuto de superfície de emergência para a circulação dos enunciados ditos e escritos.

estudiosos do gênero etc. Ao investigá-la, os estudiosos procuram desfazer os efeitos de evidência dos temas componentes da sociedade brasileira, como a língua, a cultura e as subjetividades, por exemplo.

Avaliar discursos provenientes da mídia é um trabalho árduo quando se concorda com Navarro (2006) ao explicar que o pesquisador enfrentará, ao menos, duas adversidades: deverá munir-se de uma perspectiva paralelamente linguística e não linguística, considerando que um tema de análise não se finaliza somente na materialidade linguística, mas também se desdobra em múltiplos processos discursivos, dada a possibilidade de serem enunciados; depois fazer uma seleção de conceitos do método do qual lançará mão, face aos mecanismos próprios da mídia na e para a construção e propagação dos significados que estarão sob investigação.

É necessário observar, ainda de acordo com esse autor, as adversidades que os próprios dispositivos midiáticos impõem quando submetidos ao campo teórico referido em geral e deste para eles. Os estudos deste autor demonstraram, afinal, que é necessário abranger os conceitos e deslocá-los quando preciso, ou mobilizar nas análises outros conceitos, visto que:

Como suporte de memória, a mídia se apresenta como um poderoso dispositivo para a manutenção do corpo social, para os rearranjos sucessivos, revisão ou deslocamento da memória coletiva de uma sociedade. Essa função pode ser analisada a partir do uso que a mídia faz das imagens e do diálogo estabelecido entre elas e os enunciados verbais (NAVARRO, 2006, p. 89).

Para justificar a mídia como suporte de memória, trouxemos alguns enunciados da revista *Claudia* de julho de 2009. Na data citada, a revista traz a matéria “Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres”, na qual apresenta os dilemas experienciado pelos sujeitos femininos daquela atualidade. Simultaneamente, a revista publica os relatos de algumas mulheres, alguns especialistas abordam do assunto e debatem suas motivações e consequências:

O psicólogo Luiz Cuschnir afirma à revista *Claudia* que:

os homens são privilegiados pela maneira como foram criados. Para eles, o topo profissional, esposa e filhos são sinal de plenitude; para elas, trazem uma dose de conflito. Todas as conquistas são importantes para elas. A carreira e o convívio com a família são realizações diferentes que se completam (CLAUDIA, 2009, p. 140).

Essas conquistas, carreira e família são almeçadas pelas mulheres, porém não é sempre que podem percorrer paralelamente, pois, o casamento, do momento presente, ainda preserva grande parte das características tradicionais e isso resulta em uma imposição de maiores responsabilidades à mulher do que ao homem. Se a casa não entra nos eixos, a culpa é atribuída à mulher, que passa grande parte do tempo fora; se os filhos adoecem, é a mulher quem deve levá-los ao médico e cuidar para que saem logo; se a roupa está suja, é a mulher quem deve realizar sua limpeza. Nas redes da memória, é a imagem do sujeito feminino, e não a do sujeito masculino, que se revela como salvadora de todos esses acontecimentos.

Ainda que o mundo se apresente atualmente de forma distinta para ambos os gêneros, os indicativos dessa sociedade patriarcal permanecem presentes em todos os lugares: em casa, nas ruas, no ambiente de trabalho, na mídia. Há sempre vestígios de uma memória que não se apaga, não se permite levar para o esquecimento. Isso pode ser observado nos discursos materializados pela mídia e que se propagam pela sociedade. Vejamos mais alguns trechos da matéria “Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres”.

1. Ele é um comerciante de sucesso, mas sente-se menos importante do que minha carreira. E, de certa forma, é. Nunca escondi isso. Mesmo assim, continuo disputando meu tempo com a empresa. Vamos casar em dois anos e, às vezes, ele me questiona: “Mas quem vai fazer meu jantar? Quem vai ficar com nossos filhos?” (Paula, 28 anos, solteira, gerente de vendas de uma indústria de cosmético. CLAUDIA, 2009, p.141).

2. Quanto mais eu crescia na profissão, mais ele tentava me diminuir. E reclamava: “A casa está sempre uma bagunça! Seus filhos precisam de você”. Ele me cobrava e tentava me deixar culpada. (Suzana, 45 anos, divorciada, diretora executiva de indústria alimentícia. CLAUDIA, 2009, p. 141)

Como podemos observar, a verdade produzida nesse discurso, calcado em uma sociedade patriarcal, é que “a mulher - independentemente de ser estudada e ter uma profissão - é quem deve tomar conta da casa, do marido, dos filhos”, por exemplo. Tais dizeres estão, de certa forma, cristalizados na memória da sociedade, sobretudo na memória do homem, afinal, a condição do sexo masculino sempre foi mais confortável que a do sexo feminino. Nesse discurso veiculado pela mídia, há uma vontade de verdade (do sujeito masculino) que insiste em não se transformar.

Vale destacar também a importância de estudos que foram e vêm sendo elaborados no Brasil, graças aos grupos de estudos que têm como foco pesquisas sobre atensa relação entre a mídia, poder-saber e sujeito. Esses grupos validam o quão significativo é manter vivo o debate das bases epistemológicas e teórico-metodológicas dos estudos acerca da produção de discurso. Os grupos norteiam-se pelas contribuições de Pêcheux e de Foucault, destacando ora um ora outro, segundo os propósitos das análises.

O Grupo de Pesquisa em Leitura, Análise do Discurso e Imagens (GPLEIADI/UEM)⁶ foi fundado em 2013 e atua na linha de pesquisa da língua, do discurso e da imagem. Seu objetivo é problematizar a relação saber-poder-sujeito numa outra ordem do discurso. Teve como aporte teórico a Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux e Michel Foucault, sendo que, a partir do ano de 2019, tem-se voltado eminentemente para Michel Foucault e suas relações com as artes. Sua coordenadora é Roselene de Fátima Coito da Universidade Estadual de Maringá. Juntamente com Foucault são estabelecidos entrelaçamentos com os filósofos Jacques Rancière, Gilles Deleuze e Giorgio Agambem, além de outros estudiosos, inclusive da imagem. Este grupo se compõe de pesquisadores de Iniciação Científica e Pós-Graduação em Letras, os quais abordam temáticas bastante variadas (a mulher, a criança, o imigrante, aviolência, o infame, a educação, a língua) tecendo diálogos com a literatura, o cinema, as artes plásticas, as séries televisivas, os meios digitais e os mais variados documentos históricos. Dentro desta variedade, o grupo se volta tanto para produções do Ocidente quanto do Oriente.

O Grupo de Estudos Em Análise do Discurso de Araraquara (GEADA)⁷, dirigido por Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara), existe há mais de vinte anos. Para manter os debates acerca das bases epistemológicas e teórico-metodológicas

⁶ Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4723643E8&tokenCaptchar=03ANYolquFWCEwXjwU5hzzvg_C2TK772ozsRaxgYHZKequyPBvwd_i2EXMgEqH4TtPmsF09XzJ2x45KUf46jhOgzn6OcbWSCmQW5gxbevVoc6bPXcbpxNe6JNs7LrrYj2xI0XLGEErR1EpHXUktqCxGbtI4rWBE9lWNea17xEDgX-5Woxc6bGrrxOyB0RnqnC_x_gsbr7m1nHSX9j92ZrBwOEj32jIxtOY_MOw1ZCfLWetd81asTXQC5sXpXpTpR_2sI-Ol0lr4YbQYuOaeMROgvZGby3dJb9RwW3vQCrXvFdkDBNx-gkl-vs3I4SreiyyK_Un5Z5p6o-BJSibvy0rBKqyF8-7RpdQJhLITYcYUD6aae5ijlyZvgOwm0B2WWbeaBee1TrkJvC7tAj1qE9QJhT41cz06IRtZmSZuBNPOWP5RbJ4lc1Wwz5zHpnZ0NJWfr-_b4h3YM_RxaCjfHH45BUxsvevQYUsWzUXKIRAj2m5jicCjChNtw00I9oHiHL9btI9cuW1-KGNIUImI_xQJ6oUIVAzL0eomW73Q4JFeLnG9DpGE_AK3UAvmGvBCRUUC2ZKlsqXG6pNIXnOs3Ux6c16oYUhg. Acesso em: 24 ago. 2022.

⁷ Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com/p/sobre-o-geada.html>. Acesso em: 06 mar. 2022.

que norteiam suas pesquisas, caracteriza a relevância de pensar sobre as relações quando do imbricamento entre discurso, história e memória na e para a construção de identidades e, conseqüentemente, de verdades produzidas pela mídia em distintas épocas. Apesar da vertente foucaultiana ser a predominante, o grupo procura respaldar a Semiologia Histórica proposta por Courtine, dado que compreende positiva a relação entre discurso e estudos da mídia, como objeto de análise.

O Círculo de Discussões Em Análise do Discurso (CIDADI)⁸ existe desde 2007. O grupo é resultante da necessidade, inicialmente, de dar seguimento a pesquisas das quais a contribuição teórica seja a chamada Análise de Discurso francesa; depois de dar suporte à grande demanda de alunos pesquisadores nessa área. Procedem não apenas do princípio da importância em se aprofundar o diálogo entre Foucault e Pêcheux, principalmente no que se refere à relação sujeito-poder-sociedade, mas também do diálogo com Bakhtin, baseados nos estudos da enunciação propostos por Authier-Revuz. Regina Baracruy, da Universidade Federal da Paraíba, lidera o grupo. Os trabalhos orientados por ela ou debatidos e efetivados no grupo argumentam a construção e a movimentação de identidades no âmbito midiático.

Na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, instituição na qual esta pesquisa está sendo desenvolvida, além do GEF, já mencionado anteriormente, dois outros grupos formulam o objetivo de reunir trabalhos sobre a relação entre mídia e discurso: O Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (GEDUEM)⁹ e o Grupo de Pesquisa em Discursividades, Cultura, Mídia e Arte (GPDISCMIÁDIA)¹⁰.

O primeiro, coordenado por Ismara Tasso, tem o objetivo mais amplo de respaldar projetos de pesquisas cujos objetos contemplem a construção e a movimentação dos discursos na sociedade nas mais distintas expressões da linguagem humana. O referido grupo possibilita entender, teórico-metodologicamente, o funcionamento discursivo midiático.

O GPDISCMIÁDIA, criado em 2016, é coordenado pela professora Renata Marcelle Lara. Fundamentado nos pressupostos da Análise de discurso francesa, instituída por Pêcheux, de caráter materialista, o grupo analisa temas que circundem mídia e discursos midiáticos, discurso artístico e sobre o artístico, discursividades institucionais e urbanas, sentido e ideologia, ritual, identidade e cultura (do) popular.

⁸ Disponível em: <http://cidadi.blogspot.com/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

⁹ Disponível em: <http://www.geduem.com.br/o-geduem/bases-teoricas/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/gpdiscmidia/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

O Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR/UFSCar), que há mais de uma década congrega alunos, professores e pesquisadores da UFSCar e de outras instituições do Brasil e do exterior, tem como objetivo discutir teórica e analiticamente questões relacionadas ao campo da Análise do Discurso, como o contexto epistemológico de constituição da teoria, a organização do *corpus* de análise e seus procedimentos de descrição e interpretação, considerando a condição histórica dos enunciados do discurso e sua formulação semiótica sincrética.¹¹

O Grupo de pesquisa em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX/UFSCar) constituiu-se a partir de uma série de pesquisas em torno dos usos e dos efeitos da voz no discurso político e da abertura de um conjunto de trabalhos consagrados aos discursos sobre a voz humana em diversos campos de saber e em distintas condições de produção. A essas duas frentes, os usos e efeitos da voz no discursopolítico e os discursos sobre a voz humana, desde 2015, somou-se uma terceira dedicada ao estudo de práticas e representações da fala pública. No desenvolvimento de projetos de pesquisa que tratam desses temas e objetos, conjugam-se estas duas áreas do conhecimento: a Análise do discurso e a História das ideias linguísticas.¹²

O Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF) é um grupo de pesquisas do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia cadastrado no diretório de grupos do CNPq, sob coordenação do professor Cleudemar Alves Fernandes. O Projeto de implementação deste grupo foi aprovado pelo Conselho desse Instituto em 27 de outubro de 2009. Com caráter interinstitucional, este grupo congrega professores pesquisadores e alunos voltados para a realização de estudos em Análise do Discurso com foco em Michel Foucault. Assim, os integrantes do grupo ocupam-se especificamente do estudo da bibliografia de Foucault tendo em vista a proficiência dessa obra para a Análise do Discurso. Dessa maneira, o Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos consiste em um espaço acadêmico destinado à investigação de questões discursivas atravessadas por aspectos sociais, históricos, culturais a partir de leituras da obra de Michel Foucault.¹³

O Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEF-GO) é um grupo de pesquisa vinculado à Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, sob coordenação dos professores

¹¹ Disponível em: <https://www.labor.ufscar.br/apresentacao/#labor>. Acesso em: 12 maio 2022.

¹² Disponível em: <https://www.labor.ufscar.br/apresentacao/#labor>. Acesso em: 12 maio 2022.

¹³ Disponível em: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/>. Acesso em: 12 maio 2022.

Antônio Fernandes Júnior e Bruno Franceschini. O Grupo conta com a participação de pesquisadores, alunos de graduação e de pós-graduação que desenvolvem seus trabalhos na área da Análise do Discurso de orientação foucaultiana.¹⁴

O critério de escolha da apresentação desses grupos tem a ver com a publicação de artigos, realizada pelos coordenadores ou por integrantes, constantes nas duas edições da Revista Moara n. 57 (2020), comemorativas dos 50 anos de “A arqueologia do saber”: as contribuições aos estudos da linguagem no Brasil, visto que a publicação é um periódico importante para a academia.

Justificamos também a seleção desses grupos como forma de reunir certa regularidade entre eles: a utilização de um aporte teórico-metodológico construído, predominantemente, no campo dos Estudos discursivos foucaultianos. A apresentação desses grupos atua no sentido de dar uma filiação ao trabalho e justificar a pesquisa discursiva focada em textos da mídia. Pesquisas realizadas pelos líderes desses grupos são referências para o desenvolvimento de projetos na área dos Estudos Linguísticos, em especial sobre o funcionamento discursivo, o que em muito pôde colaborar com a produção desta dissertação.

Elencar a existência desses grupos em território nacional representa dizer o quanto os estudos da mídia resgatam os pressupostos dessa visada franco-brasileira, se assim se pode qualificar, e o quanto o saber midiático perpassa a historicidade da e na sociedade brasileira, no que concerne à produção de subjetividades.

Esse é um olhar foucaultiano, que recorta inúmeros objetos de discurso, dentre os quais o sujeito feminino e os feminismos. Em “Para além do sexo, por uma estética da liberação”, Swain (2008, p. 405) argumenta que “[...] a exposição da sexualidade, sugerida ou explícita, esvazia o desejo em sua representação. É assim que o paroxismo mata o desejo e faz do sexo exercício de puro poder” (SWAIN, 2008, p. 405). Fischer (2001) também discorre sobre o tema do poder foucaultiano, em seu dossiê “Mídia e educação da mulher: um diálogo teórico sobre os modos de enunciar o feminino na TV”. Ela afirma que “[...] o problema do sujeito, em Foucault, não se separa do das normas, das prescrições, dos inúmeros rituais das instituições, enfim, do problema do poder” (FISCHER, 2001, p. 593).

A temática do poder também foi abordada, detalhadamente, por Butturi Júnior (2012), quando da descrição de uma análise discursiva das práticas monossexuais no

¹⁴ Disponível em: <https://ladffon.catalao.ufg.br/p/23756-lef-go-laboratorio-de-estudos-foucaultianos-de-catalao>. Acesso em: 27 maio 2022.

dispositivo da sexualidade brasileiro. Ao dizer a respeito de um dos cursos ministrados por Foucault no *Collège de France*, traduzido, no Brasil, como “Os anormais”, Butturi Júnior explicita que a noção de poder foucaultiano, além de ser retratado como um ridículo, como uma ofensa ou como um riso, requer resistências que lhe são proporcionais e que existe uma probabilidade de resistência encontrada. É a esse último tipo de poder que sua tese diz respeito. O autor da tese indaga:

[...] haveria uma aplicação desse ridículo no caso das normatizações e transformações das práticas homossexuais no Brasil contemporâneo? Em outros termos: haveria uma questão a se averiguar, qual seja, a de uma incidência constante de um ridículo de poder, constitutivo e não ultrapassável, nas discursividades que surgiram no Brasil em meados da década de setenta e que pretendiam uma subversão das noções de gênero e uma ampliação dos discursos da igualdade e da diferença? (BUTTURI JÚNIOR, 2012, p. 19).

A dissertação “A mulher estuprada como objeto de discurso: análises sobre enunciados jornalísticos”, de Fernanda Bertola, nos possibilitou observar o modo como a mulher é enunciada no âmbito midiático. Embora os objetos se distingam, o sujeito se aproxima: o feminino. A pesquisa nos auxiliou a compreender a mídia “como um espaço social, faz circular discursos, com moldura de verdade” (BERTOLA, 2018, p. 8) e de que modo podemos refletir as práticas que colaboram para a perpetuação de uma sociedade patriarcal, de modo que torna possível visualizar resistência diante de práticas de submissão da mulher.

Ainda nas pesquisas que permeiam as questões do sujeito feminino, a tese “Guerra dos sexos’: efeitos de verdade concernentes à sexualidade e à subjetividade do homem e da mulher em discursos midiáticos” corroborou para a compreensão de como uma construção sócio-histórica da qual a mídia enuncia ao disseminá-la na sociedade brasileira e nos auxilia a observar o modo de funcionamento do dispositivo de sexualidade

que possibilitam o estabelecimento e a naturalização de certos significados na cultura brasileira sobre o que é ser mulher e o que é ser homem. Ao tratar da construção social da subjetividade do homem e da mulher, não se reforça, entretanto, os já consagrados binarismos homem/mulher, masculino/feminino ou macho/fêmea. Ao contrário, considera-se a diversidade concernente às variadas formas de construção das masculinidades e das feminilidades pelas quais perpassam todo indivíduo ao se constituir como sujeito de sua sexualidade. (ZÍNGARA, 2016, p. 12)

Por fim, nas reflexões referentes ao feminismo, a tese “Novo feminismo: acontecimento e insurreição de saberes nas mídias digitais”, de Juliane Gonzaga, contribuiu para refletirmos sobre o pensamento do feminismo na era digital, de tal forma que “a novidade do feminismo é enunciada pelas mídias digitais como uma evidência que se impõe com força no presente” (GONZAGA, 2018, p. 17). A pesquisa nos ajudou a pensar na pergunta-problema, a fim de entendermos a construção de sentidos de contemporaneidade com base na relação inerente que a enunciação sustenta com a memória e a história.

Considerando que não se produz verdade(s) sem a produção de subjetividades, as pesquisas buscam problematizar o papel da mídia como componente de visibilidade na receptividade, na difusão e, por que não, na manutenção de efeitos de verdade referentes às subjetividades. Não se pode contestar seu êxito quando da contribuição para construção desses efeitos. Para tanto, a análise do funcionamento do dispositivo patriarcal na construção de saberes sobre o a mulher é objeto de discussão das seções 5.3 e 5.4, destinada à análise descritiva e interpretativa dos enunciados veiculados pela mídia. Todavia, consideramos necessário, antes da análise, compreender a mídia, o que quer dizer que não se procura autenticar ou modificar seus discursos pela oposição falsidade/autenticidade, posto que é a maneira como as subjetividades são produzidas e os recursos de que se dispõem para fazê-lo que importa.

Outra tarefa, de igual importância para a pesquisa aqui empreendida sobre o funcionamento do dispositivo midiático, é entender que não se trata de descrever os destinatários dos produtos da mídia como sujeitos passivos e imparciais, e a comunicação midiática como aquela que desempenha função negativa na vida social contemporânea ao produzir uma cultura homogênea que “[...] diverte sem desafiar, que prende a atenção sem ocupar as faculdades críticas, que proporciona gratificação imediata sem questionar os fundamentos dessa significação” (THOMPSON, 2013, p. 51). Isso seria uma investigação um tanto ingênua. Sobre essa constatação, De Certeau (1994) interroga se os sujeitos constroem ou elaboram para si identidades apoiadas no que a mídia lhes disponibiliza e, se o fazem, de que maneira isso ocorre. Eis a indagação desse autor:

Assim, uma vez analisadas as imagens distribuídas pela TV e os tempos que se passa assistindo aos programas televisivos, resta ainda perguntar o que é que o consumidor *fabrica* com essas imagens e durante essas horas. Os 500 mil franceses que compram *Information-*

santé, os fregueses do supermercado, os praticantes do espaço urbano, os consumidores das histórias e legendas jornalísticas, o que é que eles ‘absorvem’, recebem e pagam? O que fazem com isso? Enigma do consumidor-esfinge. Suas fabricações se disseminam na rede da produção televisiva, urbanística e comercial. São tanto menos visíveis como as redes do enquadramento se fazem mais apertadas, ágeis e totalitárias. Proteiformes então, ou cor de muralha, elas desaparecem nas organizações colonizadoras cujos produtos não deixam lugar para os consumidores marcarem sua atividade. (DE CERTEAU, 1994, p. 93-94, grifo do autor).

Da mesma maneira, seria ingênuo não observar o fato de que conceitos sobre as coisas no mundo e determinadas compreensões da realidade são produzidos socialmente, como explicam DeFleur e BallRokeach (1993). Mencionando a metáfora do mito da caverna de Platão, os autores compreendem que cada vez mais se está vivenciando um mundo intermediário, em vez da própria realidade. Para eles, a mídia amplifica, ao invés de limitar, o que chega aos olhos e ouvidos. O risco está naquilo que é compreendido, visto que são modos de ver e enunciar a realidade, de sorte que é preciso suspender a noção de influência, criticada, inclusive por Foucault (2009), como se a mídia causasse, necessariamente, algum tipo de influência nos sujeitos.

Frente a esse panorama, é significativo entender o funcionamento da chamada cultura industrial de massa associada à mídia como suporte de disseminação de informação. De acordo com Gregolin (2007), determinados discursos na mídia contemporânea constroem uma rede simbólica que falsifica **identidades** a partir de uma “estética de si” (FOUCAULT, 1994; 1995). São as práticas discursivas que compõem verdadeiros dispositivos identitários e elaboram subjetividades como individualidades **históricas**. Dito isso, destacamos também que compreendemos mídia como um dos mecanismos de governamentalidade¹⁵, ou seja, como algo que excede o ponto de vista do senso comum, segundo o qual ela seria um conjunto dos intermédios de comunicação social, abrimos um parêntese relacionado ao que se deve compreender por mídia de massa.

Fundamentado em Thompson (2013), entendemos que o termo massa não pode ser resumido a um tópico de quantidade, até porque, em algumas esferas das indústrias da mídia, a audiência foi e se mantém pequena e especializada, ou seja, não se refere a um número significativo de pessoas. Assim, o que tem de ser levado em conta, quando

¹⁵ As tecnologias governamentais concernem, portanto, também ao governo da educação e da transformação dos indivíduos, àquele das relações familiares e àquele das instituições. É por essa razão que Foucault estende a análise da governamentalidade dos outros para uma análise do governo de si: “Eu chamo governamentalidade o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (REVEL, 2003, p. 55).

se dispõe desse termo, é a disponibilidade, possivelmente, dos produtos midiáticos a uma multiplicidade de destinatários e não a quantidade de indivíduos que os obtém.

Instigada pelas reflexões de De Certeau (1994), a investigação proposta volta-se para o modo como o sujeito mulher apropria-se do que os discursos midiáticos lhe apresentam quanto a sua sexualidade. Amparadas por esses estudiosos compreendemos que não há produção de verdade sem subjetividade, que a compreensão de realidade é construída socialmente e que a mídia é um mecanismo de governamentalidade. Com isso, a próxima seção procura articular alguns pontos teóricos e acrescentar outros à pesquisa de comunicação midiática acerca do movimento feminista, com a finalidade de apresentar a narrativa das três ondas feministas junto com suas respectivas reivindicações.

2.1. ESTUDOS SOBRE A COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA PELA PERSPECTIVA DAS CHAMADAS ONDAS FEMINISTAS

Os estudos feministas sobre comunicação midiática concentram-se tanto em âmbito internacional quanto brasileiro, na análise das mensagens (STEINER, 2014; ESCOTESGUY, 2006). Os temas basilares abrangem conteúdos sobre a beleza e a transformação corporal, violência, representatividade (ou representações), estudos sobre ciberfeminismo e tecnologia.

O movimento feminista atual tem sua história fundamentada em ondas, que representam, efetivamente, situações de grande revolução, protestos e elaboração intelectual pelos direitos das mulheres. A primeira onda é identificada pelas manifestações de mulheres no espaço público, desde os anos 1880, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. A respeito das colaborações do feminismo aos estudos de comunicação midiática, Bellerive e Yelle (2016) demonstram que, durante a primeira onda, não se efetua muitas teorias sobre o início da desigualdade ou hegemonia masculina, mas denúncias (BELLERIVE; YELLE, 2016, p. 282).

Nessa época, aparecem projetos de comunicação feminista, como o jornal *La Citoyenne*, produzido na França, em 1881, por Hubertine Auclair, com o objetivo de lutar pelo voto universal e delatar o cenário de mulheres em países colonizados, e o *La Fronde* (1860-1903), conhecido como o primeiro periódico feminista (BELLERIVE;

YELLE, 2016, p. 283). Para além do direito ao voto, também se debate o direito à propriedade particular, ao trabalho assalariado igualmente e os direitos da infância.

É com o surgimento da chamada segunda onda feminista, entre os anos 1960 e 1980, que a comunicação midiática se torna mais visivelmente objeto de estudo e prática do movimento feminista, sendo estudada como um indicativo da estrutura opressiva contra as mulheres. É nesse momento que grande parte das teorias feministas e estudos são produzidos, muito além do “*Le deuxième sexe*”, de Du Beauvoir e do “*The feminine mystique*”, de Betty Friedan.

Nesse período, as particularidades da vida pessoal são fortemente repreendidas, e o movimento reivindica igualdade e desobrigação das mulheres, especialmente no ambiente familiar e sexual. Consequentemente, temas como a maternidade, contraceção, hétero e homossexualidade, prostituição, saúde feminina e cultura do estupro são aspectos significativos e contribuem para o debate do movimento (BELLERIVE; YELLE, 2016).

Nos estudos realizados sobre a mídia, então, destaca-se que os meios de comunicação exibiam o machismo cotidiano (BELLERIVE; YELLE, 2016, p. 286). Todavia, pelo aspecto multidisciplinar tanto do feminismo quanto da comunicação midiática como objeto de investigação, os estudos feministas sobre o conteúdo ficam segmentados. Os primeiros estudos realizam discussões sobre os valores socioculturais, transitando por análises de conteúdo, filmes e estudos de recepção, de modo a identificar relações de poder e discurso midiático sobre gênero (BELLERIVE; YELLE, 2016, p. 290-291).

Em 1975, o feminismo conquista espaço no Brasil, e aparecem publicações significativas, que se propagaram e diversificaram à medida que ONGs feministas ganhavam força (TONELLI, 2003). A imprensa direcionada para a mulher conquistava espaço de maneira geral, mesmo em temas sem perspectiva política. Além das publicações próprias, as feministas e ativistas procuravam espaço em outros jornais e veículos, com o objetivo de expandir o destaque da causa (BANDEIRA, 2015).

No final dos anos 1980, diversas pesquisadoras moveram-se da análise de conteúdo para outras indagações, do tipo: “Como as mídias definem e produzem a realidade através das representações das mulheres? Como estas últimas interpretam estas representações? Por que experimentam prazer face a estas representações que as confinam nos papéis estereotipados?” (BELLERIVE; YELLE, 2016, p. 292. Tradução

da autora)¹⁶. O objetivo move, então, para outros tópicos, tais como: as relações de trabalho dentro das empresas de mídia e em recepção.

Sendo assim, as discussões do feminismo sobre a comunicação de suas bandeiras também incluíram a sub-representação feminina nos postos de comando dos grupos de mídia como um dos entraves para a superação da assimetria de gênero em todos os campos da vida social. Essas oscilações se dão tanto no campo da produção de conhecimento, quanto na ordem simbólica, como no caso dos sentidos midiáticos. Elas se materializam, por meio da tomada da palavra pelas militantes feministas, apropriação esta compreendida como uma importante estratégia política e, mais ainda, como parte do processo de denúncia de seus princípios e teses nas disputas de poder no mundo contemporâneo (VELOSO, 2013, p. 64)

A terceira onda sugere uma modificação na forma de refletir a opressão feminina, inserindo fatores como raça, classe e sexualidade. Tendo como líderes especialmente jovens que nasceram durante a segunda onda, seus discursos e ações vão criticar a supremacia racial e econômica de suas precursoras (BELLERIVE & YELLE, 2016). Apoiados nos Estudos Culturais, debatem-se conceitos como a interseccionalidade e, nos estudos de comunicação midiática, mostra-se uma tensão entre as correntes materialistas (estruturalistas) e pós-estruturalistas:

O feminismo materialista se traduziu necessariamente nas pesquisas em comunicação dentro de um enquadramento teórico formado pela economia política, enquanto que o feminismo pós-estruturalista se desenvolveu dentro dos trabalhos marcados pelos aportes dos Estudos Culturais (...). Questionando a construção histórica do gênero como objeto de estudo, na intersecção da análise da história do gênero em objeto de estudo, na intersecção da análise das relações de produção e ideologia, permite, sem dúvida para renovar, as tentativas de reunir abordagens críticas em tensão (CERVULLE, 2016, p. 316. Tradução da autora¹⁷)

Contudo, outros estudos feministas sobre comunicação midiática criticam a terceira onda por ser neoliberal e pelas representações midiáticas do feminismo serem acometidas de personagens caricatas e com a finalidade de banalizar a importância do feminismo para o presente e o futuro (BELLERIVE & YELLE, 2016, p. 297). Essa

¹⁶ Comment les médias définissent-ils et produisent-ils la réalité à travers les représentations des femmes? Comment ces dernières interprètent-elles ces représentations? Pourquoi éprouvent-elles du plaisir face à ces représentations qui les confinent dans des rôles stéréotypés? (BELLERIVE; YELLE, 2016, p. 292)

¹⁷ Le féminisme matérialiste se traduirait nécessairement dans les recherches en communication dans un cadre théorique formé par l'économie politique, tandis que le féminisme post-structuraliste se développerait dans les travaux marqués par les apports des Cultural Studies (...). Interroger la construction historique du genre en objet d'étude, à l'intersection de l'analyse des rapports de production et de l'idéologie, permet, sans doute de renouveler, les tentatives de rapprochement d'approches critiques en tension (CERVULLE, 2016, p. 316).

crítica é voltada sobretudo ao uso do sujeito do movimento feminista como produto midiático e capitalista, motivando o esvaziamento de suas principais questões e pautas. Desse modo, observamos como os estudos sobre mídia e estudos feministas não se relacionam nesses movimentos, de forma que os estudos feministas ficam segmentados e é visível as relações de poder.

O avanço das pautas morais e a sua conseqüente aparição na mídia, tornam-se, por fim, importantes para pensar em possíveis resistências. Aquilo que Foucault (2004) compreende, em sua aula do curso sobre “Subjetividade e verdade”, enquanto outras formas de subjetivação pois, para o autor, “afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 306) e esta relação se dará a partir de transformações, fundamentos, em rede, teias de atravessamentos múltiplos.

Consideramos, ainda, que o governo das condutas, através do controle dos corpos, propicia pensar em linhas de fuga, em termos daquilo que o próprio Foucault (2004) ressaltou como biopoder, governamentalidade e biopolítica no decorrer de sua produção acadêmico-profissional, ainda que se reconheça na escola um dispositivo institucional que procura construir corpos disciplinados. Mas, incontestavelmente, os corpos escapam. Exatamente por reconhecer esses escapes que Acosta (2020) declara que “não há forma mais eficiente de obter este controle sobre os corpos e seus governos do que instaurar uma intensa produção de regimes de verdade” (ACOSTA, 2020, p. 389).

Nessa direção, a historiadora feminista Margareth Rago considera a relevância de construir “novas formas de experimentação subjetiva engendradas relacionamente nas práticas feministas” (RAGO, 2019, p. 4), pois, apoiado nelas, podemos investigar com maior fundamento a “violência e a intolerância entre pessoas, grupos, classes, etnias, gêneros e gerações” (RAGO, 2019, p. 4). Igualmente, dedicarmo-nos às subjetivações vigentes e refletir outras subjetivações pode ser uma prática de resistência substancial no cenário atual.

Diante da renúncia de si propiciada pelo poder eclesiástico, resgatar as ideias foucaultianas do cuidado de si, do governo de si e da escrita de si pode ser uma alternativa outra para resistir e fugir do controle do Estado neoliberal individualizante, como por meio de contracondutas enquanto desejo de não ser governado – embora, evidentemente, todos sejamos governados em maior ou menor escala. Rago (2015) ainda assegura que “trata-se de enfatizar a necessidade de refletir sobre as possibilidades

de criação de vidas imaginativas, éticas, libertárias e feministas, em constantes devires” (RAGO, 2015, p. 111) – pois, assim, haverá a viabilidade de refletirmos sobre outras vidas, perspectivas e modos de resistência.

Com o crescimento do acesso à internet e do uso de redes sociais, o movimento feminista recupera seu ânimo com uma nova geração, que faz uso das tecnologias virtuais para se estruturar em redes, formular conteúdo online e debates dentro do ciberespaço (NATASOHN, 2013; TOMAZETTI, 2015). Essa ação amplia o movimento e, concomitantemente, continua o debate inaugurado na terceira onda, com uma perspectiva cultural e interseccional. Como analisa Tomazetti,

As mídias digitais e os meios de comunicação de massa vêm criando fluxos transnacionais de informação sobre as atividades e a atuação da Marcha das Vadias enquanto movimento global. Os sites de rede social online, como Facebook e Twitter, parecem ter se tornado as principais fontes de organização e difusão de centenas de protestos locais em diferentes continentes. Assim, as variadas apropriações e temas de embate passam a depender paralelamente de contextos locais e de práticas globais de comunicação. (TOMAZETTI, 2015, p. 495)

Bánon (2013) argumenta que o ciberfeminismo é uma maneira relevante de comunicação que possibilita a troca de conhecimento pluridisciplinar entre as militantes, a organização transnacional e a elaboração de uma consciência feminista por meio da tecnologia. Todavia, ela reitera que as feministas não podem deixar desaparecer o projeto político do movimento.

A comunicação feminista pelas redes sociais *online* visa tanto à estruturação dentro de movimentos sociais (CASTELLS, 2013) quanto à partilha de informações, vivências e conhecimentos. Para Ureta (2005, p. 381), a internet transformou-se em um ambiente de comunicação produtivo para as pesquisas feministas.

Em 2018, a Greve Internacional de Mulheres¹⁸, durante o 8 de março, colocou em evidência alguns aspectos que podem categorizar a presumida quarta onda: utilização de tecnologias de comunicação para denúncia, transnacionalização e horizontalização organizacional¹⁹. Nesse cenário, a elaboração de informações e a participação de mulheres na construção de conteúdos midiáticos transformam-se

¹⁸ Entrevista com uma das porta-vozes do movimento Ni Una Menos, que é um dos mais importantes da América Latina, sobre a quarta onda e o Greve, disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quarta-onda-feminismo-latino-americana/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quarta-onda-feminismo-latino-americana/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

significativamente e englobam uma importante característica das organizações feministas. Assim,

Claramente muitas mulheres ativistas e organizações de nicho migraram para a rede, assim como suas comunicações. A mudança tem produzido considerável economia financeira, apesar de não se saber o impacto geral. Produzir transmissões de rádio, Youtube, blogs e zines também não requer ou encoraja colaboração e comunidade. Ainda, o ciberespaço parece abrir para usos feministas e femininos. A mídia alternativa em particular demonstra ainda mais claramente que blogueiras pós feministas situa o potencial feminista de tecnologia para ajudar a desafiar as representações dominantes e, melhor, para permitir que mulheres constituam esferas públicas contrárias, no sentido que Nancy Fraser (1997) descreveu (STEINER, 2014, p. 374. Tradução da autora²⁰).

A inquietação com a criação de um feminismo global ou transnacional também surge nos estudos feministas de mídia, apesar de compreender que distintas mulheres transitam por diferentes opressões (STEINER, 2014, p. 373). A internet, que pode ser usada para difundir discursos feministas, construir comunidades, também se apresenta como um importante espaço para a revalidação de identidades e para a reestruturação de agendas, como acontece com o movimento LGBTQIA+, que diversas vezes coopera com o feminismo (STEINER, 2014, p. 375). É nesse movimento feminista que destacamos a ONG analisada nesta dissertação, Think Olga, a qual tem como foco a produção e multiplicação de informação acerca dos estudos feministas.

2.2. THINK OLGA: ORGANIZAÇÃO DE INOVAÇÃO SOCIAL

A Think Olga é uma ONG focada na construção e na propagação de informação do movimento feminista, com o objetivo de comunicar a mulheres sobre seus direitos e autonomia. Ela foi criada em 2013, e pode ser classificada como um *think tank*, que são instituições que se voltam para a resolução de problemas, formular conteúdo e conhecimento para os movimentos sociais.

²⁰ Clearly many women's activist and niche organizations have migrated to the web, as have their communications. The shift has produced considerable financial savings, although the overall impact is unclear. Producing streamed radio, YouTube, blogs, and zines neither requires nor encourages collaboration and community. Still, cyberspace seems open to both feminist and feminine uses. "Alternative" media in particular demonstrate even more clearly than the postfeminist blogger sites the feminist potential of technology for helping to challenge dominant representations and, better, for allowing women to constitute counterpublic spheres in the sense Nancy Fraser (1997) described (STEINER, 2014, p. 274).

De acordo com o informado na página dessa organização, a formulação de conteúdo é o intuito da organização, que também estabelece parcerias e constrói campanhas de engajamento e conscientização, nos arquétipos do ativismo de *hashtag* (#), promovendo conteúdos de parceiras ou seus próprios materiais. A ONG dedica-se em debater representação midiática, experiências e estratégias de mobilização pela ótica do sujeito feminino.

Em entrevista para o Idea Fixa, realizada em 2014, a autora, Juliana de Faria, explica que procura abordar o conteúdo sempre de maneira mais sutil, aberta e acessível, comunicando com vários públicos. Para ela, é significativo que as mulheres estejam instruídas sobre seus direitos e qualificadas para entrar na discussão pública, mas também é necessário formular um debate mais compreensível. Faria admite que as ações mais decisivas e assertivas sejam importantes para construir o diálogo em si, mas que opta por atuar de outra forma.

Na mesma entrevista, Faria elucida que a identidade visual é muito significativa para a ONG, já que as ilustrações e imagens precisariam nortear a narrativa, que procurava, através desses mecanismos, inspirar. Esse uso do desenho gráfico para engajar e protestar foi observado na campanha 100 Vezes Cláudia, que alcançou centenas de homenagens para Cláudia Silva Ferreira, mulher negra morta pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, em 2014 (THINK OLGA, 2018).

A organização argumenta que a intenção é a criação de um tipo de jornalismo independente e gratuito; informa, também, que já teve campanhas e conteúdos que alcançaram a grande mídia, como o documentário Chega de Fiu-Fiu, sobre assédio, que foi apresentado no canal GNT (Globo) e concedido ao público pelo canal. O filme teve direção de Amanda Karamanchek e Fernanda Frazão, foi elaborado pela Brodagem Filmes, financiado pela plataforma de *crowdfunding* Catarse e ganhou R\$65 mil em sessenta dias, com a cooperação de cerca de 1200 pessoas. A peça discute sobre assédio sexual em ambientes públicos e é parte do projeto de mesmo nome (THINK OLGA, 2018).

Segundo o que consta em sua página oficial, o projeto Chega de Fiu Fiu garante uma plataforma na qual as mulheres podem narrar onde/quando foram agredidas e assediadas em ambientes públicos. Ainda de acordo com as informações disponíveis, o intuito é mapear os espaços mais perigosos para mulheres no Brasil, de modo a auxiliar umas às outras a se protegerem. O projeto iniciou como uma campanha de engajamento

nas redes sociais para expor o assédio rotineiro nas ruas e sucedeu para o site e documentário.

O projeto é apoiado por financiamento coletivo e doações e alguns conteúdos podem ser de colaboradoras voluntárias. A ONG cria artigos (jornalísticos ou não) apresentando temas de interesse de mulheres e para autonomia feminina, vídeos informativos e com debates, infográficos, pesquisas e levantamentos e conteúdos especiais como os Minimanuais de Jornalismo Humanizado, Mulheres na Política e Guia da Mobilização, que são instrumentos de orientações para a militância e público em geral, com problematizações e sugestões de ações.

Os Minimanuais caracterizam-se por propor ter potencialidade de construir conscientização no público e nos jornalistas sobre inclusão e igualdade, sendo oportunos não só no prisma feminista, mas também nos Estudos para Paz (BARBOSA; SERIDÓRIO, 2017). A Think Olga também objetiva abranger a interseccionalidade em suas práticas e abordagens, com diversidade de colaboradoras e debates, para dar o máximo de espaço à grande pluralidade de vozes que marca a sociedade brasileira (BEZERRA, 2018).

Dentre as campanhas proporcionadas pela Think Olga estão o #PrimeiroAssédio, despertado por comentários sexuais sobre uma participante mirim de um reality show culinário, que alcançou mais de 82 mil menções pelo Twitter. Essa campanha é tida como uma das mais significativas da organização, atrelada à Chega de Fiu Fiu. Além do assédio sexual e moral, debatem-se, também, estupro e aborto, regimentos históricos da luta feminista.

É nas materialidades deste site que buscamos entender as relações de poder, visto que elas estão em todos os campos, inclusive nas práticas sociais, de forma que a relação entre os sujeitos ocorre por meio de jogos de poder. Sendo assim, articulamos, na próxima seção, Foucault (2010) e Machado (2010) e investigamos três dispositivos significativos: o disciplinar, o da biopolítica e o da sexualidade.

3. EXERCÍCIO DO PODER

Para abordar a formulação de um saber a respeito das coisas e dos sujeitos, o que ocorre através da circulação de enunciados de um arquivo, tratamos a questão do poder sob a perspectiva foucaultiana. Nesse sentido, o poder está estabelecido na descontinuidade do saber, exatamente porque o estuda e o ilumina dentro e fora de uma esfera hierárquica e privilegiada, tanto que no trabalho arqueológico a procura é sobre o saber a respeito do louco, do preso, das pessoas excluídas ou marginalizadas em dada época. Apesar da questão de o poder estar presente em toda a obra do autor, acontece após essa fase dita arqueológica uma ação maior sobre a relação entre saber e poder até a reflexão sobre como a vida dos cidadãos é administrada e sobre a relação do sujeito consigo, no que se refere à própria subjetividade. Na obra "Deux essais sur le sujet et le pouvoir" o filósofo afirma sobre onde está o foco de suas investigações:

Não é portanto o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral das minhas investigações. [...] É verdade que eu fui levado a interessar-me mais de perto pela questão do poder. Rapidamente me apercebi que, se o sujeito humano é apanhado nas relações de produção e nas relações de sentido, ele é igualmente apanhado nas relações de poder de uma grande complexidade (FOUCAULT, 2009, p. 2).

Partindo da hipótese de que não existe saber sem poder e de que não existe poder que transite fora dos enunciados efetivamente ditos e escritos, salientamos que o poder, segundo o filósofo, ocorre nas relações e em meio a relações de força. Isto é, o que existem são relações entre saber e poder.

O poder se dá em rede e é exercido por todos, porque é microfísico e encontra-se, assim, em toda parte, como nos mostra Foucault ao promover um lugar de evidência aos marginalizados, aos esquecidos ou condenados pela sociedade²¹. Nesse momento dos debates que propõe, o autor traz à reflexão a questão da resistência: se há resistência, com o exercício do poder ocorrendo nas mais distintas relações, a produção de saber parte de todos os sujeitos sobre os quais tais relações se efetuam.

Assim, uma das maneiras de se entender o poder em Foucault é tomá-lo como uma relação que se dá por meio de práticas sociais (MACHADO, 2010). O poder está em outros campos que não são somente o Estado, visto que chega ao nível individual.

²¹ Vidas que são como se não tivesse existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis se não, aniquilá-las ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis aqui juntar alguns restos (FOUCAULT, 2006b, p. 210).

Foucault, ensina Machado, “[...] viu delinear-se claramente uma não sinonímia entre Estado e poder” (MACHADO, 2010, p. 11).

Como já exposto anteriormente, levando em consideração que o poder se dá em rede, porque é exercido nas relações, temos que é por meio dele que se constroem saberes e estes também não são de privilégio exclusivo de alguns sujeitos em relação a outros, embora haja uma ordem que determina quem tem o *status* para enunciar discursos de verdade. Segundo Navarro (2008), o poder produz saberes, induz ao desejo, pois esclarece algo até então invisível. Sendo assim, podemos afirmar que, em toda relação, há produção de saber, dado que toda relação entre sujeitos ocorre por meio de jogos de poder.

Em “A arqueologia do saber”, a importância estava nas práticas discursivas, em certos campos do saber que produziam as subjetividades, nos textos posteriores o acento recai sobre o projeto genealógico, e as análises são efetuadas sobre a função do poder nas relações sociais, como resultado sobre a maneira de ser dos sujeitos. Já no estudo com ênfase no caráter genealógico, o trabalho do autor nos auxilia na investigação das condições de possibilidades de discursos, bem como na tentativa de compreender como os sujeitos são produzidos em práticas discursivas da mídia contemporânea.

Ainda com relação ao projeto genealógico, em Foucault (2007), a genealogia é definida pela união do saber erudito com o saber popular, o que promove a produção de um saber histórico das lutas. Por conseguinte, a genealogia, assim como a arqueologia, não busca a origem, antes, objetiva tornar os saberes históricos capazes de resistência ao discurso científico.

Valendo-se dessa perspectiva, Machado (2010) afirma que a genealogia não deixa de considerar o saber, porém o concebe como uma materialidade e instrumento de um dispositivo político que se relaciona com sua estrutura econômica. O método genealógico, assim, tem por fim o desenvolvimento de uma análise que estabeleça um vínculo entre as práticas discursivas e as práticas não discursivas. Nessa direção, o exame de dispositivos, conforme Machado (2010), colaborou para uma análise do que Foucault denomina de biopoder ou poder que governa a vida dos sujeitos.

Desse modo, o filósofo investiga três dispositivos nesse estágio de sua obra. O primeiro deles, o disciplinar, assume o corpo do sujeito como local das estratégias de saber/poder. Foucault (2008, p. 148) expõe que a “disciplina faz funcionar um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das

manifestações pelo jogo ininterrupto de olhares calculados”. Isso devido às técnicas de vigilância, o que acarreta em um jogo sem recurso à força e à violência.

Outro dispositivo observado é o que sujeita as populações a uma biopolítica, que tem como interesse um conjunto de indivíduos, a população, sendo, concomitantemente, alvo e instrumento nas relações de poder. Segundo Foucault (2008), as estratégias de que o governo se vale para auxiliar a população são a própria população sobre a qual o governo atua.

O terceiro dispositivo investigado por Foucault (2010) é o da sexualidade, “o dispositivo de sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder. [...] O dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle” (p. 101).

Com isso, devemos também ter em mente que o dispositivo de sexualidade se relaciona à economia por meio de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo fundamental – corpo que produz e consome. Foucault (2010, p. 101) nos faz refletir que esse dispositivo tem como motivo de existência “não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”.

Uma questão, todavia, não pode ser esquecida: o debate de Foucault ocorre sobre a sexualidade e não sobre o sexo. Observemos que, no primeiro volume da “História da sexualidade”, o autor nos apresenta que as sexualidades são formuladas socialmente, o que nos leva a entender o corpo não como entidade, mas sim como um envoltório de uma existência real, de uma sexualidade.

Apoiando-se em Foucault, Fischer (1999) apresenta como foram construídas quatro representações sexualizadas de sujeitos, sendo elas “a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal ‘malthusiano’ e o adulto perverso”, com a finalidade de caracterizá-las de acordo com as relações de poder e saber que as conceberam. Baseada na historização que o filósofo faz da sexualidade, Fischer considera que o dispositivo da sexualidade abarca um mecanismo discursivo e não discursivo, no interior do qual o sexo passa a ser abordado de maneira política, sendo regulado por uma discursividade. Para essa autora,

[o sexo] é regulado por toda uma discursividade, muito mais do que pela proibição, como o faz crer a hipótese repressiva. É preciso controlar as taxas de natalidade e, para isso, desenvolve-se um interesse obsessivo por dominar todos os dados que envolvam o ato

reprodutivo: o casamento, as relações sexuais, as interdições e as perversões (FISCHER, 1999, p. 49).

Sendo assim, o conceito de dispositivo, que permeia toda a obra Foucault pois não foi elaborado isoladamente em nenhuma de suas publicações, possibilita trabalhar, segundo Fischer (1999), não somente as práticas discursivas, isto é, aquilo que os homens falam, mas também o que fazem – o que se manifesta na dimensão material de um discurso.

Tendo em vista que o poder se exerce em meio as relações de força, devemos considerar o corpo como alvo de práticas discursivas e lutas de poder, pelo fato de estar sempre presente nas relações. A partir disso, debruçamo-nos, em “Um corpo que se quer dominar”, sobre uma discussão acerca do processo de identificação que é produzido, atualmente, para homens e mulheres e sobre como estes se moldam ou se opõem no que tange à dispersão enunciativa que os atravessa.

3.1. UM CORPO QUE SE QUER DOMINAR

O machismo e o sexismo intentam condicionar a mulher em um estado de menoridade – “que significa incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem a direção de outrem. Incapacidade, decorrente do excesso de autoridade associado à falta de decisão e de coragem” (CANDIOTTO, 2006, p. 74) – pelo uso que se faz da força. Seja um tipo de força pela qual há perda de energia, seja aquele tipo que submete alguém a uma ordem simbólica, o corpo da mulher é como instrumento concernente ao homem. De acordo com Bourdieu, tudo contribui para fazer “da experiência feminizado corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros” (BOURDIEU, 2005, 79).

Primeiramente, é necessário considerar que o mundo social produz corpos com realidades sexuadas e relacionados a questões sexualizantes. Isso leva Bourdieu (2005) a uma reflexão sobre a diferença entre os sexos biológicos, especialmente na diferença anatômica entre os órgãos sexuais, como explicação para a diferença que se estabeleceu entre os gêneros. O homem só é identificado como realmente homem dados os atributos de virilidade, uma construção fundamentada na genitália masculina. Conforme Bourdieu (2005, p. 20-21),

compreende-se que o falo, sempre presente metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante. À maneira dos filhoses ou da massa folhada, que se come no momento dos partos, das circuncisões, do nascer dos dentes, ele “cresce”, ou ele “se levanta”. O esquema ambíguo do enchimento é o princípio gerador dos ritos de fecundidade que, destinados a fazer crescer mimeticamente (o falo e o ventre da mulher), pelo recurso sobretudo a alimentos que inflam e fazem inflar, se impõem nos momentos em que a ação fecundadora da potência masculina deve se exercer, como nos casamentos – e também por ocasião do início das lavouras, tempo de uma ação homóloga de abertura e fecundação da terra.

O aspecto dos órgãos sexuais é, para o autor, objeto de uma construção de acordo com escolhas a partir da acentuação de diferenças e do “apagamento” de semelhanças. Segundo descobertas de Christine Pouchelle, mencionada por Bourdieu (2005), a vagina era retratada, nas anotações de um cirurgião da Idade Média, como um pênis invertido, o que gera um sistema de oposições entre ativo/passivo, cheio/vazio, duro/mole, princípio utilizado como medida de todas as coisas. Tais esquemas de compreensão dos órgãos sexuais e dos atos sexuais se empregam, conforme Bourdieu (2005 p. 24-25), no próprio corpo, “masculino ou feminino, que tem seu alto e seu baixo – sendo a fronteira delimitada pela cintura, signo de clausura [...] e limite simbólico, pelo menos para a mulher, entre o puro e o impuro”.

Nessa perspectiva relacionamos o sistema de oposições citado ao texto “As palavras e as coisas” (FOUCAULT, 1994). O estudo comparativo dos clássicos evidencia que, embora hesitem sobre objetos múltiplos, seus discursos revelam uma regularidade ou uma espécie de isomorfismo quanto às regras de formação, quando se refere à definição dos temas específicos de seu campo de análise, da formação dos seus conceitos e da produção de suas teorias. No entanto, para Foucault, estes homens de ciência ou filósofos não tinham nítida consciência da simultaneidade ou da regularidade de tais regras. Por essa razão, a hipótese de que existe um “inconsciente positivo do saber” (FOUCAULT, 1994, p. 9)²² numa definida época e numa cultura específica e que, no entanto, faz parte do discurso científico ou filosófico do tempo no qual um pensador pode ser localizado.

²² Em outro excerto, Foucault explica que esse inconsciente do saber toma distância de algo como o “inconsciente freudiano”, ou um “pensamento radical esquecido, recoberto, desviado dele próprio”; antes, ele se refere às “regras específicas” que estabelecem os discursos como verdadeiros numa dada ordem (FOUCAULT, 1994, p. 284)

A construção da simultaneidade das regras de formação de discursos tão dissemelhantes é que possibilita a Foucault localizar os clássicos a partir da *épistémè* da Representação. Existe uma ordem do discurso que propicia aos saberes empíricos e às reflexões filosóficas serem oferecidas ao conhecimento pelo modo de ser da Representação; ela é que determina sua existência, ainda que, antagonicamente, só possa ser conhecida por meio deles.

Desse modo, com base em um esquema que se fundamente nas construções que distinguem os órgãos sexuais, o corpo da mulher é elaborado como aquele que deve servir ao desejo do homem. Sobre essa condição, Foucault (1982) demonstra como, na França do século XIX, a diferenciação dos órgãos genitais pelo saber médico pratica poder sobre a vida das pessoas: uma pessoa hermafrodita/intersexual, Herculine Barbin, foi impelida a assumir uma identidade masculina, sem dessa forma encontrar-se, porque seu sexo assemelhava-se mais com um pênis do que com uma vulva. Isso demonstra a noção de que os órgãos sexuais são socialmente criados, exercendo “papéis” distintos. É como se estivéssemos diminuindo os órgãos sexuais, porque na sociedade patriarcal esse traço físico é o que determina quem somos no mundo.

Recuperando Bourdieu (2005), provoca-nos inquietação a compreensão do autor como sendo surpreendente que praticamente não sejam encontradas explicações da hierarquia sexual, ainda que mencione o mito do nascimento da cevada, em “Le sens pratique”, e o mito sobre a posição homem e da mulher na relação sexual no trabalho de investigação da maneira como se estabelece a força de ordem masculina. De toda maneira, o autor argumenta que é devido essas construções sociais acerca das diferenças biológicas, a gosto androcêntrico, que ocorreu a divisão no interior das casas, no trabalho, no mundo:

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 2005, p. 33).

A partir dos sistemas já mencionados, as mulheres foram conduzidas a se vestir de maneira distinta dos homens, a permanecer com as pernas fechadas (a parte obscena, abaixo da cintura), a abaixar o olhar (a parte alta, dos homens, que só eles podem conhecer), a tomar conta da casa e das tarefas domésticas, sendo rejeitadas das tarefas vistas como nobres. Esses exemplos são consequências do poder simbólico, que faz

observar “a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (BOURDIEU, 2005, p. 47).

O autor acredita, como é possível perceber, que tais esquemas não são permanentes. Isso porque possibilitam evidências de que eles são construções contínuas de reprodução, consequentemente históricas, “para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado” (BOURDIEU, 2005, p. 47).

A compreensão da construção social – a qual é resultado discursivo de lutas de poder – da separação dos corpos, de acordo com os estudos expostos, marca o entendimento de como se dão os processos que colocam a mulher em funções secundárias na sociedade contemporânea e como um exemplo que se pode ainda considerar patriarcal assegura formas de continuidade.

Levando em consideração o exposto, esta pesquisa traz para o debate os estudos sobre o corpo, efetuados por Foucault, que discute tal questão ao tratar o sujeito como criação histórica, que desempenha sua função em um corpo. Fundamentados nesta consideração, Prado Filho e Trisotto (2008), mencionados por Lachi e Navarro (2012, p. 27), verificam que “quando transportado para uma perspectiva que considera a história e a cultura, esse corpo deixa de ser natural e passa a ser encarado como construído”.

Bourdieu (2019) busca traços da violência simbólica que se exerce no social, destacando o corpo e a sujeição a que estão submetidas as mulheres. A partir disso, Navarro e Ceniz (2021 p. 6317) observam que “alguns desses traços evidenciam as condições do exercício de poder dos homens, o que lhes garantem primazia nas estruturas sociais e em atividades produtivas e reprodutivas”. Embora a virilidade não pertença somente ao universo masculino, será a partir dela que o comportamento de enunciação poderá se expandir ao corpo social, gerando, dessa forma, um mecanismo tanto disciplinar quanto de controle dos sujeitos.

Nessa direção, as discussões sobre o corpo devem considerar o exercício do poder, visto estar sempre presente nas relações, as quais só são possíveis a partir de corpos que abrigam sujeitos. É como se não se pudesse determinar uma ordem do que vem antes entre corpo, sujeito e poder. No entendimento de Lachi e Navarro (2012, p. 30), “o poder se exerce nas ações cotidianas, e é no cotidiano do corpo que ele estará presente”.

Dada a premissa de que o corpo sempre está nas relações de poder, os dispositivos disciplinares, tal como são abordados nos estudos foucaultianos e aprofundados na seção 3.2 desta pesquisa, são definidos por espaços como a escola, o hospital, a prisão, que os confinam e os adestram. Mas ainda que o poder visível ocorra sobre corpos orgânicos (dos indivíduos), é sobre os corpos criativos (dos sujeitos) que a disciplina pretende instaurar modificações para transformar seu potencial disponível de várias formas.

Bem como as disciplinas, os discursos produzidos nessas instituições definem comportamentos e produzem mecanismos de controle sobre os corpos e as subjetividades. Sobre isso, Foucault (1985) aborda o silenciamento e a repressão ao discurso sobre a sexualidade – a discussão é concedida somente por aqueles considerados autorizados a falar sobre os possuidores do saber erudito, quais sejam: aqueles que ocupam lugar de fala nos campos médico, jurídico, psiquiátrico e religioso.

Apesar de tal repressão emergir sobre todos os seres, o tema da sexualidade para as mulheres aparenta estar “mais proibido”. Não discutimos sobre sexo e sexualidade, porque fomos ensinadas, desde crianças, a não falar sobre temas como estes, sobretudo na presença de homens. Não aprendemos a explorar o próprio corpo, mas, paradoxalmente, tivemos nossos corpos sexualizados e estampados em *outdoors*, com mais constância que os dos homens. Um debate sobre o arbítrio da mulher de desejar estar nessas esferas mereceria um capítulo à parte.

Nos debates atuais, a mulher que dialoga sobre sexo é frequentemente vista como “empoderada”, em ambientes em que o tema e o seu enunciador não sofrem interdições, ou vulgar e oferecida. Diferentemente das mulheres, aos homens que falam sobre sexo e sexualidade a ordem discursiva avalia como algo habitual. Em geral, no entanto, elas ainda aparentam estar reduzidas a uma força de ordem masculina, de que menciona Bourdieu (2005).

Os termos citados se unem ao que menciona Foucault no decorrer de sua obra. Para o autor, o corpo em si é um acontecimento discursivo, porque é nele que as subjetivações decorrentes de processos disciplinares, por exemplo, se apresentam em ações e discursivamente. Nesse sentido, apoiamo-nos na formulação conceitual “sujeito-corpo-discurso”, mobilizada por Navarro (2020), para questionar as condições históricas e políticas que os sujeitos têm ao seu alcance para realizar práticas de resistências cujas ações daí provenientes proporcionaram mudanças importantes no e para o exercício do bom governo de si e dos outros.

Essa formulação teórico-metodológica pode nos auxiliar na análise de discursos, uma vez que considera o corpo como um lugar de conflitos e de disputas pelo saber, mas também como um lugar estratégico de luta do sujeito frente aos processos de subjetivação. A esse respeito, Navarro e Miranda complementam que

o saber participa, semanticamente, dessa formulação, uma vez que os movimentos descontínuos e dispersos na história tomam o enunciado como um elemento que constitui/define/singulariza subjetividades em meio às relações existentes entre poder, saber e resistência (NAVARRO; MIRANDA, 2021, p. 162).

Dessa forma, os elementos precursores dessa formulação, conectados que estão por essa relação semântico-discursiva, dão base para o entendimento de como se formam as resistências, em um espaço enunciativo belicoso sobre o jogo de poder que se determina entre as agendas feministas e a dominação masculina.

A nosso ver, esse corpo-sujeito-discurso é atravessado pelo poder e também um lugar para a emergência de discursos de resistência, visto que pode fugir às engrenagens. Refletir sobre o corpo, a partir de estudos foucaultianos, em uma aproximação com as noções desenvolvidas pelos autores citados, proporciona também um entendimento do corpo da mulher: corpo que se encontra sob um poder dominador; que é subjetivado por este mesmo poder; que é poder, porque está nas relações e porque, mesmo estando sob processos de objetivação, pode encontrar espaços para resistência, basta ver os feminismos.

Para nós, essa ação corresponde ao que estuda Gros (2018) sobre a obediência/desobediência. É nesse autor que nos ancoramos para compreender a constituição e a inscrição do sujeito na história atual, história essa que nos incita a refletir sobre a desobediência a partir da obediência. Expondo um desconforto com o estado presente da sociedade, esse autor inicia sua reflexão, buscando respostas à seguinte indagação: por que desobedecer? Pelo que nos expõe, a sociedade tem aceitado o inaceitável de forma que o mundo estaria, cada vez mais, transformando-se em algo repugnante às próximas gerações. Diante de tantas dificuldades que se acumulam na história, a obediência tem se revelado através de ações de indivíduos irresponsáveis, que não se revoltam com as injustiças ou com as indecências, acomodados e subalternos, sendo assim se mantendo passivos e não questionadores. Em vista disso, Gros visa estimular um pensamento que proporcione o fortalecimento de uma “democracia

crítica” e a ação “de um si político que contém um princípio de justiça universal” (GROS, 2018, p. 16).

Esse filósofo apresenta uma importante reflexão teórica e analítica sobre os modos de obediência política vigentes na sociedade, fragmentados em formas de submissão, de subordinação, de conformismo e de consentimento (SARGENTINI, 2021). Em meio às discussões, o autor ressalta a característica coletiva desses modos de exercício do poder, pois “[...] é só na obediência que nos agrupamos, que nos assemelhamos, que não nos sentimos mais sós. A obediência faz comunidade. A desobediência divide. Não há outro meio de nos saber e nos sentir unidos a não ser sujeitarmo-nos ao mesmo jugo, ao mesmo chefe” (GROS, 2018, p. 25).

Gros destaca que a atitude já fora associada à animalidade, aos anormais e incorrigíveis, mencionados por Foucault em seus estudos acerca da psiquiatria, no curso do *Collège de France* (1975).

O incorrigível é o indivíduo incapaz de se submeter às normas do coletivo, de aceitar as regras sociais, de respeitar as leis públicas. São os estudantes turbulentos, preguiçosos, incapazes de seguir ordens; os maus operários desleixados. O indivíduo incorrigível é aquele diante do qual os aparelhos disciplinares (a escola, a Igreja, a fábrica...) confessam sua impotência. Por mais que seja vigiado, punido, por mais que lhe imponham sanções, o submetam a exercícios, ele continua incapaz de progresso, inapto para reformar sua natureza e superar seus instintos (GROS, 2018, p. 27-28).

De acordo com as leituras embasadas em Gros, podemos compreender que a desobediência exige um estado de liberdade, isto é, vontade de desobedecer que, correntemente, é produzida por um acontecimento injusto e/ou autoritário provocado por um agente que detém poder sobre os indivíduos. Ainda segundo Gros,

quando o sujeito político é governado por um ambicioso cínico, o que ocorre com sua obediência? A partir do momento em que a condição da relação de subordinação (uma suposta superioridade moral, espiritual, intelectual reconhecida do dirigente político) vai para os ares, estaria ele autorizado enfim a desobedecer e a se revoltar, a se tornar um insubordinado? A primeira reação seria dizer: “Claro que sim, um povo que se vê dirigido por um rei tirânico, uma nação que é presa de um governo corrupto, sujeitos políticos representados por incompetentes que só calculam sua carreira, evidentemente veem-se justificados a desobedecer”. Em sua *Suma teológica*, Tomás de Aquino escreve que [...] uma lei, quando é injusta, perde o poder de nos obrigar [...]. É dessa maneira que se articula o **direito de resistência** às autoridades políticas, reconhecido aos povos, quando as

leis ignoram sua finalidade primeira: trabalhar para a utilidade de todos e construir a concórdia (GROS, 2018, p. 71-72, grifo nosso).

No caso do canal Think Olga que inicia o movimento de resistência para empoderar os sujeitos femininos, essa vontade de desobedecer é ocasionada pelas imposições sociais patriarcais. Se os papéis e ambientes que afetam e prejudicam diretamente os sujeitos femininos são impostos pela sociedade estruturalmente machista, estariam eles no direito de resistir, por conseguinte, de desobedecer. A noção de desobediência apresentada por Gros (2018), em diferentes práticas, requer, especialmente, um si político, ético e livre.

A submissão, por exemplo, é um modo de obediência pautado em uma relação de forças dessemelhante, instável. Seu modo contrário é um comprometimento de revolta, de rebelião; a revanche é a insubmissão (GROS, 2018). O estímulo para a desobediência, nesses casos, “a verdadeira revolução, deve começar por uma abdicação interior [...]. Devemos resistir não ao poder em suas formas instituídas, e sim sobretudo ao nosso desejo de obedecer” (GROS, 2018, p. 54-55). A prática da desobediência é retratada como prática de liberdade decorrente de uma disposição ética desse sujeito que vive em uma relação de poder – injusta e dessemelhante. Não é suficiente ser livre para desobedecer, é necessário ter disposição e coragem.

Esse estímulo ressurgem em aproximadamente todos os modos de desobediência desenvolvidos pelo teórico, pois a resistência requer essa atitude crítica do sujeito. Gros (2018) também aborda sobre um tipo de resistência civil pacífica, que não utiliza a força bruta, com base em uma prática de obediência mínima, que se divide em ironia cética e provocação cínica.

A primeira se refere à revolta de pensamento e/ou discursiva: “[...] o cético as respeita [as leis], mesmo que em seu íntimo lhes negue qualquer legitimidade intrínseca. Com efeito, ao mesmo tempo em que “aparentemente” respeita as convenções, o cético conserva livre o exercício de seu juízo [...] [é o] revoltado do discurso interior” (GROS, 2018, p. 100-101). Contudo, o autor não evita críticas a esse desobediente, pacato demais. De acordo com ele, carecem duas atitudes fundamentais: “a resolução de manifestar publicamente suas críticas e a resolução de desobedecer em ato a tudo que meu pensamento desaprova” (GROS, 2018, p. 101).

Na provocação cínica, o desobediente somente abdica de tudo o que não concorda. Dessa forma,

[...] ataca de modo mais frontal, mais violento, as convenções sociais: desobedece-lhes publicamente e em ato. [...] Recusa qualquer conforto, material ou moral, passa a existência a ladrar contra a estupidez social, e é levando essa vida de cão que ele denuncia a hipocrisia, que ridiculariza qualquer hierarquia. Exige que sua vida seja a mais despojada possível de qualquer aparato sufocante, de qualquer supérfluo sociocultural que a sobrecarregue: faz sua vida mais leve (GROS, 2018, p. 101-102).

Passando à desobediência civil, que também é compreendida como sinônimo de “transgressão”, somos conduzidos à tragédia de Antígona²³. A personagem da mitologia grega nos possibilita refletir não apenas sobre as manifestações públicas de desobediência, mas também sobre como podemos evoluir para uma obediência a si mesmo – a desobediência da ordem requer uma obediência a concepções, a uma ética própria.

Posteriormente, considerando a transgressão como atitude coletiva, Gros (2018, p. 143) relaciona a noção do ideal de democracia, expondo que

a desobediência civil apoia-se na constituição de um coletivo que exprime a recusa de ser ‘governado assim’”, utilizando uma expressão de Foucault. Para ele, a democracia é um regime político cuja exigência de liberdade, igualdade e solidariedade nos faz desobedecer. “É a democracia crítica (GROS, 2018, p. 144).

A postura ética de desobediência civil unifica os conceitos de consciência coletiva (transgressão/revolta) à dimensão ética do sujeito (individual), atingindo à inviabilidade de permanecer na obediência.

O sujeito da desobediência obedece a si mesmo, resgatando a prática da transgressão de Antígona. Assim,

a prioridade não é a obediência às leis, a conformidade com as regras, mas à preservação, a salvaguarda de nossos próprios princípios. Cada um, porquanto existe realmente, deve deixar-se guiar por sua consciência em vez de obedecer cegamente às leis em completa passividade. [...] A desobediência é um dever de integridade espiritual. Quando o Estado toma decisões iníquas, quando empreende políticas

²³ Para garantir que o irmão seja enterrado e tenha um funeral digno da moral familiar, Antígona arrisca a própria vida, desobedece e é punida com a sentença de ser enterrada viva. “Antígona é prisioneira: ou ela obedece a Creonte (o que a obriga a trair os deveres familiares, a macular sua alma e a insultar a memória de seus ancestrais, a se expor às vinganças dos deuses), ou obedece às regras sagradas, o que significa transgredir as ordens do novo rei, desprezar a ordem pública ao risco do sofrimento e da morte. [...] Antígona escolhe desobedecer, mas essa desobediência é a outra face de uma obediência superior. Ela não precisa de repetir: obedeço às leis eternas da família, às prescrições imemoriais. Eis uma primeira estrutura: Antígona não desobedece por capricho, ou por insolência [...] Antígona está só obedecendo, mas a leis cuja legitimidade eterna ultrapassa as pobres leis frágeis, transitórias dos homens” (GROS, 2018, p. 83).

injustas, o indivíduo não pode se limitar a resmungar antes de ir dormir. O indivíduo não está simplesmente “autorizado” a desobedecer, como se se tratasse de um direito do qual ele poderia fazer uso ou não em nome de sua consciência. Não, ele tem o **dever de desobedecer**, para permanecer fiel a si mesmo (GROS, 2018, p. 153, grifos nossos).

Nessas circunstâncias, Gros (2018) apresenta a ação indelegável, que não pode ser atribuída a outro: ninguém pode ser eu em meu lugar. Esse sujeito da desobediência é convocado a atuar em benefício dos outros e se conscientiza de que ninguém pode atuar em seu lugar, pois

é preciso desobedecer a partir desse ponto em que nos descobrimos insubstituíveis, no sentido preciso de fazer essa experiência do indelegável, fazer a experiência que “cabe a mim fazer” [...] que não posso transferir a mais ninguém a tarefa de ter de pensar o verdadeiro, de decidir sobre o justo, de desobedecer ao que me parece intolerável (GROS, 2018, p. 156).

Considerando-se que a desobediência está ligada ao cuidado de si, como sugere Gros,

É pelo cuidado de si que nos impedimos de cometer abominações, de participar de empreitadas criminosas. [...] Não se trata de cuidar de si no sentido de uma postura egoísta, individualista, mas de permanecer vigilante nesse núcleo ético que habita cada um (2018, p. 181).

Gros, ao longo de sua explanação, nos instiga a criar formas do inaceitável, e a desobediência é exposta como essencial para que se estabeleça uma relação mais democrática. Obedecemos porque nos submetemos a uma relação de forças, mas também podemos nos opor contra a força que predomina nessa relação – eis a sugestão de Kant trazida por Foucault (2005). A partir do esclarecimento de quem são no mundo, mulheres podem denunciar agressões com a consciência de que seus corpos não podem ser assediados por ninguém, alcançar cargos de liderança ao entenderem que são tão capazes quanto homens, vencer em campos de futebol, optar ter ou não filhos, decidir por depilar-se ou não, casar-se ou não, em um movimento oposto forçado pelo machismo. Inspirados nas reflexões de Gros, podemos afirmar que aderir à agenda feminista é acreditar na humanidade.

É nesse fluxo contrário que observamos a resistência das mulheres contra os homens que tentam apropriar-se de seus corpos, dos grupos de mulheres se opondo ao poder praticado por uma sociedade patriarcal. Sendo assim, precisamos de uma

ferramenta nesta resistência pra nos orientar e capturar, de forma que determine aquilo que é dito e o não dito, esta ferramenta é o dispositivo, que, nesse caso, atua como uma estratégia.

3.2. DISPOSITIVO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

Fazer uso do dispositivo como método para análise de discursos viabiliza que sejam relacionadas em um trabalho de análise discursiva as questões do saber e do poder. Ou seja, mobilizando a noção de dispositivo como estratégia, queremos articular, com destaque, o método arqueogenealógico, dispondo de outros mecanismos desenvolvidos por Foucault para uma reflexão sobre o sujeito mulher na série enunciativa sob investigação.

Em razão das diligências do campo teóricos, iniciamos recuperando os estratos históricos de saber, como sugere Deleuze (2017), para relacioná-los aos dispositivos aos quais os sujeitos são solicitados a fazer resistência. Deleuze nota que a investigação de Foucault sobre o advento e as modificações históricas acerca dos objetos de poder-saber autoriza constatar que cada estrato de formação histórica em que tais objetos emergem, modificam-se ou extinguem-se, dispõem de seus regimes de visibilidade e de enunciabilidade. Como observa a autor,

Toda formação histórica vê aquilo que é capaz de ver, toda formação histórica vê tudo o que ela pode ver. E, correlativamente, toda formação histórica diz tudo o que pode dizer. Uma formação histórica se definirá com base em suas próprias evidências, ou seja, no seu regime de discursividades (DELEUZE, 2017, p. 25).

Deleuze (1990) sugere ainda um debate acerca das linhas de subjetivação, que requereu de Foucault um tipo de reconfiguração do mapa dos dispositivos, isso para que não permitisse que as linhas de força estabelecessem contornos permanentes ao conceito. Assim sendo, a partir das linhas de subjetivação é possível transpor os muros das linhas de forças e o produto surge quando a própria força se volta a si mesma em vez de encontrar outra força. Deleuze (1990) afirma que a linha de subjetivação está relacionada a uma produção de subjetividade, o que supõe um processo anterior, que é o da objetivação. A linha de subjetivação, de acordo com Deleuze (1990), foge às outras,

pois interpreta um processo de percepção do sujeito perante um grupo, o que não julga estar presente em todo dispositivo.

Atribuindo uma ótica mais metodológica do conceito, Dreyfrus e Rabinow (1995, p. 134) nos direcionam para uma situação da obra de Foucault em que o dispositivo surge como um mecanismo através do qual é provável “isolar ‘estratégias de relações de força que suportam tipos de saber e vice-versa’ [...]”. Entretanto, ele [Foucault] não nos explicou os limites da técnica”.

Para expandir o exposto, recorreremos a Agamben (2005) que, em seu empenho para “traduzir” o conceito de dispositivo, demonstra que este é crucial para entender a estratégia de pensamento foucaultiano. Ele resume três trechos de uma entrevista dada por Foucault em 1977, os quais ajudam em uma provável caracterização de dispositivo:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos. 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder. 3) É algo de geral (um reseau, uma "rede") porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico (AGAMBEN, 2005, p. 9).

Para Agamben (2005, p. 11), o desejo de Foucault está em “investigar os modos concretos em que positivities (ou dispositivos) atuam nas relações, nos mecanismos e nos jogos”. Em uma significação mais exata, o autor declara que o dispositivo tem competência de capturar e orientar, perspectivas consideradas no entendimento de Dreyfrus e Rabinow (1995). Citando Agamben:

Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões. Os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc. cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das conseqüências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2005, p.13).

De que modo o dispositivo pode atuar como método? Para responder à questão, recorreremos a um dos autores brasileiros que mobilizam a teoria foucaultiana. Trata-se de Fernandes Júnior (2014), para quem a concepção de dispositivo é a referência da passagem dos estudos arqueológicos para os genealógicos, consistindo em mecanismo capaz de articular elementos heterogêneos, ou, como estabeleceu Foucault (2007), o dispositivo é a rede que se pode determinar entre aquilo que é dito e o não dito.

Apoiado em Foucault, Fernandes Júnior (2014) destaca haver um jogo que pode modificar as posições e as funções diferentes e que se relaciona a um tipo de formação, como resultado de uma emergência histórica. Levando-se em conta que o poder sempre esteve vigente na obra de Foucault e que uma elaboração, em si, não pode ser encarada como enunciado senão pela existência de características que estão no não dito, fundamenta a tese foucaultiana de que só é possível estudar o discurso não o reduzindo ao aspecto linguístico, por uma via que possibilite acessar, além do “como”, o “porquê” do discurso. O autor (2014, p. 61) cita que “discurso e dispositivo são conceitos interligados, de forma que o segundo possibilita a produção do primeiro, sendo este imanente àquele”.

Outra autora que se debruça sobre tal conceito é Sargentini (2015). Para ela, é necessário dispor de vários gestos para se estudar um dispositivo, dentre os quais está o exercício de desnaturalizar aquilo visto como situado na história, o que leva à obrigação de se refletir todo um universo de dispersão ao redor de um discurso. De acordo com Sargentini,

o conceito de dispositivo é, portanto, pautado na noção de rede, de relações estratégicas, considerando que teórica e metodologicamente auxilia-nos a reunir a dispersão dos discursos e acompanhar as práticas discursivas que de forma ramificada produzem, em um ruído silencioso e contínuo, as transformações dos discursos que circulam na sociedade (SARGENTINI, 2015, p. 26).

O dispositivo que aparece nos enunciados verbais sonoros e nos enunciados verbais escritos a respeito de mulheres empoderadas é o da sexualidade. É em torno da sexualidade que se constrói a noção de que lugar as mulheres querem ocupar na sociedade. Numa perspectiva foucaultiana, a sexualidade não diz respeito à explosão de instintos, mas se refere a um agrupamento de discursos que a modificam em um dispositivo de poder, isto é, como uma função estratégica de controle dos sujeitos que sucede na construção de subjetividades.

Mobilizando as noções apresentadas sobre as maneiras dispersas de colocação do sexo em discurso, Navarro e Zíngara (2016) postulam que estas maneiras dispersas não teriam a responsabilidade de impossibilitar o indivíduo do exercício de sua sexualidade, mas sim de fazer disso um componente que, ao relacionar sujeito e sexualidade, impõe que os indivíduos associem sua identidade a um processo de subjetivação por vezes imposto.

Deste modo, o próprio sexo, por exemplo, passou a ser um “objeto histórico”. Nos últimos séculos, as sociedades ocidentais não apresentam um poder substancialmente repressivo em relação ao sexo, isso pois, como nos descreve Navarro e Miranda (2016):

O Ocidente não negou a sexualidade, isto é, não disse não ao sexo, por isso a questão não deve ser posta em termos de interdição, mas de uma proliferação dispersa de discursos sobre o sexo e a sexualidade dos indivíduos. E tais formas dispersas de colocação do sexo em discurso teriam por função não impedir o indivíduo do exercício da sua sexualidade, mas justamente fazer da sexualidade um elemento constitutivo dessa ligação que obriga as pessoas a se associar com sua identidade na forma de subjetividade. (p. 34)

Foucault já indicava que a luta contra as formas de objetivação – contra a submissão da subjetividade – estava passando a ser cada vez mais significativa, o que vem se revelando nos dias atuais, sobretudo no que se refere à questão da sexualidade. Nesse contexto, podemos observar as lutas como uma oposição aos efeitos de poder associados ao saber, pois, simultaneamente, interrogam o saber privilegiado, se opõem “ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas” (FOUCAULT, 1995, p. 235). É no discurso que se relacionam saber e poder. Todavia, não devemos tomar o discurso como uma divisão entre discursos aceitos e excluídos, mas como “uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (FOUCAULT, 1995, p. 110). Refletir o discurso com Foucault é, dessa forma, reconhecer sua relação íntima com o desejo e poder. É nesse âmbito em que se localiza o discurso sobre a sexualidade na sociedade atual, nessa relação tensa entre saber/poder/resistência:

A sexualidade, entendida como um ponto de passagem denso pelas relações de poder entre homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, entre educadores e alunos, torna-se um instrumento no qual se apoiam e se articulam as mais variadas estratégias. Com isso,

entendemos que a redução do sexo à função unicamente reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta, tendo como único lugar legítimo o casamento, não dá conta dos mais variados objetivos e ações nas políticas sexuais no que tange aos dois sexos”. (NAVARRO; MIRANDA, 2016, p. 39)

Compreendemos que em uma sociedade que cumpre os padrões impostos pelo patriarcalismo, tem-se no masculino, segundo Souza e Carvalho (2003), o gênero social predominante tomando posição principal nas relações e práticas sociais. Caracteriza-se, assim, o sujeito feminino como gênero submetido ao do sujeito masculino. Encaminhando essa noção para as práticas cotidianas, ora colaboram, ora resistem nas relações de força.

4. POR UMA ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA DO COLETIVO THINK OLGA

A “vontade de verdade” que se manifesta em todo discurso estimulou a escrita desta seção, que tem o objetivo de demonstrar o percurso metodológico a ser trilhado neste estudo, bem como expor o motivo da seleção do material que constitui o arquivo e como chegamos a este material de análise. É o intuito, também, desta seção, explicitar o motivo pelo qual o material sob análise é caracterizado como enunciado e, como tal, qualificado como acontecimento. Nesse sentido, faz-se necessária uma análise discursiva sobre as narrativas audiovisuais produzidas e veiculadas pelo coletivo Think Olga, aqui compreendido como o lugar discursivo em que se alojam os saberes construídos pelos dispositivos midiáticos. Tal proposta requer que se descreva e que se interpretem os fatos de discursos na trama da língua com a história, pois o discurso não mobiliza a história, porém é mobilizado por ela e por seus dispositivos. Da mesma maneira, problematizamos a atualidade como acontecimento.

Em relação à história, a seção objetiva apresentar porque ela é entendida como descontínua, visto que existe uma tradição da história que tende a diluir o acontecimento único em uma continuidade ideal. Além disso, não existe produção de verdade sem a constituição de subjetividades. Todavia, refletir a subjetividade do sujeito feminino atual, assim como vem sendo formulada pelos dispositivos midiáticos, requer percorrer, pelo menos, três séries temáticas como forma de organizar o arquivo. 1ª)

dispositivo da sexualidade; 2ª) hegemonia; 3ª) resistência. O reagrupamento das três séries de enunciados, quando da descrição do modo como o dispositivo da sexualidade produz saberes sobre a subjetividade feminina na mídia, deu-nos subsídios para a compreensão das condições de possibilidade do saber midiático com relação às estratégias de educação aliadas à tecnologia produzida por mulheres, para mulheres e sobre mulheres.

Para que se estabelecessem essas séries, todavia, partimos de alguns questionamentos suscitados da leitura feita das materialidades midiáticas, aqui compreendidas como objeto empírico a ser analisado. As materialidades na seção 5.2 e 5.3 foram destinadas à análise do arquivo, retomadas e explicitadas, importando para este momento, porém, elencar o questionamento. A primeira questão relaciona-se aos acontecimentos, na mídia, que atravessam a atualidade, produzindo uma série de discursos e, conseqüentemente, de práticas e de comportamentos, ao mesmo tempo em que se buscam, nessa atualidade, os traços de uma “ruptura acontecimental” quanto à subjetividade da mulher. Já a segunda objetiva entender como se dá a hegemonia e como ela influencia o campo midiático e a produção de discursos de dominância. Para Gregolin (2007) são as mídias que exercem o papel de intermédio entre os leitores (ou espectadores) e a realidade. Ela compreende as narrativas midiáticas como uma formulação que nos possibilita construir formas simbólicas de representação. Conforme essa autora, a mídia é o primordial dispositivo discursivo através do qual é produzida nossa “história”. E a terceira questão pautamos na investigação de meios de resistência aos discursos predominantes partindo de diferentes óticas e ações que surgem neste contexto de conflitos ideológicos.

Para responder a tais questionamentos é fundamental a compreensão de que não existe outro trajeto de acesso ao funcionamento discursivo do dispositivo da sexualidade da mulher senão a partir da historicização dos enunciados ditos ou escritos sobre o tema. Isso revela a possibilidade de percepção da mudança histórica de indivíduos em sujeitos.

Compreendidos esses movimentos metodológicos de produção e de organização do objeto de formação do arquivo, vale delinear, também, uma divisão relacionada aos suportes midiáticos aos quais as materialidades fazem parte. Como critério de seleção dos suportes midiáticos, consideramos, primeiramente, a metodologia de análise utilizada na pesquisa, a saber, análise arqueogenealógica e, depois, por se tratar dos discursos midiáticos que subjetivam e objetivam a mulher contemporânea, partimos de

um levantamento de conteúdos audiovisuais da Think Olga no Youtube, pela disponibilidade de acesso que essa modalidade proporciona e porque a internet tem sido apresentada como um suporte positivo para analistas de discursos que pretendem compreender a mídia como agenciadora de saberes sobre os sujeitos na contemporaneidade, como demonstramos na seção anterior quando da apresentação de alguns grupos de pesquisas em estudos discursivos foucaultianos no Brasil.

Retornando à metodologia de análise, ela justifica o fato de se ter como materialidade de análise quatro vídeos, sendo selecionado destes os mais vistos de cada playlist. O recorte não é ocasional, visto que se relaciona com as criações mais clicadas ao sucesso do alcance e da discussão nas redes sociais digitais. É imprescindível enfatizar que o que é relevante, para a análise, são os enunciados ditos ou escritos extraídos das referidas materialidades.

Um levantamento a partir dessas materialidades permitiu constatar que o referencial “empoderamento feminino” aparece, regularmente, em forma de vídeo e, quase sempre, contém ou faz retomada de dados históricos e/ou estatísticos a respeito das diferenças sexuais. Esse referencial, quando estendido a discursos sobre hegemonia, resistência e mulher na voz ativa, se materializa nos mais variados suportes. Desses suportes, a Think Olga conta com outras redes sociais como Instagram, Facebook, LinkedIn e Youtube, sendo este último a modalidade online selecionada para análise nesta pesquisa.

Por intermédio do estudo da materialidade audiovisual, queremos observar se as promessas da criação são executadas. De acordo com a descrição do canal, sua promessa é o empoderamento feminino através da informação. Nessa lógica, na pesquisa observamos de que forma os conteúdos audiovisuais se organizam como um movimento de resistência, revolucionando as funções de gênero e fazendo com que os sujeitos femininos sejam personagens principais com direito à voz e à representatividade.

Ao recuperar o conceito de poder, lembramos que a noção, tal como sugerida e aprofundada por Foucault, é pertinente também para o debate do chamado empoderamento. Foucault (1994) relata alguns princípios sobre as relações de poder que compreendemos como importantes para a atual discussão: o poder está em todos os lugares e não se situa em um grupo específico; o poder é inerente às relações entre sujeitos e grupos; as relações de poder apresentam-se em relação de forças diversas e não na oposição binária entre dominadores e dominados; onde há poder, há resistência.

Compreendemos daí que o poder se estabelece nos sujeitos e nos grupos, sendo que nenhum deles o possui de forma exclusiva. Ou seja, a microfísica do poder de Foucault atenta tanto para a existência do exercício do poder nas relações quanto para a perspectiva de que ele seja praticado por qualquer sujeito, seja na forma de dominação, seja na forma de resistência.

É defendido, portanto, a presença de uma estrutura de poder desigual entre homens e mulheres, com maior apreensão de controle e recursos por parte de homens. Contudo, a microfísica do poder de Foucault desestrutura a ideia de que essa é um encadeamento inalteravelmente imutável e cria a possibilidade para o exercício do poder por parte de grupos diversificados e da resistência como alternativa acessível pelas mulheres. Essas noções são significativas na produção e no entendimento do conceito de empoderamento, tal como ele se apresenta na ótica dos estudos de gênero.

León (2001) expõe que os progressos na conceituação desse apontam a procura de estratégias holísticas para o empoderamento e, com isso, fica visível que não existem fórmulas mágicas ou estratégias eficazes para a sua promoção. O empoderamento não é um processo simples com início e fim determinados de maneira igual para distintos grupos de mulheres: “O empoderamento é diferente para cada indivíduo ou grupo de acordo com sua vida, contexto e história, e de acordo com o local de subordinação nas esferas pessoal, familiar, comunitária, nacional, regional e global.” (LEÓN, 2001, 104. Tradução da autora)²⁴.

Muitas foram as contribuições teóricas de Judith Butler para os estudos feministas. De forma ampla, Butler (2012) destaca que a própria exibição da organização sexual é despótica, dado que determina formas de ser e de se relacionar nesse campo. O sujeito é controlado pelo seu corpo e, portanto, os comandos e as coerções possíveis são diversos, não estando limitados à relação homem-mulher. Atuam na expectativa de exercício da sexualidade e em normas sociais arraigadas. Deste modo, a inevitabilidade de se seguir uma norma incide sobre as sexualidades não-legitimadas –gays, lésbicas, transexuais, entre outras –, mas recai também sobre homens e mulheres, da mesma forma inseridos na normatividade sexual.

Outra contribuição significativa exposta por Butler e aprofundada também por outras teóricas se refere à fragmentação da identidade feminina e à necessidade de

²⁴ El empoderamiento es diferente para cada individuo o grupo según su vida, contexto e historia, y según la localización de la subordinación en lo personal, familiar, comunitario, nacional, regional y global (LEÓN, 2001, 104).

envolvimento de formas diversas de ser mulher. Recorremos ao conceito de defragmentação, como trabalhado por Butler (2012). Ao recordar que a autora questiona fortemente o carecimento de elaborar uma “base única e permanente” para o feminismo, ao refletir que o abandono de uma concepção unificada da existência feminina pode realmente ampliar os objetivos e as exigências feministas, consentimos com ela na necessidade de avaliarmos as identidades fixas e basearmos o feminismo em pilares libertos dessa singularidade, para então atuarmos com um modo mais abrangente de refletir a identidade de gênero. “A desconstrução do termo sujeito sugerida por Butler serve para abrir possibilidades de novos usos para o termo, ou construções subversivas” (OLIVEIRA, 2008, 4).

Para dar conta das heterogeneidades, a categoria mulheres devem ser principalmente incompleta, aberta à refutação de significados e livre de forças opressoras. Somando a discussão sobre as heterogeneidades dos grupos de mulheres, Castro (1992) expõe o conceito de alquimia das categorias sociais. Os atravessamentos de classe social, raça, geração, gênero, entre outros, compõem uma alquimia na formação de cada sujeito, tornando difícil a separação de qualquer uma delas ou a hipótese de que uma impera sobre as outras.

Dessa forma, acrescentamos, ao conceito de empoderamento, a viabilidade de abertura para um maior vínculo e heterogeneidades de grupos de mulheres que vivenciam esse processo, ampliando o conceito e incluindo de maneira mais direta as heterogeneidades de mulheres, sem perder de vista a dimensão da noção de coletividade também corrente no conceito.

Tendo em vistas os objetivos geral e específico de nossa pesquisa, expostos na Introdução, esta seção visa persegui-los, fazendo o seguinte: a discussão percorrerá um trajeto teórico que atravessa, sobretudo, o legado de Michel Foucault (1982, 2009, 2010), cuja teoria, afirma Deleuze (1988), contrapõe-se a duas fundamentais técnicas utilizadas pelos “arquivistas”: a formalização e a interpretação. Isso quer dizer que os enunciados analisados no capítulo destinado à descrição e à interpretação do arquivo são concebidos como fatos de discurso e, por esse motivo, estão historicizados, à medida que esclarecermos, mais adiante, o caminho foucaultiano na pesquisa.

Para esse propósito, expomos, em um primeiro instante, os conceitos basilares realizados pelo filósofo quando da escrita de “A arqueologia do saber” (2009). O conceito de poder conecta-se aos anteriores para construir, juntos, um agrupamento de estratégias para análises que objetivamos articuladas com o discurso, com a história e

com a linguagem. Valendo-nos desse agrupamento, temos condições de evidenciar as características da descrição arqueogenealógica e sua colaboração para uma análise histórico-discursiva.

O diálogo entre esses conceitos possibilita uma leitura da contemporaneidade que, no que lhe diz respeito, conclui naquilo que podemos chamar de “o verdadeiro de uma época”, ou seja, possibilita que se problematize essa contemporaneidade questionando-a sobre as condições sob as quais emergiram os enunciados sobre o empoderamento feminino, classificando-o e naturalizando sua subjetividade, pois tais enunciados não se constituíram com base no fundo confuso das ideias; essa emergência, sobretudo, foi proporcionada por outros enunciados que tratam do mesmo objeto, ainda que dispersos. É nessa dispersão, no tempo e no espaço, que procuramos a “ruptura acontecimental”; os fragmentos da(s) história(s), afinal, para evidenciar determinada regularidade, produzindo-se em acontecimento discursivo, consideramos os possíveis efeitos de poder-saber construídos pela configuração dos dizeres sobre a mulher da atualidade.

4.1. ARQUIVO NA ARQUEOGENEALOGIA DE MICHEL FOUCAULT

Contestar teorias totalizantes para explicação da realidade social, assim como contestar uma ótica de “progresso” científico ou de “progresso” da razão ou, ainda, contestar a superioridade dos dias atuais em detrimento do passado, como fez Foucault em “O nascimento da clínica” (1980), “As palavras e as coisas” (1999) e em “História da loucura” (2003), é o objetivo deste trabalho. Como a proposta é fazer uma análise discursiva sobre o sujeito feminino, de modo a investigar como se tece, discursivamente, a subjetivação feminina no acontecimento discursivo do ciberfeminismo, explanamos, nesta subseção, os principais conceitos a serem articulados no momento da análise do arquivo. Por questões de estruturação didática, dividimos as discussões sobre a fase arqueológica e a fase genealógica, porém, ambas se interligam para construir o procedimento de análise sobre o qual nos debruçamos no momento da análise do arquivo, ou seja, a análise arqueogenealógica.

Os conceitos de enunciado, arquivo e poder são demonstrados e debatidos com a finalidade de que, na seção destinada à análise, possam estruturar um quadro síntese desses conceitos com objetivo de agrupar os aspectos principais de cada um. Isso, além

de proporcionar uma visualização geral dos mecanismos aos quais se fará remissão em todo o trajeto aqui percorrido, permite caracterizar o domínio de objeto de análise. É preciso ter em mente, todavia, que os objetivos desta subseção são, para além da elucidação do caminho teórico-metodológico, fazer entender o motivo do material de análise ser definido como enunciado e, como tal, qualificado como acontecimento. Outro aspecto importante a se explicar diz respeito a vários outros conceitos apresentados por Foucault, que serão manipulados, mas não expostos nesta subseção. O propósito, em um primeiro momento, é pontuar os aspectos da descrição arqueogenealógica.

Vale destacar que Michel Foucault surgiu na conjuntura intelectual com a obra “História da loucura”, no início dos anos 1960, na qual pôde compreender a experiência ocidental da loucura. As visões da crítica foram destinadas para o mencionado texto cujo teor difundira para a loucura como doença mental, possibilitando-lhe ser historicizada, datada e localizada a partir do século XIX. O fato de ser datada e localizada não quer dizer que essa história tenha se objetivado retrospectiva, como a história que relaciona passado e presente através de argumentos que apresentam precursores e continuidades, noções vastamente contrapostas por Foucault, afirma Queiroz (1999); mas o contrário, ela intencionou denunciar exatamente esse engano dos discursos sobre a loucura.

Interessado em compreender como os saberes se constroem, visto que sua hipótese era de que toda ciência se constrói em um campo de saber, Foucault (1980, 1999, 2003) interessou-se, na etapa chamada arqueológica, pela formação das ciências e não pela sua organização interna ou suas condições epistemológicas. É relevante explicar, contudo, dois aspectos a esse respeito: o primeiro diz respeito a alguns enganos acerca da noção de formação das ciências, já adiantando que, para esse filósofo, essa formação não se assenta sobre uma ideia de história contínua e clássica, mediante a qual pudéssemos apreender o avanço da ciência, tal como requisita a “história das ideias”; já o segundo refere-se ao vocábulo selecionado pelo filósofo para denominar sua história do saber, ou seja, o termo arqueologia.

Recapitulando o primeiro aspecto, rememoramos uma passagem em que Foucault insiste em apresentar que a análise arqueológica se distingue, em muito, daquela traçada na “história das ideias”:

[...] eu não teria o direito de estar tranqüilo enquanto não me separasse da ‘história das idéias’, enquanto não mostrasse em que a análise arqueológica se diferencia de suas descrições. Não é fácil caracterizar uma disciplina como a história das idéias: objeto incerto, fronteiras mal desenhadas, métodos tomados de empréstimo aqui e ali, procedimento sem retitude e sem fixidez. [...] ela conta a história dos elementos secundários e das margens. Não a história das ciências, mas a dos conhecimentos imperfeitos, mal fundamentados, que jamais puderam atingir, ao longo de uma vida obstinada, a forma da cientificidade (história da alquimia e não da química, dos espíritos animais ou da frenologia e não da fisiologia, história dos temas atomísticos e não da física). História das filosofias obscuras que perseguem as literaturas, a arte, as ciências, o direito, a moral e até a vida cotidiana dos homens; [...] a história das idéias se dirige a todo esse insidioso pensamento, a todo esse jogo de representações que correm anonimamente entre os homens; [...] Trata-se da disciplina das linguagens flutuantes, das obras informes, dos temas não ligados. Análise das opiniões mais que do saber, dos erros mais que da verdade; não das formas do pensamento, mas dos tipos de mentalidade. [...] A história das idéias é, então, a disciplina dos começos e dos fins, a descrição das continuidades obscuras e dos retornos, a reconstituição dos desenvolvimentos na forma linear da história (FOUCAULT, 2009, p. 154-156).

O que é a arqueologia, então? Em entrevista cedida a J. J. Brochier²⁵, em abril de 1969, Michel Foucault é interrogado sobre o título conferido a uma de suas principais obras, “A arqueologia do saber”: “Por que arqueologia?”, indaga Brochier. Este recebeu a seguinte resposta:

Por duas razões. Inicialmente, empreguei essa palavra de maneira um pouco cega, para designar uma forma de análise que não seria efetivamente uma história (no sentido em que se relata, por exemplo, a história das invenções ou das idéias), e que tampouco seria uma epistemologia, ou seja, a análise interna da estrutura de uma ciência. Trata-se de uma coisa diferente, e então eu a chamei de ‘arqueologia’; [...] depois retrospectivamente [...] essa palavra arqueologia pode querer dizer: descrição do *arquivo*. Por arquivo, entendo o conjunto de discursos efetivamente pronunciados. (FOUCAULT, 2005, p. 145, grifo do autor).

Ainda nessa entrevista, Foucault esclareceu que o termo arqueologia, ainda que remeta à escavação e por esse motivo recubra assuntos como o de origem, não deve ser assim compreendido, ao menos em seus escritos. Longe de objetivar estudar o início, no sentido de origem primeira, da razão, o “arqueólogo” procurou, antes, conhecer os começos relativos, os princípios ou as modificações. Em relação à escavação, conceito que o incomodou da mesma forma, ele jamais buscou as relações que seriam secretas,

²⁵ Jornalista francês, à época redator do *Magazine Littéraire*.

que estariam escondidas frente à consciência do homem. Tentou, de maneira oposta, estabelecer relações que estão na própria superfície dos discursos (FOUCAULT, 2005, p. 145-146).

Entendemos de tudo isso que uma análise arqueológica indica a própria experiência da ordem do saber. Essa análise pede uma investigação que se esforce para compreender com base em quais conhecimentos e teorias a ciência e a filosofia se tornaram possíveis ou de acordo com que espaço de ordem se constrói o saber. Embasarnos em uma análise arqueológica, por conseguinte, solicita que se conteste, imediatamente, a noção básica de continuidade histórica, aquela que seria abrangente e universal. Tratamos de uma arqueologia que se delineia, finalmente, como explica Queiroz (1999), por sistemas de concomitância e por série de mutações que são indispensáveis e suficientes para compreender o princípio de uma positividade nova. Ser positivista, para Foucault, quer dizer trocar a procura das totalidades pela análise da raridade, a temática do fundamento transcendental pela descrição das relações de exterioridade, o estudo da origem pela análise dos acúmulos. De acordo com ele, a positividade realiza a função do que se poderia denominar um *a priori* histórico. Sobre esta última noção, retomaremos posteriormente.

Como, então, abranger as descontinuidades históricas quando da construção ética e moral da subjetividade do sujeito feminino contemporâneo? Na tentativa de replicar a questão, objetivamos identificar, na própria história, que acontecimentos se repetem e atravessam a atualidade, estabelecendo uma série de discursos e, conseqüentemente, de práticas e de comportamentos. Pela análise dos traços de uma ruptura acontecimental, é válido ressaltarmos que a compreensão dos fatos de discursos será pautada em um conjunto restrito de enunciados.

Se, na concepção cartesiana, durante todo o século XVII, tanto o sexo feminino quanto o masculino configuravam como sujeitos da Razão e a única distinção sexual habitava nos órgãos reprodutores – ainda que essa diferença não indicasse distinções mentais e morais com relação à mulher – e se, nessa mesma concepção, a demanda do orgasmo feminino para a reprodução era inquestionável, observamos, de forma oposta, no século XVIII, a imposição política de produzir novas realidades sociais para homens e mulheres. Há um estabelecimento aí, promovido por valores iluministas, da hierarquia entre os sexos, questionando a “impossível” igualdade social e cultural entre os sexos, determinada por uma biologia da incomensurabilidade, ou seja, a mulher não observada como inferior ao homem, porém como substancialmente distinta e, por conseguinte,

incompatível a ele. Com as repercussões no século XIX, essa história da desigualdade entre os sexos perpetua a imagem da mulher como frágil, sensível e dócil, destinada ao âmbito privado, redentora da família e da sociedade, ao passo que ao homem se destina a esfera pública, onde tudo se inicia da abstração e do conceito. Retira-se a mulher da vida pública e da competição com o homem. No encadeamento dessa história, podemos perceber rupturas, fragmentações, regularidades e dispersões quanto à subjetividade do homem e da mulher. É necessário, então, ir no encalço dos começos relativos, dos princípios e das modificações, ou seja, das descontinuidades no interior das quais é construído os sujeitos.

O que observamos nos enunciados são discursos historicamente identificáveis e que produzem verdades. Eles podem ser localizados e datados. É necessário entender os “jogos de verdade” que proporcionam a instauração e a naturalização de determinados sentidos na cultura a propósito do dispositivo da sexualidade. É visível o entendimento de que a subjetividade feminina não é discursivizada sempre da mesma forma nas diversas cronologias. Elas são recuperadas ou modificadas no curso da história. Com a intenção de analisar as experiências práticas dos séculos XVII e XVIII que levaram à exclusão dos chamados “desprovidos de razão” do convívio social, Foucault apresentou o modo pelo qual a loucura fora remodelada em doença mental. Navarro (2006) afirma que Foucault tratou “[...] ‘do grau zero da loucura’, ou seja, não daquilo que foi pensado sobre a loucura, mas das condições de possibilidades de emergência de um discurso sobre a loucura” (NAVARRO, 2006, p. 74-75). De acordo com essa reflexão, tratamos não do que se pensou ou do que se pensa sobre o “empoderamento feminino”, mas das condições de possibilidades de emergência de um discurso sobre a “empoderamento” e, conseqüentemente, da configuração da subjetividade do sujeito feminino objetivado e subjetivado por práticas que ora o viriliza ora o dociliza. A profundidade que determina a posição arqueológica é, supomos, a percepção institucional representada pelo grande “confinamento” das subjetividades no interior daquilo que se pode chamar de verdadeiro da época.

É possível diferenciar, todavia, a partir do século XVIII, quatro categorias estratégicas que desenvolveram dispositivos individuais de saber e de poder sobre o sexo. Primeiro a histerização do corpo da mulher. Possuímos, aí, nessa maneira de fazer arqueologia, primeiro o privilégio da linguagem em ocorrência do olhar, no século XVII, após a concomitância entre as características quando da histerização do corpo da mulher e da psiquiatrização do prazer: observava-se e dizia-se. E, atualmente, o que se

tem a respeito do empoderamento do sujeito feminino contemporâneo, senão um estímulo aos saberes sobre suas subjetividades. São mídias sociais especializadas e “legitimadas” dentro de seu campo para construir e governar as “identidades” do ato de conceder o poder de participação social às mulheres.

Mas como, perguntamo-nos, reconstituir a história dos saberes sobre a subjetividade feminina? Em “As palavras e as coisas” (1999), por exemplo, a seleção metodológica de Foucault incidiu sobre a tentativa de encontrar as regras estruturais que apontam o discurso com o objetivo de “purificar” e preservar os aspectos formais de suas pesquisas anteriores. Foucault focou, como afirmam Rabinow e Dreyfus (1995), quase que apenas no discurso e em tudo que a ele está incurso, como sua autonomia e suas modificações descontínuas. Para ele, era necessário desprender o discurso de sua fundamentação social para se encontrar as regras de sua autorregulamentação. Para esse exercício, Foucault limita seu método à análise do discurso abarcando, dessa maneira, seu domínio de análise, com o objetivo de compreender a forma pela qual os homens entendem a si próprios. Na civilização ocidental, as características que eram mais acessíveis aos seres humanos como o social, o indivíduo e o corpo foram modificados, conforme Foucault (1995; 2005), na análise de várias disciplinas que se associam, no entanto, com o trabalho, a vida e a linguagem. Essas reflexões esclarecem a maneira pela qual se pode reestabelecer a história das mulheres atualidade.

O planejamento arqueológico de Foucault, na investigação por uma história dos saberes, construiu-se, especialmente, de seu interesse pela formulação das ciências e não pela sua estrutura interna ou suas condições epistemológicas, como também não diz respeito à história das ideias. Foi, previamente, de acordo com Machado (2006), o estudo que procurou, sobretudo, compreender o que tornou possíveis tais conhecimentos e tais teorias; daí não se tratar de uma história com o sentido clássico que essa palavra possa provocar, mas de uma arqueologia do saber. Passamos, dessa forma, à arqueologia do saber com objetivo de nos munir dos mecanismos que, juntos, constroem estratégias de análise.

A escrita das três obras que trataram da percepção da loucura por meio da história da captura dela pela razão, do olhar médico e da constituição das ciências humanas, respectivamente, exigiria ou inspiraria a escrita da última obra que marcaria igualmente essa fase dita arqueológica. Aí o filósofo articulou a questão da história com a do “método” de análise arqueológico. No tocante à metodologia de análise empreendida nesta investigação, apresentada na introdução, é sobre a obra “A

arqueologia do saber” (2009) que se dispensa grande parte das atenções, visto que nela se aprecia um dos principais conceitos elaborados pelo filósofo, a saber, a noção de enunciado, seu tema central ao discorrer sobre análise de discursos. Tal noção permite chegar àquela de formação discursiva e à de arquivo. Foucault elaboraria, como explica Deleuze (1988), a teoria geral dos dois elementos de estratificação: o enunciável e o visível, as formações discursivas e as formações não discursivas, as formas de expressão e as formas de conteúdo.

Se para analisar o surgimento das ciências humanas em certo momento, de acordo com Machado (2006), foi preciso descrever outras épocas assim como descrever outros saberes da atualidade sem os quais não poderia existir ciências humanas, constatamos que houve, como também destacam Rabinow e Dreyfus (1995), um novo método foucaultiano na análise do processo das ciências do homem. É precisamente em “A arqueologia do saber” (2009) que Foucault descobre terreno para a descrição do “novo método”, expondo uma perspectiva para se analisar discursos. A tal perspectiva denominou arqueologia, que corresponde em identificar os enunciados discursivos, escritos ou efetivamente ditos que constroem, mesmo que dispersos no tempo e no espaço, uma teia de relações denominadas de formações discursivas, que constituem, por si só, o arquivo de uma época.

É válido enfatizar que os conceitos abordados nessa obra, relacionados com os demais desenvolvidos por Foucault, em trabalhos posteriores a ela, perpassam todo o trabalho aqui realizado. Contudo, é especialmente em “A arqueologia do saber” que se localizam os mecanismos considerados metodológicos, ou seja, o “método arqueológico”, dos quais nos valem na etapa da análise do arquivo, visto que o arquivo se constitui de enunciados efetivamente ditos ou escritos, no caso, dos enunciados que selecionamos para a pesquisa. Portanto, demonstramos, na seção atribuída às análises, o gesto de descrição e de interpretação de fatos de discursos, fundamentado no procedimento denominado serialista, que equivale em agrupar os enunciados que, através de uma rede de relações, configuram uma série enunciativa. Esse procedimento recobre significativo efeito metodológico, visto que autoriza unir enunciados de acordo com critérios especificados pelo exercício da função enunciativa. O procedimento serialista, afirma Navarro (2004), diz respeito à maneira selecionada por Foucault para procurar, na “História da loucura” (2003), as condições de validade e de possibilidade do saber psiquiátrico em relação à loucura. Essa maneira de atuar a análise possibilita fazer de documentos históricos um monumento, através do qual se

constroem séries, delimitam-se seus elementos e limites para se encontrar o tipo de relação que lhes são específicas e a lei que as orienta. Isso faz aparecer não só as rupturas, as descontinuidades, mas também as regularidades nas práticas discursivas com relação ao objeto evidenciado, daí a denominação monumento em oposição a documento.

É significativo lembrar, todavia, que Foucault não teve como intuito produzir uma teoria do discurso, pelo contrário, restringiu-se a descrever formas históricas reconhecidas pelas práticas discursivas. Da mesma maneira, para analisar esse novo domínio de análise, Foucault formulou o instrumento necessário ao seu estudo da relação circular formação-discursiva-enunciado-formação-discursiva, pois seria necessário um método para analisar os enunciados. Tal método dedica-se em localizar a emergência de discursos para, através deles, compreender “[...] como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2009, p. 30).

Tomar o enunciado como elemento de um arquivo a ser descrito e interpretado ocorre pelo fato de este transformar-se significativo para a análise visto que, na concepção aqui assumida, o enunciado tem o estatuto de acontecimento, feixe de relações sendo as formações discursivas, daí resultantes, capturadas em sua dispersão. Desse modo, ainda que antagonicamente, os enunciados compõem uma regularidade, proporcionando a emergência de um arquivo sobre o qual o analista se debruça para reconhecer e descrever a existência acumulada dos discursos. Dessa maneira, propomos que se compreenda, desde logo, que delimitar enunciado é inseri-lo, antes de tudo, em uma rede de relações. Considerando a tríade língua, história e discurso, a relação do sujeito com o mundo, quando da materialização dessa tríade, todavia, não é direta, uma vez que entre as coisas (os objetos) do mundo e os sujeitos existem os discursos, para se categorizar o campo com base no qual se fala neste trabalho, ou seja, o campo dos estudos discursivos foucaultianos. O discurso, por sua vez, intermedia a relação entre o homem e a realidade. Sendo assim, articulamos esses conceitos com o nosso objeto de pesquisa: o ciberfeminismo no canal Think Olga, de forma que há uma relação entre o sujeito feminino, o discurso midiático produzido pelo canal Think Olga (discurso) e o ativismo feminino propagado também pelo mesmo canal (realidade).

Para a análise, propomos conhecer a relação entre os discursos midiáticos e as condições históricas, econômicas e políticas que proporcionaram a emergência do discurso que produz e destaca, como se fosse algo homogêneo, no caso a subjetivação do sujeito feminino atual. Procuramos, de acordo com o exposto, elaborar uma

descrição de acontecimentos singulares que se opõem a descrições simplesmente linguísticas, as quais necessitam, a partir de um agrupamento limitado de regras, um número ilimitado de desempenhos. O conceito basilar para o método arqueológico é o enunciado. Contudo, se colocar o enunciado em uma rede de relações para tão logo alcançar sua significação fosse tarefa fácil, Foucault não teria destinado toda a terceira parte de sua obra para evidenciar de que maneira isso ocorre. Resta, então, percorrer tal caminho para deixar falar aquele que elaborou o conceito.

Foucault, ao pensar sobre seus trabalhos anteriores, estabeleceu os seguintes questionamentos: “[...] de que falei até aqui?”, “qual foi o objeto de minha pesquisa?”, “E estava em meus propósitos descrever o quê?” (FOUCAULT, 2009, p. 89). Era chegada a hora de resgatar, como declara o autor, o significado de enunciado para, então, averiguar se ele se aplicaria do mesmo modo às análises realizadas anteriormente e se era de enunciado que se tratava na análise das formações discursivas.

Contudo, ao alcançar a terceira parte dessa obra, deparamo-nos com inúmeras declarações que dizem aquilo que o enunciado não é. Foucault decidiu operar com a diferenciação dessa unidade em relação a outras, como proposição (estrutura lógica), frase (estrutura linguística ou gramatical) e *speech acts* (atos de fala). Ao fazer essa diferenciação, o autor faz compreender que o enunciado se localiza no nível do discurso e, por esse motivo, não deve ser confundido com as três unidades descritas previamente (a proposição, a frase e os atos de falar), bem como não deve ser confundido com representações psicológicas.

Sendo um átomo do discurso, um dos aspectos conferido por Foucault (2009), o enunciado é a menor unidade de uma formação discursiva. Aí devemos prestar atenção para não conceder ao seu caráter de unidade o mesmo estatuto de unidade com o qual atua a propósito de uma proposição, de uma frase e de um ato de linguagem, pois devemos refletir que o enunciado não se embasa em tais critérios. Para entender, ressaltamos um de seus principais aspectos, que é o fato de ser ímpar, ou seja, não é somente linguístico e nem unicamente material. Acerca disso, Foucault explica que,

mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. [...] É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se

encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2009, p. 98).

Dessa forma, Foucault finaliza o primeiro tópico da terceira parte da arqueologia evidenciando que o enunciado não é, em si mesmo, uma unidade, mas “[...] uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdo concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2009, p. 98). Assim, compreendemos que enunciar é o exercício de uma função, ou seja, uma função enunciativa da qual o enunciado é o constituinte primordial.

Nesse aspecto, é necessário explicar que uma função enunciativa comporta alguns tópicos que lhe são próprios, o que possibilita entender algumas condições sob as quais uma sequência de signos possa ser reconhecida como um enunciado concedendo-lhe seu modo ímpar de existência: 1ª) um referencial ou princípio de diferenciação, 2ª) uma posição-sujeito, 3ª) um campo associado e 4ª) uma existência material.

Em relação à primeira condição, o enunciado está associado a um referencial; este, no que lhe toca, é construído de “[...] leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 2009, p. 103). O referencial do enunciado delinea as possibilidades e o surgimento de definição daquilo que dá à frase seu sentido, e à proposição seu valor de verdade.

Já a segunda condição tem vínculo ao que se determina entre o enunciado e o sujeito que o enuncia não sendo, por isso mesmo, sintetizados a elementos gramaticais, como se deseja em uma investigação formal, em uma análise semântica ou em uma verificação, por exemplo. De outro modo, o sujeito de um enunciado, e aí se tem a diferença, novamente, entre enunciado e frase, representa-se por um lugar determinado e vazio, que pode ser ocupado por todo e qualquer indivíduo sob certas condições. Descrever e interpretar, por conseguinte, os saberes inerentes ao empoderamento feminino e da constituição histórica da subjetividade do sujeito feminino atual consiste em delimitar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito do discurso do empoderamento feminino.

Aqui, chegamos em um ponto significativo, pois faz compreender que uma função enunciativa não pode se exercer sem a existência de um domínio associado; dito de outra forma, para que se trate de um enunciado é necessário associar a frase ou a proposição a uma esfera adjacente. Com a certificação de que “[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2009, p. 110), o

filósofo faz notar que não existe enunciado neutro, livre ou independente, mas que ele sempre é elemento de um agrupamento, de uma série, pois é elemento integrante de um jogo enunciativo. Retornando às margens, elas não devem, de nenhuma forma, ser equivalentes ao que se compreende por contexto, isto é, o momento mais instantâneo que em certo momento possibilita que algo seja dito ou escrito. As margens vão além, visto que permitem que todo enunciado se ligue a uma memória e que reatualize outros enunciados.

Existe, ainda, uma quarta e última condição para que uma sequência linguística possa ganhar o estatuto de enunciado, a saber, sua existência material. Tal materialidade diz respeito a uma espessura material que integra o enunciado. Se ela o integra é porque lhe é preciso uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Rememorando que um enunciado pode ser reatualizado inúmeras vezes, porém, ele está instaurado em um “regime complexo de instituições materiais”. O ato de ser repetível faz do enunciado, como afirma Foucault (2009), um objeto singular e incongruente ao passo que se define como um objeto entre os demais objetos que “[...] os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem” (FOUCAULT, 2009, p. 118). Enfim, compreendemos que o enunciado é único, porque se trata de um gesto, mas que, ainda assim, insere-se em um regime de materialidade repetível, posto que um mesmo enunciado pode se apresentar em suportes diferentes. Tomamos aí o cuidado de reconhecer que, embora o enunciado seja o mesmo em sua “forma”, sua identidade muda conforme um regime hermético de instituições materiais. Dado como estabelecido o enunciado, passamos ao entendimento daquilo que representa a tarefa de sua descrição, sem a qual não se pode realizar a análise pretendida.

Foucault identifica um elemento importante para a análise enunciativa: o enunciado é, simultaneamente, não visível e não oculto. Acerca disso, o fato de não ser oculto justifica-se pela simples razão ter sido efetivamente construído, o que dá margem a observações, a leituras, a modificações etc. A análise enunciativa, nesse sentido, torna-se uma análise histórica, pois que ela se vale pela descrição das coisas ditas, exatamente porque foram ditas. A propósito de tais “coisas”, questionamos o seu surgimento, sua manifestação em detrimento de qualquer outra coisa em seu lugar na evidência da linguagem efetiva. Em relação aos dispositivos midiáticos referentes ao “empoderamento feminino” e da subjetividade da mulher, eles originam-se de saberes

que se constituem de enunciados e tiveram um surgimento em determinado momento histórico.

Como já apresentado em outro momento, a análise arqueológica de Foucault, conforme Deleuze (1988), opõe-se às técnicas utilizadas pelos “arquivistas” tradicionais que demandam a formalização e a interpretação. Para os arquivistas, é complexo, metodologicamente, apoiar-se ao que efetivamente é dito; essa complexidade é detectada até mesmo na linguística, quando se investiga que suas unidades nunca são do mesmo grau do que é dito. Deleuze (1988, p. 26) afirma que:

[...] às vezes extraem da frase uma proposição lógica que funciona como seu sentido manifesto: ultrapassam assim o que é ‘inscrito’ no rumo de uma forma inteligível, que por sua vez pode ser inscrita sobre uma superfície simbólica, mas que é, em si, de uma ordem diferente daquela da inscrição. Outras vezes, ao contrário, ultrapassam a frase no rumo de uma outra frase, à qual ela secretamente remeteria: duplicam assim o que está inscrito mediante outra inscrição, que talvez constitua um sentido oculto, mas que, antes de tudo, não inscreve a mesma coisa e não tem o mesmo conteúdo.

Para Foucault, é desnecessário que se busque para além das análises da linguagem, sejam estruturais, formais ou interpretativas, um domínio que seja livre de qualquer positividade ou onde o sujeito se depararia com sua total liberdade, como a maneira de certo discurso filosófico que favorece um “ser da linguagem”. O nível enunciativo, ainda que não pertença à lógica ou à linguística, não deve ser refletido, e isso Foucault rejeita veemente, como uma descrição que se queira transcendental ou antropológica.

Portanto, o nível enunciativo, nem oculto e nem visível, localiza-se no limiar da linguagem e tudo o que se diz ou se escreve, finalmente, tudo o que se enuncia, manifesta-se sempre no domínio de exercício da função enunciativa, visto que, antes da linguagem, o que se manifesta são as condições conforme as quais se efetuará a função enunciativa. Em se tratando de uma análise enunciativa, existem três características a serem refletidas para que uma frase e uma proposição sejam vistas como um enunciado: a raridade, a exterioridade e o acúmulo.

Para Foucault (2009), o enunciado é raro, porque nem tudo é sempre dito. Não devemos compreender por esse motivo que o não-dito seja algo que foi reprimido ou que está oculto, pois tudo isso já foi exposto. Devemos entender os enunciados como ocupando uma posição ímpar, conforme ramificações no sistema das formações que

possibilitem delimitar sua localização. Tal raridade mostra que os enunciados não têm uma transparência infinita, isto é, nem tudo pode ser dito em um lugar qualquer por um sujeito qualquer. A análise enunciativa permite devolver aos enunciados sua dispersão (FOUCAULT, 2006a).

É exatamente pelo fato de o enunciado ser considerado em sua dispersão e em sua descontinuidade que ele se define pelo princípio da exterioridade. Tal análise possibilita que não se considere um sujeito individual, uma consciência coletiva ou uma subjetividade transcendental como referência. É uma análise que se realiza sem referência a um sujeito fundador, posto que ela se posiciona no nível do “diz-se”, isto é, no nível do agrupamento das coisas ditas, com as relações, as regularidades e as modificações daí resultantes. Dessa forma, não se questiona sobre quem fala, pois o que foi dito não foi dito de um lugar qualquer, visto que é reconhecido no jogo da exterioridade.

Com isso chegamos à conclusão de que as noções de raridade e de exterioridade andam em conjunto e que não podem ser desassociadas da noção de acúmulo, visto que a análise desenvolvida por Foucault substitui a pretensão de encontrar a origem pela ideia de acúmulo. Na tentativa de vincularmos essas reflexões com os questionamentos acerca dos dispositivos midiáticos sobre o “empoderamento feminino”, trata-se não de analisar quem estava ou está com a verdade em relação a esses discursos; assim como não é intuito avaliar se os discursos que ora virilizam a mulher ora a dociliza são válidos ou não. Aqui se refere, isto sim, à análise do acúmulo do que se declara sobre a subjetividade dela no curso da história. Como compreendia Foucault, a particularidade da análise enunciativa não é acordar textos de seu sono atual para rever o clarão de seu nascimento, mas, pelo contrário, buscar o modo de existência que pode definir os enunciados para além de sua enunciação.

Embora Foucault (2009) tenha tratado primeiramente das noções de discurso e de formação discursiva e, somente depois, da noção de enunciado, aqui alteramos a ordem, pois compreendemos que o enunciado é um átomo do discurso e, como tal, está inserido em formação discursiva, por corolário, faz parte dos discursos que circulam em uma sociedade, daí a alteração na apresentação dos conceitos. É importante enfatizar, porém, que isso configura uma relação circular.

O autor se questiona sobre as unidades e os enunciados, a respeito do que seriam essas unidades e no que se referem os laços que existiram entre esses enunciados. Na

procura por respostas sobre tal regularidade discursiva, apresenta quatro hipóteses que indicariam para a constatação de relações entre os enunciados.

A primeira hipótese presume que enunciados compõem um conjunto quando este diz a respeito de um mesmo objeto. A segunda hipótese seria preciso representar e especificar a concomitância dos enunciados dispersos e heterogêneos, representar o sistema que rege sua divisão; averiguar como um enunciado se ampara em outro, ou, ainda, considera um outro ou o exclui. Já na terceira hipótese, Foucault parte do pressuposto de que os enunciados poderiam ser conjuntos, segundo o sistema dos conceitos constantes e coerentes que se localizam em jogo. Enfim, a sua quarta e última hipótese diz respeito ao que ele denomina de formação das estratégias. Foucault nomeia como **estratégias** aos **temas** e às **teorias** que fazem parte de uma determinada formação discursiva.

Assim, observamos que o que foi descrito sob o nome de formação discursiva forma, em sentido estrito, grupos de enunciados, ou seja, conjuntos de **performances** verbais que estão relacionados no nível dos enunciados. Ainda em relação a essa conceituação, os discursos são feitos de signos, contudo, o discurso deve ser compreendido como “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 56).

Sobre a noção de acontecimento, é válido rememorar que ele se constrói na dispersão material e, por esse motivo, possibilita as dispersões dos sujeitos. Estes, por conseguinte, têm à sua disposição uma pluralidade de posições e de funções.

nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 2006a, p. 57-58)

Contudo, o discurso provoca perigos, pois, ao formular saberes, passam a ser regidos por coerções (FOUCAULT, 2006a). Deparamo-nos, depois disso, com uma análise que procura vincular as práticas discursivas às diversas formas de poder que as atravessam.

Especificando melhor a noção de discurso como acontecimento, Foucault ensina que não deve ser confundido com uma decisão, um acordo, porém, “uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra

seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada” (FOUCAULT, 2007, p. 28).

A eficácia desse conceito em materialidades particulares como as que aqui foram tratadas pode ser refletida a partir de indagações da atualidade, ou seja, em torno de sua problematização como acontecimento. Indagações que se referem, por exemplo, sobre como os enunciados foram construídos no ativismo do espaço digital Think Olga, sob que condições. Temáticas discutidas como saúde, política, direito das mulheres, esporte, mercado de trabalho venham a ressignificar na sociedade brasileira? Compreendemos que os enunciados produzidos nesse canal e os enunciados que se seguiram a partir dele, postos em circulação pela mídia, constituem-se em acontecimento discursivo, se considerarmos tais enunciados como prática histórica. Ao proceder a uma análise histórico-arqueológica, estamos compreendendo que tais enunciados são raros, porque são ímpares, portanto, podem ser reconhecidos e descritos como novidade ou diferença. Entendemos, também, sempre à escuta de Foucault, que romper com uma regularidade, uma ordem discursiva de certo objeto, em uma sociedade dada, ou seja, passar de um saber a outro pode ser representado como um acontecimento discursivo.

De posse de todos os elementos que constituem as características da descrição histórico-arqueológica, passamos à chamada segunda grande parte dos estudos realizados pelo filósofo. Nesta, vislumbramos um novo encaminhamento para o método arqueológico que, como observamos, elegia as práticas discursivas que formam saberes de dada época. Nela configuramos com fatos de discursos, ou seja, com os enunciados de fato produzidos, os quais têm, por isso mesmo, o estatuto de acontecimento.

4.2 GENEALOGIA DO SUJEITO FEMININO

Já foi elucidado, em outro instante, que a questão do sujeito é que forma o tema geral e ocupa lugar de significância nas pesquisas de Foucault, apesar de ter se envolvido profundamente com a questão do poder, visto que era preciso ampliar as dimensões de uma significação de poder para se investigar a objetivação do sujeito; dimensões, estas, que se afastam dos modos de pensar o poder a partir dos modelos legais ou conforme um modelo institucional. A pesquisa realizada em torno dos efeitos de verdade sobre o empoderamento e subjetividade dos sujeitos femininos assumem métodos de análise que possibilitam, exatamente, compreender como e por que

determinados saberes surgiram, modificaram-se, reforçaram-se, foram esquecidos ou reatualizados, por fim. Assim, para análise que nos propomos é preciso trazer à tona aquilo que resultaria na constituição do sujeito, ou seja, as relações saber-poder das quais o sujeito é um efeito e das quais seus discursos emergem.

Ainda que não se objetivasse invalidar o passado, o filósofo perseguiu seu trabalho partindo de outra questão diferente daquela perseguida em “A arqueologia do saber”. Se em sua arqueologia procurou compreender **como** os saberes surgiam e se modificavam, mais tarde, ao estudar o poder, Foucault indagou-se a respeito do **porquê** de os saberes surgirem e se modificarem. De acordo com Machado (2010), ao mudar seu questionamento, Foucault teria inserido, sobretudo em “Vigiar e punir” (2008) e em “A vontade de saber” (2010), “[...] análises históricas sobre a questão do poder como um instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes” (MACHADO, 2010, p. X).

É importante compreender o âmbito midiático, dentre outros, como um dispositivo que produz subjetividades, uma vez que a mídia é um espaço de enunciação no qual os saberes se introduzem junto ao poder. Para Gore (2008), todos os discursos podem ser observados como regimes de verdade, se levarmos em conta que a verdade e o poder estão conectados em uma relação circular. Enfim, como analisa Foucault (1984b), não se trata de libertar a verdade do poder, visto que a própria verdade é poder, mas de desassociar o poder da verdade das formas de hegemonia, sejam sociais, econômicas, culturais, no cerne das quais ela se exerce. Enfatizamos a significância de dispor desse procedimento de análise arqueogenalógico ou desses instrumentos, como preferia dizer Foucault, para executar uma pesquisa que parte de inquietações muito próximas das que tinha o filósofo a respeito de relações verdade/poder e saber/poder. Como dito em outro momento, saber e poder são os dois domínios que dão sustentação à construção de sujeitos. Entendemos que a relação entre poder, sujeito e contraconduta é algo com o qual nos depararemos no que tange ao chamado empoderamento do sujeito feminino.

As reflexões sobre a contraconduta são vistas, ainda, nos textos reunidos na obra organizada por Rago e Pelegrini (2019), que a relacionam aos mais diversos movimentos, como a busca por outras práticas do cuidado de si e do governo dos outros, dissemelhantes da condução de condutas exercida sobre o indivíduo e sobre o grupo ao qual pertence.

São estes discursos de verdade que caracterizam, diversas vezes, as esferas que os sujeitos vão ocupar nesta trama de poder e quais papéis sociais deverão realizar na sociedade. É uma maneira de poder que, de acordo com Foucault:

aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele; É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle ou dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos surgem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Este caminho conceitual é imprescindível para esta pesquisa, visto que nosso objetivo é compreender de que modo é construída a subjetivação do sujeito feminino nas questões aqui apresentadas. De que maneira as relações de poder e os discursos de verdade, evidenciados por Foucault, afetam a visão hegemônica do âmbito que a mulher deve ocupar na sociedade.

5. RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA

As relações de poder e as sujeições que podem ocorrer a partir delas ocupam o centro das reflexões apresentadas nessa seção. Tomando como norte “O sujeito e o poder”, desenvolvido por Foucault (1995) apresentamos a relação entre poder e resistência elaborada pelo autor, bem como a forma como outros autores comentadores abordam tal aspecto.

Foucault compreende que as relações de poder não estão baseadas em violência ou repressão. Quando o autor delinea o exercício do poder como uma maneira de ação sobre as ações dos outros, introduz um aspecto significativo: a liberdade. Conforme o filósofo, o poder só atua sobre sujeitos livres. “Enquanto ‘livres’ – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Dessa forma, toda relação de poder está sujeita a resistências por parte destes sujeitos livres. Porém, fora isso, Foucault compreende que onde existe poder existe resistência. De acordo com o autor nas relações entre poder

e resistência existe um aspecto puramente relacional onde um não há sem o outro, um não é anterior ou posterior ao outro, eles coexistem.

Pois, se é verdade que no centro das relações de poder e como condição permanente da sua existência, há uma “insubmissão” e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder suas especificidades e finalmente a se confundir (FOUCAULT, 1995, p. 248).

Ao associar os modos de exercício de poder e os modos de resistência nas obras de Foucault, Grabois enfatiza que os aspectos de resistência estão, na grande parte das vezes, em ação. “Os pontos, os nós, os focos de resistência distribuem-se no tempo e no espaço de modo irregular, de forma pulverizada, atravessam as estratificações sociais e as unidades individuais, podendo provocar o levante de grupos ou indivíduos” (GRABOIS, 2011, p. 10). Foucault corrobora com essa reflexão quando compreende que um processo de resistência deve ser um processo em movimentação. “Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de “baixo” e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 2008, p. 241). Acerca da relação entre poder e resistência em Foucault, Judith Revel destaca que, assim como o poder, a perspectiva de resistência está em todo lugar.

a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte. (REVEL *apud* GRABOIS, 2011, p.13).

Para Maciel Jr., a concepção de resistir é o contrário de reagir, uma vez que quando reagimos damos o resultado àquilo que o poder espera de nós, “mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar” (MACIEL JR., 2014 p. 2). Foucault, por sua vez, sugere um estudo de vocabulário em busca da palavra mais apropriada para se referir aos processos de resistência. De acordo com ele, a palavra “revolta” seria excessivamente forte. Porém a palavra “desobediência” ecoaria fraca

demais, não incluindo todos os aspectos dos movimentos investigados pelo filósofo na obra “Segurança, território e população”. Ele sugere, portanto, o emprego do termo “contraconduta”. Para ele, “contraconduta no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (FOUCAULT, 2008, p. 266). O filósofo sugere “contraconduta” no lugar de “inconduta”, visto que este segundo vocábulo “só se refere ao sentido passivo da palavra [conduta], do comportamento: não se conduzir como se deve”. (FOUCAULT, 2008, p. 266).

Foucault distingue três espécies de lutas sociais, ou contracondutas: as que fazem face às maneiras de domínio étnico, social e religioso; as que refutam as maneiras de exploração que segregam os sujeitos do que eles produzem; e os conflitos contra a submissão, contrária a toda forma de subjetivação e sujeição, combatendo aquilo que vincula o sujeito a si mesmo e o assujeita aos outros. Conforme o autor, nos dias atuais “a luta contra as formas de sujeição – contra a submissão – está se tornando cada vez mais importante, a despeito de as lutas contra as formas de dominação e exploração não terem desaparecido. Muito pelo contrário” (FOUCAULT, 1995, p. 235). E com base neste conflito contrário às formas de sujeição e submissão que os sujeitos femininos ainda sofrem na sociedade e, por conseguinte, na mídia hegemônica. Pautados nisso apresentamos na próxima subseção as materialidades presentes no canal no Youtube do Think Olga.

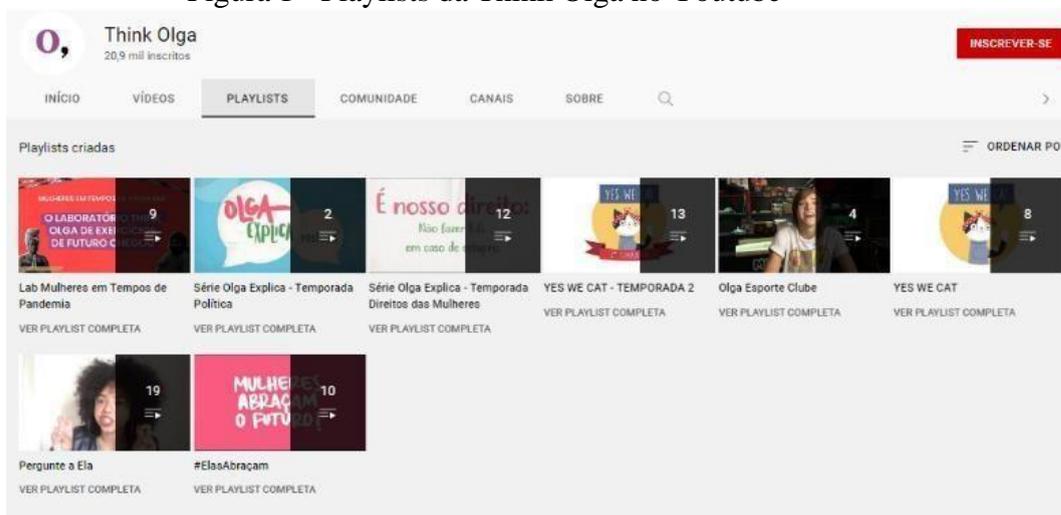
5.1. PROTAGONISMO DO SUJEITO FEMININO: AS MATERIALIDADES DE THINK OLGA

Esta seção é destinada à apresentação dos conteúdos audiovisuais presentes no canal da Think Olga no Youtube. Contudo, dos conteúdos demonstrados fizemos um recorte para analisarmos através da materialidade audiovisual se as promessas da criação foram executadas. De acordo com a descrição do canal, sua promessa é o empoderamento feminino pelo viés da informação. Nesta lógica, a pesquisa investigou os conteúdos audiovisuais se organizam como um movimento de resistência e contra-hegemonia, revolucionando as funções de gênero e fazendo com que os sujeitos femininos sejam personagens principais com direito à voz e à representatividade.

A análise foi pautada em quatro vídeos. O recorte não é ocasional, visto que se relaciona com as criações mais clicadas ao sucesso do alcance, da discussão nas redes sociais digitais e as principais temáticas dos vídeos do canal

A Think Olga, como é nomeado o canal no Youtube da ONG, começou a operar na plataforma desde 24 de março de 2014 e lançou²⁶ um total de 100 vídeos, contabilizando 20.900 inscritos e 745.835 visualizações. O canal é separado em oito playlists relacionadas à projetos produzidos pela ONG.

Figura 1 - Playlists da Think Olga no Youtube



Fonte: Print da tela. Youtube (jun, 2022)

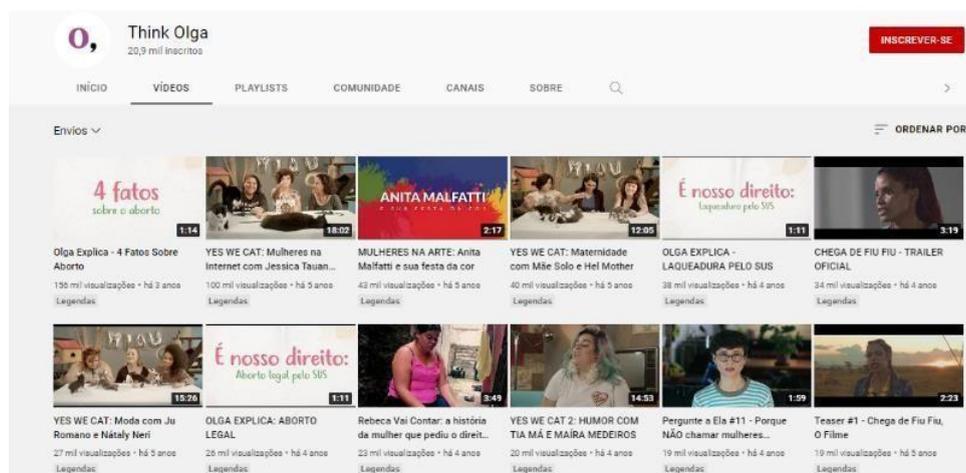
O canal Think Olga tem como objetivo primário a propagação de histórias feministas, com vista a uma militância que possibilite movimentos de empoderamento feminino. Com a intenção de discutir várias temáticas que importam aos sujeitos femininos, o compromisso é conceder conteúdos audiovisuais que fujam dos padrões tradicionais, demonstrando opções às narrativas hegemônicas. Com o reconhecimento de ações e de projetos efetuados por e para mulheres, a Think Olga Youtube objetiva preencher a esfera pública das redes sociais digitais e apresentar tudo o que as mulheres são aptas de fazer, enfatizando os vários campos, assuntos e lugares que podem (e devem) ser preenchidos por elas. Outro objetivo é fortalecer as mulheres com conhecimentos sobre as mais diversas temáticas e direitos obtidos para que possam, por meio da informação, se empoderar. Fora isso, os vídeos tentam problematizar e se opor aos muitos efeitos do machismo consolidados na sociedade.

²⁶ Os números são referentes a junho de 2022

As playlists do canal são separadas entre os seguintes projetos:

- 1- **Lab Mulheres em Tempos de Pandemia** é um conteúdo que faz parte do Laboratório Mulheres em Tempos de Pandemia, elaborado pela Think Olga com o foco de co-criar atividades de futuro para o mundo em que vivemos.
- 2- **Olga Explica – Temporada Política** é um conjunto de vídeos que expõe temáticas significativas para a vivência das mulheres em um minuto e abrangem alguns direitos poucos divulgados ou poucos vistos em narrativas hegemônicas.
- 3- **Olga Explica – Temporada Direito das Mulheres** é uma série de vídeos que aborda, de forma direta, rápida, mas com o aprofundamento necessário, alguns direitos das mulheres poucos conhecidos ou pouco explorados na grande mídia.
- 4- **Yes We Cat** é um conjunto de entrevistas que realizou a sua primeira temporada em janeiro 2017 e a segunda em fevereiro de 2018, a qual contou com o patrocínio do Bradesco. O foco é ser uma atração com a aparição de mulheres inspiradoras abordando assuntos interessantes de forma leve e com humor. Os vídeos mais vistos do canal são, prevalentemente, desta série.
- 5- **Olga Esporte Clube** objetiva rememorar o prazer pelo esporte fortalecendo os significados fundamentais da prática com socialização, desenvolvimento pessoal, vínculo positivo entre nosso corpo e o exercício da coragem. Através de entrevistas com mulheres desse âmbito, o foco é enfatizar que o esporte também é uma maneira de empoderamento feminino.
- 6- **Pergunte a Ela** é um projeto no qual mulheres respondem indagações sobre qualquer temática, de mercado de trabalho e carreira à assuntos do coração, perpassando por vínculos familiares e recomendações sobre como agir com os mais variados ocorridos.
- 7- **#ElasAbraçam** é uma série de vídeos criada em 2016, quando a equipe da Think Olga foi ao *South by Southwest*, um dos maiores festivais de inovação e tendência do mundo, e gravou como mulheres estão construindo um futuro benéfico. Nos vídeos existem diálogos com líderes de projetos em distintos campos.

Figura 2 - Vídeos mais populares do canal



Fonte: Print da tela. Youtube (jun, 2022)

Fora as playlists, existem outros projetos no canal que não se encaixam nessas produções específicas, como o teaser e o *trailer* do documentário “Chega de fiu-fiu” e outros sobre empreendedorismo feminino, mulheres na arte e a *hashtag* #EuVouContar.

Considerando o exposto, iniciamos as análises com a delimitação das sequências enunciativas e as associações possíveis entre elas, com o objetivo de responder à pergunta norteadora da pesquisa e compreender se os enunciados indicam práticas de resistência em termos de desobediência²⁷, com base na fundamentação teórica explicitada.

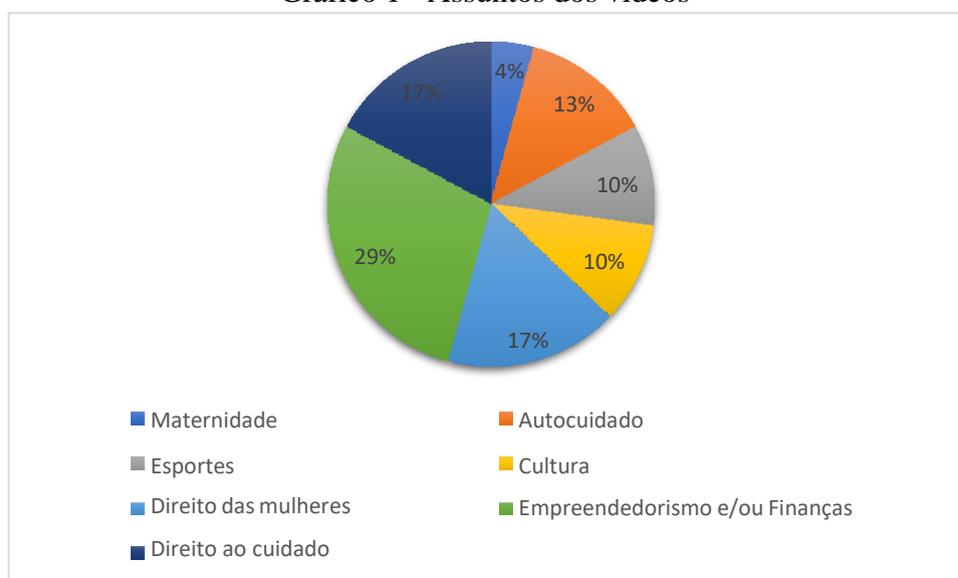
Dos cem vídeos publicados, trinta e nove não possuem entrevistas com mulheres. Dentre eles, seis têm relação com divulgação de campanhas realizadas pela ONG, dez são *trailers* ou *teasers* de produções do coletivo e doze são produções da série Olga Explica, que faz uso de animações, geração de caracteres e uma voz feminina de fundo esclarecendo assuntos como “Mulheres na política”, “B.O em caso de estupro” e “4 fatos sobre o aborto”, por exemplo. Além disso, dois anos depois a ONG retorna com o canal, mas agora no novo cenário imposto: pandemia. O canal passa a ter uma série de vídeos relacionados ao Lab Mulheres em Tempos de Pandemia e conta vinte e quatro vídeos, abrangendo projetos como Mulheres em Tempos de Pandemia, Entre Gerações e Economia do Cuidado.

Dos cinquenta e nove vídeos que contêm entrevistas ou mulheres em evidência, podemos listar alguns assuntos (ou editorias) que orientam as produções. Três deles tratam sobre Maternidade, nove sobre Autocuidado, sete sobre Esportes, sete sobre

²⁷ Para nós, esse movimento tem a ver com o que estuda Gros (2018).

Cultura, doze sobre Direitos das mulheres, vinte sobre Empreendedorismo e/ou Finanças e onze vídeos sobre o Direito ao cuidado.

Gráfico 1 - Assuntos dos vídeos



Fonte: da autora, 2022

Os resultados apresentam o maior desejo da Olga em construir conteúdos que abordem desde o respeito até o empreendedorismo feminino. Um indício dessa seleção é o propósito do coletivo de “empoderar mulheres por meio da informação”. Conforme a definição de um dos projetos da ONG, o *Olga Mentoring*, “a promoção de aulas de negócios é uma ferramenta poderosa para a independência da mulher em um mundo ainda dominado pelos homens”. Nos dias atuais, segundo a pesquisa *Empreendedoras e Seus Negócios*, formulada pela Rede Mulher Empreendedora (RME), as mulheres caracterizam 43% dos empreendedores brasileiros. Como resultado de um número relevante de mulheres empreendedoras, e por confiar que procurar o próprio negócio e conhecer sobre finanças é um percurso para a independência, grande parte dos vídeos são entrevistas com mulheres que são significativas neste seguimento. As entrevistas estão expostas, principalmente, nas produções do projeto “Elas abraçam”.

Consideramos que o feminismo atua em diversas esferas da sociedade: familiar, profissional, religiosa, política e nas relações entre sujeitos. Dentro dessas principais esferas, o canal Think Olga subdivide em outras temáticas como: maternidade, esportes, direito das mulheres, direito ao cuidado, autocuidado, cultura e empreendedorismo e/ou finanças. É um movimento social cuja luta objetiva, principalmente, modificar

configurações sexistas de observar o mundo, que transitam em regimes políticos, instituições religiosas e familiares, além do comportamento social e o pensamento individual, que, no que lhe concerne, acometem a vida em sociedade, auxiliando na elaboração de disposições excludentes e opressoras. Sobre os pontos fundamentais das reflexões feministas relacionados com ideais foucaultianos, Rago afirma que:

Se os feminismos lutam para a conquista de direitos das mulheres, para o seu reconhecimento como cidadãs; se são responsáveis por inúmeras políticas públicas e por uma sensibilização do Estado em relação às demandas femininas, também têm tido um impacto formidável na mudança da sensibilidade e do imaginário cultural e na maneira pela qual as pessoas se relacionam consigo mesmas, se percebem e se interpretam (RAGO, 2019, p. 4).

A proposta dessa autora é encontrar um modo de refletir a expansão do feminismo, sobre a maneira que esse movimento social permitiu que fosse possível investigar a proposta de independência das mulheres de forma a negar uma identidade delineada pelo saber-poder misógino, visto que “Os feminismos entendem que a emancipação feminina passa por transformações estruturais que vão além dos sistemas políticos e econômicos, atingindo as formas de pensar, de interpretar, de sentir e de se subjetivar” (RAGO, 2019, p. 7).

No caso das temáticas que permeiam o canal Think Olga, pensamos em como se dá a construção de um discurso feminista sobre o empoderamento feminino frente a conteúdos diversos que atuam como informativos ao sujeito feminino. A partir dos resultados do gráfico, é possível observar o modo como a vivência em um espaço sexista e os impactos de silenciamento, de temáticas renegadas às mulheres, como por exemplo empreendedorismo e esportes, podem nesse dispositivo midiático ser articulados em seu discurso.

A luta do empoderamento feminino não se restringe às alterações nas estruturas políticas e sociais: o pensamento patriarcal necessita ser contestado e substituído, comportamentos psicológicos do dia a dia precisam ser esquecidos e não mais ensinados. A repressão feminina não acontece somente em episódios entre marido- esposa, uma vez que as mulheres obedecem, desde cedo, orientações – muitas vezes sutis – sobre como devem agir, o que devem sonhar almejar e o que não deve ser questionado. O modelo patriarcal constrói falsas personalidades e identidades femininas, as quais o coletivo Think Olga coloca em reflexão. Sobre as lutas dos feminismos, Rago considera que

Aprendemos a interpretar o mundo a partir de códigos de significação masculinos, como a “filosofia da diferença” mostrou, que precisam ser transformados e que têm sido transformados. Do mesmo modo, o enorme investimento teórico na descolonização do corpo e na psique femininos, na historicização dos discursos instituintes das identidades e de realidades opressivas para as mulheres permitiu que elas criassem argumentos fortes em prol do controle da própria vida e do corpo, a exemplo das lutas: pela descriminalização do aborto, pela punição do assédio sexual, do estupro, da violência doméstica e de outras formas de abuso (RAGO, 2019, p. 4)

O próximo assunto mais abordado nas produções audiovisuais da ONG é a playlist “Direitos”, que realiza também uma das expectativas da Think Olga de “conscientização, representatividade, educação, acolhimento, *know your rights*, conhecimento dos direitos”. Os vídeos objetivam fortalecer as mulheres com conhecimentos para que procurem seus direitos enquanto cidadãs.

Considerando o exposto, na próxima subseção iniciamos as análises com a delimitação das sequências enunciativas e as associações possíveis entre elas, com o objetivo de responder à pergunta norteadora da pesquisa e compreender se os enunciados indicam práticas de resistência em termos de desobediência²⁸, com base na fundamentação teórica explicitada.

5.2. PLAYLIST OLGA EXPLICA

Pautados em Navarro e Ceniz (2021), consideramos que o ponto de tensão entre os dispositivos e as desobediências definem-se como um *corpus* não linguístico, mas enunciativo, por conseguinte, pugnaz, pois correlata posições de sujeito, domínios associativos, temas e estratégias que representam as regras de formação dos poderes e resistências. A análise desse *corpus está*, dessa forma, embasada na concepção de enunciado com valor de acontecimento no interior do arquivo. Como demonstra Foucault, a palavra arqueologia denomina uma espécie de pesquisa “[...] que se dedica a extrair os acontecimentos discursivos como se eles estivessem registrados em um arquivo” (FOUCAULT, 2006a, p. 257). O enfoque dado ao enunciado fundamenta-se pelo fato de ser um ponto de entrada no *corpus* discursivo para reconhecer os movimentos de desobediência que os sujeitos do discurso exercem.

²⁸ Para nós, esse movimento tem a ver com o que estuda Gros (2018).

Conforme Foucault (2009), descrever uma formulação como enunciado consiste em determinar qual é a posição que deve ocupar seu sujeito, visto que essa posição é vazia. Portanto, é de suma importância rememorarmos que, embora o sujeito do enunciado seja determinado, por ser uma posição vazia, pode preencher ou tomar posições distintas, fato que norteia a análise a observar as condições em que a subjetividade desobediente possa manifestar-se como acontecimento.

A primeira playlist a ser analisada é a Olga Explica – temporada política, a qual possui dois vídeos. O ponto de partida para as análises sobre as práticas discursivas é o vídeo mais visualizado do canal, “Mulheres na política”, seguido do vídeo, “Seu voto pode ser feminista”. Rememorando o tema desta dissertação, as formas de discursivização do chamado empoderamento feminino, essa subseção investiga a relação entre o material acerca da temática exposta e os conceitos de patriarcalismo, sexualidade e governamentalidade. Para tanto, retiramos destes arquivos algumas sequências enunciativas (SE), as quais trazem marcas linguísticas, mas também estão aliadas às regularidades discursivas, seguidas da ordem numérica em que aparecem nesta seção.

Na perspectiva de que os discursos em análise não são unicamente da mídia, porém também estão nela com base em outros ambientes institucionais, o gesto de descrição enunciativo das sequências apresenta que sujeitos múltiplos são considerados em nosso *corpus*. Tratamos desse funcionamento na seção anterior e damos sequência agora, quando observamos a Think Olga representando o sujeito feminino em relação ao campo político. Entre o sujeito feminino que ganha visibilidade no canal e, em específico, no vídeo que apresentaremos, estão os dados ONU, Banco Mundial, Tribunal Superior Eleitoral e IBOPE/ONU Mulheres. Essas instituições podem falar pelo *status* que possuem, uma vez que são ocupantes de postos políticos confiáveis, pois a ONG concede a possibilidade de juntar-se no jogo discursivo.

Interessa-nos, nesta sessão, a configuração das resistências do campo político em relação ao nosso objeto discursivo. Uma delas se dá no vídeo “Mulheres na Política”²⁹, o qual faz parte da playlist Olga Explica, cujo objetivo é comunicar sobre a conjuntura política brasileira e as consequências que esse cenário tem na vida das mulheres. O vídeo mais visualizado da playlist, e separado para análise, foi postado em 15 de agosto

²⁹ OLGA EXPLICA: MULHERES NA POLÍTICA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=51y9O-EcZGc&list=PLeBw2g4qJHFDWftic9h6RLob4x_vsDxPs&index=2. Acesso em: 20 jul. 2022.

de 2018. A produção, que se refere ao tópico “Direitos”, tem 1min14seg de duração e é um vídeo em animação com uma voz feminina de fundo, para a qual daremos o estatuto discursivo de enunciado verbal sonoro, como explicitado na Introdução. Com 3.028 visualizações, a narrativa contabiliza um comentário e 225 likes. O efeito de resistência política já é evidenciado no primeiro discurso que o enunciado verbal sonoro enfatiza: “O mundo é governado por homens”. O sujeito masculino aparece como destaque, embora de uma forma crítica; a voz que narra não se mantém afastada e imparcial de qualquer juízo de valor presente no enunciado, ela se posiciona: “No Brasil, a falta de representação feminina preocupa”. Observamos que a narrativa posiciona o sujeito feminino como quem deve ser o produtor do discurso de resistência, de forma que aponta a ausência de representação feminina na política, e uma das formas usadas é o emprego do substantivo feminino “falta” para ressaltar o fato de as mulheres não estarem onde poderiam ou deveriam estar.

SE 1: O mundo é governado por homens, dos 192 países **só** 16 tem presidentes mulheres. No Brasil, a falta de representação feminina **preocupa**. **Apenas** uma a cada dez cidades elegeu uma prefeita em 2016 e comparando com outros países **temos umas das menores proporções de mulheres parlamentares no mundo**. (YOUTUBE, 2018, grifos nossos)

O enunciado da SE 1 explicita o discurso de ausência de representatividade feminina na política, indicando a regularidade que atravessa as condições histórico-culturais e dá ancoragem enunciativa para a propagação de desobediências a essa ordem hegemônica. Em termos discursivos, para que isso aconteça, emerge um jogo estratégico que utiliza, diretamente, da díade visibilidades-enunciados como uma maneira de fazer resistência ao tipo de sujeito masculino que o dispositivo machista produz e dá a conhecer, a saber: homens ocupam cargos de liderança. Reconhecer esse tipo de ocupação predominante é uma forma de compreensão de outras possibilidades de subjetivação promovidas pelo coletivo Think Olga.

As escolhas lexicais dão conta, também, de caracterizar essa enunciação como parte de um exercício de desobediência. Em se tratando de uma mídia feminista, podemos observar que, ao iniciar o discurso, com “o mundo é governado por homens”, o vídeo propõe uma provocação, ou seja, sugere de forma implícita uma indagação, do tipo É esse mundo que intencionamos? Ao dar sequência, o sujeito do enunciado verbal sonoro se posiciona no discurso por meio dos advérbios “só” e “apenas” e do verbo preocupar conjugado na terceira pessoa do singular, de forma que sinaliza o seu

descontentamento com o cenário político da época. Esse descontentamento é validado na sequência do discurso, de tal modo que são apresentados dados da ausência feminina no campo político: “temos umas das menores proporções de mulheres parlamentares no mundo”. Notamos existir, ao menos em nível de formulação, uma tentativa de posicionar a mulher como componente de um coletivo que age para a construção de uma sociedade distinta. Esse recurso se apresenta como um contraponto a um “campo associativo” (FOUCAULT, 2009), constituído pelo dispositivo patriarcal contra o qual se faz resistência, dispositivo cujas características discursivas estabelecem práticas relacionadas à superioridade masculina.

Foucault (2004a) expõe o conceito do cuidado de si, que se fundamenta no exercício de si sobre si mesmo, na prática ascética. De acordo com o filósofo, o bom governante é aquele que governa bem a si mesmo, primeiramente (FOUCAULT, 2004). Levando em consideração que o poder se estabelece na sociedade e atua sobre a vida dos sujeitos, classificando-os e categorizando-os em determinadas identidades, a tarefa das práticas de resistência é ir ao encontro dos novos aspectos desse poder relacional. Gros (2018) teoriza o cuidado de si ao relatar as formas de obediência e os motivos pelos quais os indivíduos obedecem (e desobedecem):

Considerando que a desobediência está associada ao cuidado de si, como propõe Gros (2018, p. 181) “é pelo cuidado de si que nos impedimos de cometer abominações, de participar de empreitadas criminosas. [...] Não se trata de cuidar de si no sentido de uma postura egoísta, individualista, mas de permanecer vigilante nesse núcleo ético que habita cada um”. O efeito do enunciado é exatamente de um coletivo que revoluciona no sentido de romper o padrão, deixando as possibilidades de uma obediência conformada, alicerçada nas convenções estabelecidas.

As contracondutas também são analisadas por Navarro (2020), que relaciona essas práticas com o cuidado de si, refletindo se sinalizariam para ações diretamente a um exercício do bom governo de si e dos outros. Para mais do aspecto multidirecional das relações de poder e da condução de condutas, envolto nessas práticas, Navarro (2020, p. 225) ressalta que “o cuidado de si pode se constituir em um conjunto de ações eficazes para que o sujeito coloque em prática um movimento de contraconduta em relação a um tipo de governo que exerce dominação sobre [ele]”. Essas definições dialogam, pois, com o sujeito ético apresentado por Gros (2018), que procura, de certa forma, o exercício do bom governo.

Na mesma direção, na prossecução do vídeo, chamamos a atenção para o enunciado verbal sonoro com o enunciado verbal escrito, os quais vão emergindo concomitantemente. Sendo assim é importante analisarmos o que esse discurso nos apresenta:

SE 2: 92% dos países têm **chefes de governo homens** – fonte: projeto mulheres inspiradoras, 2017, com dados da ONU, Banco Mundial e Tribunal Superior Eleitoral. 13% dos **eleitos em 2016 são mulheres** – fonte: projeto mulheres inspiradoras, 2017. 1º Ruanda; 2º Bolívia; 3º Cuba; 152º entre 192 países – fonte: projeto mulheres inspiradoras, 2017, com dados da ONU, Banco Mundial e Tribunal Superior Eleitoral (YOUTUBE, 2018, grifos nossos)

A SE 2 também produz discursos sobre o cargo, os quais as mulheres ocupam. O enunciado é composto por estatísticas representadas por porcentagens, de forma que objetiva gerar uma inquietação maior, visto que compreender os números em escala ocasiona uma repercussão díspar. A partir disso, no primeiro enunciado, em que aparece um número gigantesco de países que possuem chefes de governo homens, há em contrapartida no próximo enunciado um número inferior, o qual não detalha quais posições políticas as mulheres ocupam. Esse endereçamento produz um efeito a favor ao dispositivo de poder, se levarmos em conta que este oferece características validadas culturalmente do que se apreende por funções exercidas por homens. Como consequência da narrativa, a posição desse sujeito discursivo político, representada pela voz da narradora, é de que é tão baixa a quantidade de cargos preenchidos por mulheres que não há sequer a delimitação de quais cargos seriam, diferentemente dos homens, que é marcado pelo cargo ocupado, ou seja, os chefes de governo. Dito de outra forma, Think Olga realiza um movimento oposto ao dispositivo patriarcal, pois abre os indicadores sobre a possibilidade de as mulheres conquistarem cargos de liderança. Como parte desse movimento de resistência pela desobediência, está a própria possibilidade de desobediência aos padrões hegemônicos, uma não obediência à vontade de verdade de uma supremacia masculina.

Na sequência do vídeo, é apresentado o enunciado verbal escrito, o qual demonstra o ranking dos países que contam com mulheres parlamentares, ou seja, na referida sequência enunciativa a posição-sujeito marca resistência contra as ocupações masculinas dos cargos políticos da época, ao sinalizar, novamente, a partir de dados, as proporções baixíssimas (152º) em que o nível do Brasil se encontra. Dessa forma, podemos observar a atuação do dispositivo patriarcal nesse âmbito, já que temos a

estrutura de poder social centralizada no masculino, visto que essas ocupações de maior importância cultural estão sendo preenchidas por homens.

SE 3: A lei eleitoral determina que os partidos tenham no mínimo 30% de candidatas. Lei das eleições lei nº 9.504/1997. **Mesmo assim** essa proporção de mulheres **não** está sendo eleita. O resultado **não** aparece nas urnas. Uma das razões está no **financiamento de campanhas**. Em 2016 a maioria dos partidos **priorizou verbas para candidatos homens**, mas um adendo a lei vai obrigar os partidos a alocar parte da verba para mulheres. **Mínimo de 30% do dinheiro de campanha para candidatas**. E isso poderia melhorar a representação feminina na política. (YOUTUBE, 2018, grifos nossos)

A SE 3 mostra os dados científicos de duas formas: o enunciado verbal sonoro e o enunciado verbal escrito. A mídia ciberfeminista apresenta, primeiramente, por meio do nível sonoro do enunciado verbal, qual a porcentagem mínima que cada partido deve possuir de candidatas, concomitantemente, é exposta, pelo o enunciado verbal escrito, a lei que em que prevê essa norma. Comprendemos também esse enunciado verbal escrito em que há a lei em que prevê a norma como um atravessamento do dispositivo jurídico, utilizado como uma estratégia para resistir. Em seguida, desponta o posicionamento da ONG, por meio da locução adverbial de valor concessivo- adversativo “mesmo assim”, isto é, temos um descontentamento do sujeito demonstrado por uma orientação argumentativa contrária. Na continuidade do que é dito pelo enunciado, destacamos o advérbio “não” utilizado duas vezes, o qual produz efeito de ênfase da ausência de presença feminina nos cargos políticos. Afinal, se há uma lei que prevê um número de mulheres que têm de estar presentes nos partidos, por que elas não estão sendo eleitas? Essa indagação contribui para a ocorrência da resistência, pois o sujeito do discurso reforça o fato de os resultados não ocorrerem nas urnas, logo, o enunciado produz efeito de que esse acontecimento precisaria ocorrer.

Considerando, ainda, o jogo estratégico colocado em funcionamento por essa prática desobediente, na SE 3, enfatizamos três características que definem o caráter de acontecimento desse discurso em relação com o poder em exercício: a) construção de um ambiente de subjetividade permeada pela responsabilidade; b) Think Olga se apresenta como ambiente para a emergência de outras práticas discursivas que fortalecem o coletivo e; c) possibilidade de observação da SE sobre o exercício de poder.

De acordo com Gros, o sujeito da responsabilidade é aquele que chama para si a responsabilidade daquilo que ocorre no mundo, é aquele que precisa reconhecer que “é a *mim*, somente a mim, que cabe carregar o fardo: fui eu que cometi tal ato” (GROS,

2018, p. 192). Diz respeito a um eu indelegável, pois o sujeito da responsabilidade é ele próprio e não os outros; é esse sujeito que deve fazer a transformação através de suas práticas. A segunda característica diz respeito ao fato de que o Think Olga se apresenta como um ambiente para a emergência de outras práticas discursivas que reforçam o coletivo, a partir disso identificamos outra estratégia para resistir: o protagonismo. Um dos elementos reveladores dessa espécie de discurso é que “[...] a capacidade de desobedecer juntos volta a ser sensível, contagiosa, quando a experiência do intolerável se adensa até se tornar uma evidência social”. (GROS, 2018, p. 17). E, por fim, a terceira característica nos possibilita observar, a partir da SE, uma prática de desobediência que lança luz sobre as técnicas de poder do dispositivo patriarcal, pois o enunciado apresenta uma rejeição a esse dispositivo, de forma que evidencia a ausência de investimento financeiro, na tentativa de incitar um movimento de saída da condição de obediência passiva ao patriarcalismo estrutural.

O enunciado verbal sonoro e o enunciado verbal escrito tornam a atuar em conjunto, mas nesse momento de forma mais enfática: ambos se amalgamam para destacar a seguinte relação de poder dominante: “financiamento de campanhas” e “priorizou verbas para candidatos homens”. O motivo da ressalta é justificar a ausência feminina no campo político no que tange às verbas destinadas, uma vez que temos o uso de dois substantivos para atribuir valor monetário. Mais uma estratégia é observada: temos a memória que remonta à Grécia clássica, as organizações tribais: à mulher cabe gerir o oikós, ao homem cabe gerir ao pólis.

Vale também lembrar o campo associado que o ano “2016” ativa no discurso. O enunciado faz retornar aos episódios de 2016, momento em que se iniciaram as manifestações contra a Presidente da República, Dilma Rousseff, conjunção em que a primeira mulher eleita para o maior cargo político do Brasil foi destituída e vivenciou insultos os quais tinham como premissa o seu gênero.

Portanto, na circunstância do cenário político, a posição de sujeito associa a ocasião da carência de investimento de verbas para candidatas mulheres ao cenário político da época, contribuindo com as argumentações de resistência e pode produzir efeitos que levem a crer a misoginia enfrentada naquele ano. A resistência declarada e enfática aparece ao argumentar a ação “obrigar” e “alocar”. Nessa direção, o sujeito tenta instaurar a verdade de que é possível uma mudança na esfera política. Para isso, demonstra, discursivamente, a porcentagem de dinheiro que vai ser destinada às candidatas e que esse investimento pode melhorar a representação feminina na política.

Novas estratégias identificadas: mulheres nas chapas para engajamento dos militantes, assim com as minorias. A prática de resistência é percebida e capturada pelo marketing eleitoral.

É possível visualizar as estratégias de resistência que Foucault cita para relacioná-las ao que estamos observando em relação ao movimento de empoderamento feminino em prática no *corpus*, lembrando, sobretudo, que “toda estratégia de confronto sonha em tornar-se relação de poder; e toda relação de poder inclina-se, tanto ao seguir sua própria linha de desenvolvimento quanto ao se deparar com resistências frontais, a tornar-se estratégia vencedora” (FOUCAULT, 1995, p. 148).

SE 4: A opinião pública pede por mais mulheres na política, está na hora das instituições brasileiras refletirem essa expectativa! – fonte: dados da procuradoria especial da mulher, 2014 IBOPE/ONU mulheres. A baixa proporção de mulheres na política não reflete a opinião pública. Uma pesquisa da ONU mostra que 75% dos brasileiros acham importante a participação das mulheres nos partidos e governos (YOUTUBE, 2018).

A crítica das diretrizes de uma sociedade, atuando no centro das subjetivações femininas desobedientes, é outra prática discursiva que faz resistência, por exemplo, a enunciados, do tipo “homem manda, mulher obedece”. Enunciados que preservam essa identidade retomam um campo associado, constituído pelos dispositivos provenientes do patriarcalismo já evidenciados, ao passo que, simultaneamente, impedem e recusam perspectivas diversas, instituindo-se como uma ordem discursiva (FOUCAULT, 2006a) que exige obediência dos sujeitos.

Como já apontado durante os capítulos teórico-metodológicos, para Foucault (2009), o domínio associado é uma das características da função enunciativa e se refere às relações que um enunciado instaura em relação a outros, pois “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2009, p. 110). Assim sendo, o campo [ou domínio] associado também é formado pelo conjunto de formulações a que o enunciado diz respeito, pois “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2009, p. 111). De acordo com Navarro (2015, p. 160), essa característica também aponta para a noção de memória discursiva:

a consideração de que os enunciados pertencem a uma rede de outros enunciados leva o analista a considerar que nos processos discursivos pode haver a inscrição da memória histórica, social ou mítica de uma dada sociedade ou mesmo a retomada e/ou deslocamento de um

enunciado por outro. [...] Trata-se de pensar o enunciado em relação ao arquivo.

O discurso científico, ou seja, os dados levantados pela Procuradoria Especial da Mulher que emergem e são tornados visíveis na imprensa também tentam instaurar outras verdades como: a) o público quer mais representatividade feminina no âmbito do Estado e; b) as organizações precisam tomar providências para agregar mais mulheres em seu time. Sendo assim, as afirmações resistem contra verdadeiro da época, o âmbito majoritariamente masculino.

Para engendrar na sociedade sua vontade de verdade, seguindo o que Foucault (2006a) formula, o sujeito feminino representado pelo enunciado verbal sonoro alicerça-se na instituição a qual representa (mídia), exclui determinadas informações e reveste seu discurso com dado científico para distribuí-lo. No trecho recortado, o sujeito relata o quadro que a opinião pública pede (presente), o momento em que das instituições refletem (presente) e os números não refletem (presente) a opinião pública.

Continuando a estratégia de produzir a verdade, dispomos do enunciado escrito: “Aborto seguro; Proteção à mulher; Creches” (YOUTUBE, 2018). Dada a estrutura do enunciado, as palavras estão sempre relacionadas aos direitos básicos que as mulheres deveriam possuir, segundo o dispositivo feminista, visto que o aborto não é legalizado para todos os casos. E, no caso em análise, quando em seguida temos o enunciado verbal sonoro: “Uma pesquisa da ONU mostra que 75% dos brasileiros acham importante a participação das mulheres nos partidos e governos” (YOUTUBE, 2018). Podemos notar que o sujeito objetiva produzir o efeito de que se houver presença feminina no campo político, haverá a garantia de que alguém estará lutando para assegurar esses direitos. Logo, tentando produzir o sentido de ineficácia da garantia dos direitos básicos femininos, o sujeito responsabiliza o cenário político majoritariamente masculino e excludente, que desconsidera a presença feminina, ainda que a sociedade seja oposta à conjuntura vigente “75% dos brasileiros acham importante a participação das mulheres nos partidos e governos”. O sujeito enunciativo se coloca em uma concepção afirmativa, que rompe o que existe há muito tempo e tem sido reiterado. Em atuação, faz um tipo de convocação, provoca para a transformação no processo de mais representatividade feminina na política.

A construção que vai sendo realizada ao longo da materialidade audiovisual, por exemplo, considera quem a ouve, ou os destinatários, um conceito não trabalhado por

Foucault, mas mencionado por Deleuze (2017), ao evidenciar que os enunciados e as visibilidades não são ocultos. “Que um enunciado tenha um determinado emissor e um certo destinatário não implica que seja secreto. [...] difícil é encontrar os enunciados lá onde estão. Eles estão em algum lugar, cabe a vocês encontrá-los” (DELEUZE, 2017, p. 38).

Em efeito de acúmulo (FOUCAULT, 2009), o discurso do coletivo é reatualizado em novas sequências enunciativas no próprio canal, seis dias depois. o segundo e último vídeo da série, separado para análise, foi postado em 21 agosto de 2018 e teve como título “Seu voto pode ser feminista³⁰”. O planejamento, conforme os textos de divulgação, foi de pensar sobre o motivo pelos quais as mulheres precisam estar na política e atuar com consciência o seu direito ao voto.

A produção, que se refere ao tópico “Direitos”, tem 1min04seg de duração e é um vídeo em animação com uma voz feminina de fundo. Com 2.611 visualizações, a narrativa contabiliza dois comentários e 234 likes. A produção audiovisual segue o mesmo padrão do primeiro vídeo publicado: enunciado verbal escrito e enunciadoverbal sonoro, ambos atuando paralelamente.

O vídeo inicia discursivizando o título de forma que possuímos o enunciado verbal escrito e o enunciado verbal sonoro coexistindo sincronicamente. Logo em seguida, a materialidade demonstra apenas o enunciado verbal sonoro:

SE 5: Seu voto pode ser feminista. Mulheres na política é sinônimo de desenvolvimento econômico social e democrático. Impacto de ter mulheres na política: + saúde + educação + transparência. Está comprovado que o trabalho delas é mais focado em saúde, educação e transparência, por exemplo. (YOUTUBE, 2018, grifos nossos)

Na SE 5 a materialidade audiovisual se inicia com o enunciado verbal escrito e o enunciado verbal sonoro emergindo ao mesmo tempo: “Ser feminista”, a partir desse discurso temos a marca de um posicionamento político salientado, que se difere do enunciado analisado no primeiro vídeo “o mundo é governado por homens”. Na continuidade enunciativa, há o enunciado verbal sonoro “mulheres na política é sinônimo de desenvolvimento”. Não há, dessa forma, como desvincular a relação existente que o sujeito faz do feminismo e do desenvolvimento, de forma que produz efeito positivo. Portanto, as ações não podem ser vistas isoladas ou autônomas.

³⁰ OLGA EXPLICA: SEU VOTO PODE SER FEMINISTA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=912jE6NT8v8&list=PLeBw2g4qJHFDWftic9h6RLob4x_vsDxPs&index=1. Acesso em: 19 jun. 2022.

Consideramos, assim, a afirmativa de Temple (2013, p. 149) de que “[...] não significa que o discurso da verdade [...] não seja passível de alteração”. Para nós, a relação saber/poder é que vai determinar a alteração ou não desse discurso de verdade.

É possível identificarmos investidas discursivas do sujeito em apresentar os benefícios gerados ao escolher uma candidata mulher para representar os sujeitos femininos e resistir ao dispositivo patriarcal que intenta condicionar a mulher em um estado de menoridade, acreditando que existem domínios em que prevalece o discurso feminista, enquadramos o discurso feminista no acontecimento em análise. Temos nos enunciados escritos a (re)produção de “verdades” que emergem do campo político e funcionam como resistência ao cenário político vigente. A apropriação social dos discursos pelas sociedades do discurso, de acordo com Foucault (2010), faz com que cada sociedade tenha seu regime de verdade, sua política geral de verdade, os discursos que ela faz funcionar como verdadeiros.

O sujeito discursivo, por se colocar em defesa a outras formas de gestão política, encontra-se na posição de desobediência, se comparado a outros mandatos políticos que ratificam e reproduzem, a partir de campanhas eleitorais (o enunciável) e ações (o visível), a estrutura patriarcal. Narrativas como essas, que emergem dos coletivos que preservam a pluralidade e o estabelecimento de outros lugares de ocupação feminina, são viabilidades de uma rendição de espaços considerados normativos de gênero, assim como um esforço de retornar imperativos que dão espaço a outra constituição de sujeitos. Pois, “desobedecer é uma declaração de humanidade” (GROS, 2018, p. 17).

A dualidade entre o visível e o enunciável, apresentada por Deleuze (2017), em interpretação da obra de Foucault, dá conta de elementos que extrapolam o discurso.

O visível e o enunciável constituem duas formas estáveis em cada época. [...] Logo, o que significa “arqueologia”? Uma disciplina que analisa os arquivos. E o que é um arquivo? É a coleção audiovisual de uma época, o visível e o enunciável. Portanto, é a partir do visível e do enunciável que se define uma época, que agora podemos chamar de uma “formação histórica”. Foucault diz às vezes uma “positividade”, ou seja, o cruzamento das duas formas estáveis em uma época, o visto e o dito, o visível e o enunciável (DELEUZE, 2017, p. 5-6).

Deleuze também associa o visível e o enunciável ao saber, afirmando que este é a conjunção da dualidade. Assim sendo, todo saber é histórico. Conforme o autor, os livros de Foucault abrangem uma distribuição entre formas de visibilidade e formas de enunciabilidade de uma época, entre o modo de ver e o modo de enunciar determinado

objeto discursivo. Na elucidação de Deleuze (2017, p. 18) “para Foucault, todo saber é fundamentalmente uma prática. [...] práticas discursivas (são os enunciados), práticas não-discursivas (as visibilidades)”. O verdadeiro é a associação entre elas. Isto é, a verdade é inseparável das práticas que a produzem.

SE 6: Melhores condições de trabalho; **Mais creches**; **Políticas anti-assédio**. Para escolher alguém que leve as causas das mulheres adiante é fundamental conhecer quem é e quais são suas ideias. Acesso a serviços de saúde feminina; Licença maternidade; **Aborto seguro**. (YOUTUBE, 2018, grifos nossos)

O enunciado verbal escrito rememora o primeiro vídeo com os mesmos tópicos: “Mais creches x creches”, “políticas anti-assédio x proteção à mulher” e “aborto seguro x aborto seguro”. Mediante ao exposto, a primeira verdade que produz é de que a escolha por eleger uma candidata mulher vai garantir não só o direito às creches, mas às novas construções de um espaço público de assistência social que abrigue as crianças para que os pais possam trabalhar fora, pois o sujeito utiliza agora o advérbio de intensidade “mais” para produzir sentido de grande quantidade. A segunda verdade produzida especifica qual seria a proteção à mulher ao elencar políticas anti-assédio, isto é, a busca por um ambiente de equidade, livre de assédio. A terceira e última verdade produzida é enunciada exatamente da mesma forma: aborto seguro. Nos dois vídeos, os discursos reproduzidos da mesma maneira também produzem efeito de necessidade, visto que há uma escolha léxica idêntica para ambos, ou seja, o aborto é realizado e deve ser de forma segura.

Essas observações só são possíveis após processo de descrição dos discursos, que nos permite compreender, ao mesmo tempo, que a necessidade pela presença feminina produzida pelo vídeo significa gestos de resistências se efetivando pelo/no discurso.

Frente ao *corpus* que selecionamos e em análise, percebemos a configuração das lutas que se formam no campo político. Retomamos, então, a ideia de saber erudito desenvolvida por Foucault (2010). Como “enquadramos” governo e mulheres nesse domínio em razão dos saberes que possuem, ainda podemos notar a existência do embate de posicionamentos na relação político *versus* feminino. A entrada de outros discursos veiculados pelo vídeo “seu voto pode ser feminista” auxilia nessa compreensão.

Ao sublinhar uma prática cotidiana, como o acesso aos direitos que deveriam ser básicos, de acordo com o discurso feminista (melhores condições de trabalho; mais

creches; políticas anti-assédio; acesso a serviços de saúde feminina; licença maternidade; aborto seguro), o enunciado valoriza a garantia dos direitos das mulheres. O coletivo sugere que, por meio das reflexões propostas, o sujeito feminino construa e elabore para si identidades, apoiado no que esta mídia disponibiliza, dessa forma, a SE 6 justifica a indagação de De Certeau (1994, p. 93) “o que é que eles ‘absorvem’, recebem e pagam? O que fazem com isso?”. Movida pelas reflexões desse autor, a análise volta-se para o modo como o sujeito mulher apropria-se do que os discursos midiáticos lhe apresentam quanto ao seu poder de escolha. Identificamos que não há produção de verdade sem subjetividade, que a compreensão de realidade é construída socialmente e que a mídia é um mecanismo de governamentalidade.

SE 7: Pesquise se o plano de governo dele ou dela tem iniciativas que dão mais possibilidades para as mulheres. Se informe sobre os mandatos anteriores. Quais projetos apresentou? Que iniciativas colocou em prática? (YOUTUBE, 2018)

Na sequência enunciativa recortada do material de análise, o sujeito do discurso utiliza o modo imperativo (pesquise/se informe) para expressar ações exigidas do interlocutor e produzir efeito de autoridade, ao pedir que tome as informações a respeito de. O efeito de resistência pode ser notado, principalmente, ao enunciar que se deve pesquisar propostas que dão mais possibilidade às mulheres, inclusive, elenca duas indagações que devemos fazer ao selecionar o candidato.

Em outro enunciado “preste atenção ao partido. Qual foi sua taxa de comparecimento? Tem ficha limpa?”, seguindo o tom de exigência, o sujeito enfatiza a posição de ordem ao utilizar novamente um verbo no imperativo (preste) seguido novamente de dois questionamentos que se deve fazer ao pesquisar o candidato. A exigência que o sujeito político direciona às interlocutoras por meio de diferentes verbos no modo imperativo deve ser considerada como responsável pela produção do efeito de resistência do discurso que produz, visto que, a partir dessas instruções exigidas, é que os sujeitos femininos poderão transformar o cenário presente.

A SE institui uma posição de sujeito obediente ao dispositivo do feminismo, porém não se refere a uma “obediência passiva” (GROS, 2018). É uma obediência consciente, se pensarmos que a cada orientação está associado um efeito de poder imperativo, mas que não se realiza somente no ato de orientar: o que se enuncia nessa sequência enunciativa é o carecimento de se fazer uma espécie de discernimento, de

reflexão sobre as condutas, sobre o que pode causar o ato de escolha de um candidato e o que é possível ponderar para transformar essa situação atual.

SE 8: Mesmo que o seu candidato apresente propostas favoráveis as escolhas das mulheres. **Importante.** Se o partido defender outros tipos de políticas, **provavelmente** será difícil que esses projetos saiam do papel. Quem você escolher nas urnas, tomará decisões que afetarão diretamente nossas vidas nos próximos anos (YOUTUBE, 2018, grifos nossos).

Na última série enunciativa selecionada para essa análise contamos com apenas uma palavra enunciada de forma verbal escrita “importante” e o restante de forma verbal sonora. O sujeito que narra inicia seu discurso de modo subjuntivo, isto é, o fato, mas de maneira incerta “mesmo que o seu candidato apresente propostas favoráveis” produzindo um efeito de dúvida, se o proponente vai realizar ou não os projetos. O enunciado produz resistência ao utilizar um adjetivo positivo “favoráveis” seguido da definição do gênero a quem as propostas devem ser favoráveis: as mulheres.

Ainda na SE 8, temos o enunciado escrito: o adjetivo “importante”, ao utilizar esse elemento gramatical o sujeito faz compreendermos que ele define a qualidade do que é relevante, ou seja, o enunciado verbal sonoro que se apresenta em seguida. O enunciado verbal sonoro inicia com “se”, o qual o sujeito intenciona produzir um discurso de incerteza/possibilidade e que é reforçado no mesmo enunciado ao utilizar o advérbio “provavelmente”.

No final do enunciado o efeito produzido pelo discurso do sujeito é de resistência, pois atribui responsabilidade de escolha às mulheres interlocutoras, visto que utiliza o pronome de tratamento “você” seguido do verbo “escolher”, resultando em um direcionamento de quem é o discernimento ao fazer opção entre os candidatos. Na continuação há mais dois verbos para um conjunto de fatos relacionados a um tempo que há de vir: “tomará” e “afetarão”, portanto o sujeito faz o interlocutor compreender que a obrigação de assumir as próprias ações são das mulheres interlocutoras. Ao final, o sujeito marca resistência ao enunciar que a escolha do sujeito individual impactará na vivência do coletivo, a resistência se apresenta ao compreendermos que o poder apreendido pelas mulheres pode resultar em um cenário mais igualitário, caso escolha o candidato que aja pela igualdade social e pelos direitos das mulheres.

Inspirados nas reflexões de Gros, podemos reiterar que adotar as pautas feministas é confiar nas transformações sociais. Reconhecer esse espaço também é se responsabilizar e legitimar a equidade entre homens e mulheres. É a obediência ao si

político “que contém um princípio de justiça universal e, sobretudo, não é a simples ‘imagem pública’ de si, em oposição ao eu interno” (GROS, 2018, p. 16). A desobediência, por outro viés, pode ser entendida nessa prática em relação ao dispositivo patriarcal, que tende a contribuir para a deslegitimação dos movimentos feministas, reforça o aumento dos preconceitos, da discriminação, do assédio, do estupro e de outros tipos de abusos contra homens e mulheres, aumento do número de mortes e de violência doméstica, ocorrência frequente de atitudes covardes e desrespeitosas, falta de empatia e tantos outros distúrbios sociais.

Para além das modificações de como deve agir o sujeito feminino, a partir do feminismo, verificamos uma mudança nas temáticas que podem ser abrangidas pelo movimento. No presente, a dispersão de sujeitos e lugares de enunciação proporciona que o discurso feminista se relacione a outros discursos, que apresentam uma regularidade em comum: posicionamento político de embate e resistência. É o que podemos verificar nas SE 4 (a opinião pública pede por mais mulheres na política) e SE 5 (seu voto pode ser feminista. Mulheres na política é sinônimo de desenvolvimento econômico social e democrático).

Em relação ao que era permitido dizer em termos de feminismo, no presente, esses discursos instauram singularidade por cumprirem de forma comum as agendas do movimento: ocupação feminina na política. Haja vista que o sujeito feminino que acessa esse coletivo pode correlacionar esse aspecto à abertura para outros temas: Melhores condições de trabalho; Mais creches; Políticas anti-assédio. Os lugares em que circula em seu cotidiano (como trabalho e casa) possibilitam à mulher estabelecer relações com políticas diversas. Com isso, além do fator geracional, podemos dizer que outra singularidade do feminismo no presente se relaciona à interseccionalidade.

Também políticos, os temas ligados às leis trabalhistas, ao direito à educação e a punição por danos morais e/ou crimes assumem, a princípio, posição de resistência, pois recusam um conjunto de regras sócio-históricas sobre o modo como o sujeito se relaciona com seus direitos. Contudo, a aceitação desses posicionamentos políticos, de oposição a um regime anterior, faz com que práticas relacionadas aos direitos passem a ter mais visibilidade e entrem em dispersão. Existe uma “insurreição de saberes dominados” no presente, pois esses saberes se transformaram da posição de dominados para posição estratégica no cerne das lutas.

Os recortes apresentados permitem visualizar, a todo momento, a resistência que se constrói contra o sistema político atual. As práticas discursivas do sujeito narrador

contra a conjuntura da época, reforçam a nossa compreensão de que nas relações de poder as lutas são exercidas por meio do voto eleitoral e colocam as mulheres em um lugar de poder e significância na narrativa, caracterizadas como parte principal do contexto político. A narrativa enfatiza a relevância de mulheres preencherem esses espaços e, mais do que isso, a função crucial que elas exercem na escolha de seus candidatos. Esta série pode ser pensada como um movimento de resistência quando exhibe informações importantes para se pensar sobre a função da mulher na sociedade e na política, um lugar predominantemente masculino.

5.3. PLAYLIST YES WE CAT

Para a terceira análise, selecionamos a playlist “Yes We Cat”, que apresentou a sua primeira temporada em janeiro 2017 e a segunda em fevereiro de 2018. O projeto conta com a participação de mulheres inspiradoras, discutindo temas significativos com muito humor. O vídeo analisado é o que dispõe do maior número de visualizações e é investigado a partir dos conceitos de patriarcalismo, memória discursiva e exercício de poder, com vistas a desenvolver a problematização exposta na Introdução desta pesquisa. Os enunciados analisados nesse vídeo são somente verbais sonoros, uma vez que o material audiovisual não possui enunciado verbal escrito.

O programa convida mulheres de distintos campos de atuação para dialogar sobre assuntos cruciais para serem discutidos como: criação de conteúdo *online*, moda, maternidade, finanças e jornalismo, por exemplo. O símbolo da série é constituído pela ilustração de uma gatinha reproduzindo o famoso cartaz “We Can Do It!”. E a proposta, segundo um dos vídeos de divulgação, é: “12 convidadas incríveis com pontos de vista plurais. 90 minutos de discussão sobre 6 temas importantes para as mulheres. 16 convitatos incentivando a adoção”. A promessa é divulgar conteúdo de qualidade por meio da conversa entre mulheres inspiradoras.

A mídia, como espaço de múltiplos sujeitos e posições, também autoriza a participação de sujeitos femininos que falam por si, ao contrário do material anterior em que há uma voz narrada como representação dos sujeitos femininos. É sobre isso que vamos falar nesta seção da pesquisa, afinal entendemos a interseccionalidade em toda a produção discursiva. O *corpus* que possibilita as análises é formado pelo vídeo mais visualizado da playlist da segunda temporada é o “Humor Com Tia Má e Maíra

Medeiros³¹”, que conta com a participação das Youtubers Maíra Azevedo, do canal “Tia Má”, e a Maíra Medeiros, do canal “Nunca Te Pedi Nada”. Ambas usam a plataforma digital para compartilhar vídeos bem-humorados sobre várias temáticas. Nesse vídeo, postado em fevereiro de 2018, elas dialogam sobre suas vivências como mulheres que consomem e fazem humor. O episódio tem 14min52seg, se enquadra na temática “Cultura” e contabiliza 20.345 visualizações e 2,4 mil.

O espaço destinado às mulheres no programa é de protagonismo, visto que são elas que falam sobre si mesmas e suas vivências. O canal oportuniza a participação do sujeito feminino de diferentes nichos para falar sobre suas temáticas. As contribuições são por meio de perguntas delimitadas, embora possam falar livremente sobre os questionamentos. O vídeo é postado nitidamente com cortes, o que marca uma interdição. O procedimento impede que o discurso seja pronunciado aleatoriamente, o que corrobora a ideia de que é necessário atender a uma ordem discursiva (FOUCAULT, 2006a). Outro objetivo do vídeo é o incentivo da adoção de gatos, porém as falas acerca desse tema não são pertinentes para nossa análise, portanto foram selecionados alguns recortes específicos para investigação.

SE 9: Juliana: Bem-vindas, bem-vindos ao Yes We Cat. Esse é um programa que reúne as melhores coisas da internet e do mundo, ou seja, mulheres inspiradoras falando sobre temas interessantes com muito bom humor e gatinhos e gatinhas.

A SE 9 inicia com a apresentadora e também fundadora do programa delimitando os gêneros de uma forma dissemelhante do habitual “bem-vindas” seguido do “bem-vindos”, sendo assim há um sujeito produzindo o discurso a partir do espaço social construído para o feminino. A possibilidade de dizer se dá pela autodescrição do canal de ser destinado ao empoderamento feminino, por meio da informação. No enunciado prevalece a posição de desobediência ao patriarcalismo, que insiste em trazer a dominância masculina, inclusive na hierarquia de primeiro mencionar o gênero masculino para após mencionar o gênero feminino, como seria o fato mais rotineiro de observamos “bem-vindos e bem-vindas” ao contrário de “bem-vindas e bem-vindos”. No encadeamento, fica mais visível o teor de resistência do sujeito, quando caracteriza positivamente, por meio do adjetivo “melhores”, a presença feminina, uma vez que

³¹ YES WE CAT 2: HUMOR COM TIA MÁ E MAÍRA MEDEIROS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWBwfzvFxRQ&list=PLBw2g4qJHFBUP-UhdUfDZnLaoI0VRmtj&index=3>. Acesso em: 19 jun 2022.

enuncia “reúne as melhores coisas da internet e do mundo, ou seja, mulheres inspiradoras falando sobre temas interessantes”. Pela posição materializada no discurso, o sujeito marca um enaltecimento das mulheres.

A SE 9 também nos permite compreender que o coletivo Think Olga reconhece a relevância de iniciar a apresentação promovendo destaque ao gênero feminino para, posteriormente, dar relevo ao masculino, de forma que igualmente reconhece sua autoridade como dispositivo midiático e as possíveis consequências da difusão de seu canal e de seus efeitos de verdade. Assim, busca desenvolver a resposta como estratégia de resistência, demonstrando o caráter difuso e relacional do poder que, como já vimos, está sempre em disputa, é objeto de lutas e confrontos e sempre possui pontos móveis e transitórios de resistência que se distribuem pelo tecido social (MACHADO, 2010).

Na próxima série enunciativa, verbal sonora, podemos notar a interseccionalidade já na seleção das fontes, visto que uma das convidadas é uma mulher negra em lugar de foco e significância:

SE 10: Juliana: nosso tema de hoje é humor e quem melhor pra falar sobre isso do que essas duas Maíras? Por favor apresentem-se pra câmera em uma frase. Não tô brincando!

Maíra Medeiros: em uma frase? Vai, tia Má, você

Tia Má: **preta, gorda, nordestina e gaiata tem que ser engraçada pra sobreviver**

Maíra Medeiros: Ai, eu sou a pessoa mais indecisa do mundo e resolvi transformar a minha indecisão ou decisões em vídeos na internet que as pessoas gostaram de assistir, foi isso que aconteceu (YOUTUBE, 2018, grifos nossos).

A apresentadora pede para que as convidadas se apresentem para a câmera por meio de uma frase, o tom é de brincadeira, mas uma das convidadas toma a frente e se apresenta. Tia Má, como é chamada, se denomina de forma incisiva, suas características citadas são de minorias que resistem: “preta”, “gorda”, “nordestina” e “gaiata”, sendo este último uma palavra informal que tem como significado uma pessoa engraçada, divertida e brincalhona. O sujeito traz no seu discurso resistência ao elencar adjetivos que a colocam em um lugar fora dos padrões estabelecidos, mas enfatiza que estar alheia a esses padrões tem um preço. Tia Má enuncia “tem que” o que produz um sentido de necessidade, seguido do verbo “sobreviver”, o qual possui como significado resistir ao efeito de. A posição desse sujeito é de quem luta, resiste e não aceita a subalternidade social.

Na subsequência, a próxima convidada se apresenta e, ao contrário da primeira apresentação, temos um discurso sobre como Maíra Medeiros começou na internet: “eu sou a pessoa mais indecisa do mundo e resolvi transformar a minha indecisão ou

decisões em vídeos na internet que as pessoas gostaram de assistir”. O segundo discurso é sobre como o sujeito ganhou **notoriedade** na internet, enquanto o primeiro é sobre como o sujeito **sobrevive** na vida real. A questão de como cada uma se enuncia é relembada e reatualizada, acionando uma memória discursiva (NAVARRO, 2015) de um saber interseccional associado às mulheres negras que têm de lidar com múltiplas facetas na vida, que possuem diferentes camadas e como resultado disso o enfretamento tanto do sexismo, quanto do racismo, gordofobia e xenofobia.

SE 11: Juliana: meninas queridas, a gente tá falando sobre humor e a gente sabe que, socialmente, as mulheres e meninas são muitas vezes empurradas para longe do humor. Eu queria saber se vocês concordam com isso, se identificam com isso e se já tiveram alguns casos semelhantes que vivenciaram

Maíra Medeiros: ah, acho que quando a gente é criança sempre tem aquela voz que ecoa em algum momento que fala assim: “você não pode fazer isso porque você é menina, você não podese o centro das atenções, você não pode ser engraçadinha porque você é menina” e tem muito aquele rolê que a galera acha que ser menina tem que ser delicada, tem que ser na dela, tem que ser uma coisa meio que insegura e, ao mesmo tempo, misteriosa, não pode dar risada escandalosa e nada, então...

Tia Má: eu não era menina, viu (brinca). Ser engraçada foi realmente minha ferramenta de **sobrevivência**, eu sou caçula e tenho uma irmã mais velha que era a preta gata, sabe? Dentro do padrão de beleza, aquela preta que todo mundo dizia: “ó, essa daí...”. E aí quando as pessoas chegavam e tava eu, minha mãe e minha irmã, faziam assim: “Miralva, sua filha é linda” com a minha irmã. Aí a pessoa fazia assim pra mim: “e essa daqui? essa daqui né ó, ela é engraçadinha” e, às vezes, eu não tinha dito nada pra me chamar de engraçada. **E aí eu fui percebendo que se eu fosse engraçada, eu ia ser vista.** Então, assim, eu tava sempre procurando fazer as gaiatices mesmo

Na continuação, o sujeito que conduz a entrevista faz um discurso sobre os lugares que são negados às mulheres: “meninas queridas, a gente tá falando sobre humor e a gente sabe que, socialmente, as mulheres e meninas são muitas vezes empurradas para longe do humor”. Usa desse discurso para indagar sobre se houve uma negação desse espaço do humor a elas. Na arena discursiva, os dois sujeitos que respondem posicionam-se de forma completamente diferente, visto que o primeiro sujeito, Maíra Medeiros, enuncia a partir de um lugar como mulher branca, classe média, cisgênero, que sofre consequências de um discurso machista que atua na vidas das mulheres “ah, acho que quando a gente é criança sempre tem aquela voz que ecoa em algum momento que fala assim: ‘você não pode fazer isso porque você é menina, você não pode ser o centro das atenções, você não pode ser engraçadinha porque você é menina’”, no entanto esse discurso dá visibilidade somente a misoginia presente nos discursos que negam alguns espaços às mulheres, enquanto no discurso posterior temos

um aspecto de um enunciado que reflete sobre a experiência que o sujeito enfrenta nas múltiplas facetas e camadas presente em sua vida, como o racismo.

O sujeito que enuncia usa novamente a palavra sobreviver, mas neste momento como substantivo feminino “sobrevivência”, sendo assim temos um discurso reforçado sobre o ato ou efeito de sobreviver, de continuar a viver ou existir. O sujeito usa um adjetivo para se descrever: “engraçada”, de modo que enuncia essa característica como uma estratégia que foi necessária para continuar a viver. Na continuação, o sujeito enuncia sobre a percepção que as pessoas têm de sua irmã e denuncia novamente o racismo: “[...] e tenho uma irmã mais velha que era a preta gata, sabe? Dentro do padrão de beleza”. Temos, neste enunciado, dois adjetivos que produzem efeito de racismo, visto que um é seguido do outro “preta gata”, de forma que o sujeito não utiliza somente a característica “gata”, que possui significado de uma pessoa bonita, mas traz no enunciado a etnia: preta. Essa escolha léxica, portanto, ativa uma ordem discursiva (FOUCAULT, 2006a) que faz com que as palavras “preta” e “gata” tenham de estar juntas, como se não pudessem se desvencilhar, já que a construção social presente faz com que haja também um padrão de “preta gata”, assim como há um padrão de beleza que as mulheres brancas também tenham de atender, de modo que, para possuir esse título, é preciso se enquadrar aos arquétipos impostos pelo dispositivo patriarcal.

Seguindo, o sujeito enuncia sobre a percepção que as pessoas têm dela: “aí a pessoa fazia assim pra mim: ‘e essa daqui? essa daqui né ó, ela é engraçadinha’ e, às vezes, eu não tinha dito nada pra me chamar de engraçada”, de modo que produz efeito de que estar no lugar de engraçada é estar em um lugar menor. Temos também um efeito produzido de que o sujeito não é tido como bonito, pois não possui as características impostas pela sociedade, tais como o padrão de beleza branca, loira, magra, cabelo liso.

Para finalizar o enunciado verbal sonoro, Tia Má discursiva sobre como ganhou visibilidade “e aí eu fui percebendo que se eu fosse engraçada, eu ia ser vista”. Ele faz resistência à sociedade que não dá espaço para as mulheres e menos ainda às negras, causando o efeito de que só foi conquistado o espaço de visibilidade por esse sujeito por meio do humor. Na arena discursiva, o sujeito identificado como humorista posiciona-se na contramão dos estereótipos. Assim, mais uma vez, desenha-se o poder como prática social, heterogênea, em constante transformação e que se constrói historicamente (cf. Machado 2010).

Ainda entre os enunciados da entrevista do programa, Humor com Tia Má e Maíra Medeiros, o sujeito indaga: “na vida adulta, isso também continua se repetindo?” e os sujeitos entrevistados falam sobre suas posições:

SE 12: Maíra Medeiros: às vezes eu sinto que alguns comentários que as pessoas fazem pra mim e não fariam os mesmos comentários para caras. Teve uma *collab* que eu fiz que foi um quiz e tava eu, a Mari Moon e dois criadores, que era o Jovem Nerd e Azaghal. Jovem Nerd e Azaghal são gordos, a Mari é magrinha e eu sou gorda. Tinha vários comentários dizendo “ai, tira essa gorda daí que gorda não sabe o que fala, que não sei o que, essa gorda só tá tentando ser engraçada” tipo ninguém tava falando da gordura dos dois caras.

Tia Ma: no meu caso, ainda tem isso, porque mesmo eu sendo engraçada, eu sou militante do movimento negro, sou feminista e aí tem dia que não tem como você fazer humor. O racismo não é brincadeira. Não é piada. Racismo é crime, isso tem nome. E às vezes as pessoas me cobram porque “ai você tá falando sério demais” e eu digo é porque aqui, agora, não tem graça. (YOUTUBE, 2018)

Figura 3: Tia Má e Maíra Medeiros no Yes we cat



Fonte: Print da tela. Youtube (jun, 2022)

Pela materialidade, os sujeitos demonstram resistência por atuarem como comediantes femininas e estarem fora do padrão: uma preta e gorda e a outra gorda. Ao considerarmos os saberes e o exercício do poder, podemos compreender os movimentos que dominam e ressignificam a sociedade contemporânea, especificamente a partir de um objeto do discurso. Conforme expõe Passos (2008, p. 8), as relações saber/poder configuram os “modos de ser sujeitos [...] que são históricos, multifacetados e, muito importante, transformáveis.” Pela forma como a análise se desenvolve, certificamos a citação da autora pelos vários modos (posições), por meio dos quais o sujeito se constitui no e pelo discurso atravessado pela história, em um constante ir e vir.

Partimos das contribuições foucaultianas e consideramos que a liberdade atua onde atua o poder (FOUCAULT, 2004). As (cishetero)normas que regulam/governam

corpos, gêneros e sexualidades carecem de contínua repetição para se atualizarem, visto que

a (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como **naturais** (PRECIADO, 2014, p. 26, grifo nosso).

Sendo assim, com base nas diversas ocasiões que se apresentam diariamente, temos a possibilidade de elaborar estratégias de resistência com o intuito de colocar em interrupção as normas vigentes, desnaturalizando práticas historicamente consideradas como “naturais”. Algumas dessas estratégias incluem o humor com protagonismo feminino, cuja criatividade e desejo político por transformações por meio da indagação do tempo presente são incentivadores para que esses conhecimentos digitais sejam construídos e compartilhados por meio do canal do Youtube.

A oposição às (cishetero)normas regulatórias vêm sucedendo por meio de intensos diálogos que se propagam pela internet. Os discursos de ódio que se difundem pelo intenso compartilhamento de ideias que legitimam o silenciamento de determinados grupos sociais não se encontram livres para imperarem supremos, pois se deparam com movimentos de resistência que lutam a favor de novas estéticas de existência. Os regimes de verdade colocam em funcionamento discursos normativos “que se organizam através da gestão da vida, controle, ‘deciframento’, incitação do corpo, organização espacial e institucional, toma particularmente a sexualidade como dispositivo eficaz nos jogos de prescrição e de controle” (POCAHY, 2012b, p. 52).

No que diz respeito à representação e à maneira como ela atua em relação à humanização e à desumanização, Butler (2011, p. 27-28) enfatiza que “há imagens triunfalistas que nos dão a ideia do humano com que devemos nos identificar, como por exemplo o herói patriótico que expande as fronteiras de nosso ego euforicamente até que se encontre com aquela da própria nação”. Frente aos dizeres de Butler, cabe reiterar, no contexto deste trabalho, que nem todas os vídeos que circulam amplamente e livremente por meio do canal Think Olga, no Youtube, vão ao encontro de uma perspectiva “humanizadora”, por isso a necessidade encontrada pelo próprio coletivo de promover sempre novos debates capazes de nos inspirar a refletir sobre o tempo presente por meio da criação de estratégias de subversão e resistência mais “humanizadoras”. Que essas estratégias audiovisuais possam evidenciar os discursos de

ódio responsáveis pelo retrocesso e esvaziamento de nossa humanidade ao naturalizar a ideia de que nem todo corpo importa e nem toda “morte [é] passível de ser lamentada” (BUTLER, 2011, p. 28).

Nessa entrevista em que os sujeitos enunciam, temos a mídia dando visibilidade ao bloco do saber pessoal. Há situações em que essas minorias são deixadas de lado em relação ao saber erudito, mas, ao se garantir esse dizer em uma entrevista, ocorre o que Foucault (2010, p. 171) considera como o fim da “tirania dos discursos englobantes”. Desse modo, o discurso feminino interseccional, mesmo que no nível da erudição, contribui com a produção de saberes no jogo discursivo e com a constituição das lutas na atualidade. O saber que garante o *status* aos sujeitos da entrevista analisada é obtido pela observação, pelas experiências que o viver em sociedade proporciona.

Quando a questão é o bloco do saber erudito, consideramos como discurso da sociedade os que emergem das mulheres em seu próprio lugar de fala. Só podemos dizer que o são pela forma como o discurso é (re)produzido na entrevista do canal Think Olga. Os recursos linguísticos discursivos permitem tal assertiva.

Para Maíra Medeiros, não acontece de homens serem tomados como inferiores pelo aspecto físico, estando fora dos padrões normalizados, já as mulheres perdem sua legitimidade. Segundo ela, “tinha vários comentários dizendo ‘ai, tira essa gorda daí que gorda não sabe o que fala, que não sei o que, essa gorda só tá tentando ser engraçada’ tipo ninguém tava falando da gordura dos dois caras”. O efeito produzido é de um discurso que só é validado quando atende aos padrões socialmente construídos, caso não esteja dentro desse arquétipo o que se é enunciado não é considerado pertinente, como foi o caso de um dos sujeitos entrevistados. Diferentemente, o outro sujeito também enuncia de um lugar subalterno, em que as questões que o consternam são outras: machismo e racismo. No discurso do sujeito Tia Má, há um efeito produzido de denúncia: “o racismo não é brincadeira. Não é piada. Racismo é crime, isso tem nome”.

A SE 12, para além das marcas que indicam a voz de outro na mídia como discurso das mulheres, denota o *status* erudito dos que falam. Embora sejam referenciadas como mulheres famosas, não podemos considerá-las somente famosas, pois representam outras mulheres. Portanto, produzem o discurso porque são legitimados a falar devido ao saber que possuem e, na medida que o fazem, exercem o poder. Materializa-se, nos enunciados da série, o funcionamento da força discursiva que Veiga-Neto (2003) comenta, ao falar sobre a resistência. E essa resistência que se constitui no jogo do discurso é contra o patriarcado.

Como já expressamos anteriormente, as SEs que compõem o canal do Youtube do coletivo Think Olga buscam, portanto, afirmar sua posição de sujeito político, ético e crítico. Essa vontade de verdade dialoga com o sujeito indelegável, desenvolvido e defendido por Gros (2018). A ONG pratica resistência, reorganizado o funcionamento das redes de micropoderes, com autonomia e horizontalidade, por exemplo, ela promove novas subjetividades, desprende de si mesma, busca outras formas de se governar, ou seja, contracondutas (FOUCAULT *apud* LARROSA, 1994).

Isso pôde ser observado não só pelas práticas discursivas dos sujeitos femininos que enunciam, mas também pela conduta de corpos sociais que fugiram da normatização, até então imposta a eles. Em “Vigiar e punir”, Foucault ressalta o aspecto positivo do poder, em oposição ao aspecto negativo, destrutivo, ao abordar o denominado “poder disciplinar”:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objeto e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2014, p. 189).

As tecnologias de poder exercidas pela sociedade patriarcal tencionam disciplinar indivíduos e seus corpos, com base no controle e vigilância, de forma a assegurar a obediência, a subalternação e a normatização, assim, compõem um bloco de capacidade-comunicação-poder, com atividades e funções bem delimitadas (FOUCAULT, 1995). Sendo assim, para escapar desse dispositivo patriarcal e de suas redes de poder, são estratégias fundamentais de resistência que proveem de corpos dissidentes. Isto é, corpos individuais são basilares para a ação política coletiva e, como um local em que o poder se aloja (FOUCAULT, 2006b), conquistam visibilidade de acordo com a pluralidade de corpos desobedientes que crescem.

Esses corpos dissidentes, que ocupam o âmbito humorístico, cuja recusa da conduta definida foi crucial para os atos de resistência, ora emergem na individualidade de um sujeito – que discursa no canal do Youtube do Think Olga como representação das mulheres no humor –, ora emergem na pluralidade – como incentivo de ruptura dos estereótipos femininos que impõem um comportamento de comedido. Sendo assim, a entrevista pode ser compreendida a partir de práticas de resistência do conjunto sujeito-

corpo-discurso que se apresentaram como desobediência, mais especificamente, como dissidência cívica, indicando uma contraconduta.

Nos enunciados referidos, verificamos algumas regularidades na constituição do sujeito feminino humorístico: i) não cumprem os padrões socialmente construídos; ii) são expansivas; e iii) trabalham com humor. Uma dessas opções apresenta singularidade em relação às normas de conduta tradicionais (ser magra). Entretanto, outras se aliam ao discurso patriarcal, que atribui à mulher, em função da divisão social de gênero, ser contida/recatada e séria/não fazer brincadeiras. Contudo, na atualidade, como vimos, há um deslocamento nas regras históricas do que era obrigatório (ser contida e séria) e passou a ser opção.

As mulheres preenchem um espaço de personagem principal e foco na narrativa, com base nas suas visões em relação ao humor feminino no Brasil e no mundo, e, com isso, trazem à luz que ainda há ausência de incentivo e apoiadores para conteúdos construído por mulheres. A narrativa se mostra como um movimento de resistência, quando traz para o cerne da discussão mulheres significativas para debater sobre um campo ainda muito machista e majoritariamente masculino. O vídeo incentiva e empodera, ao dar voz a mulheres fora dos estereótipos construídos socialmente, abordando sobre suas carreiras e vivências de uma forma leve e carregada de humor. Todavia, é perceptível muitos cortes. Em que medida isso é dar voz às mulheres, se algumas partes do que elas debatem não foi ao ar? Contudo, é válido ressaltarmos que a prática de resistência se insere mais em uma atitude de desobediência. Assim, os demais enunciados a serem analisados na seção seguinte nos ajudarão a encontrar respostas a esse questionamento.

5.4. PLAYLIST PERGUNTE A ELA

A terceira playlist é da série “Pergunte a Ela”, um projeto audiovisual no qual o coletivo Think Olga convida mulheres para responder perguntas sobre variadas temáticas. A proposta é abordar assuntos diversos com mulheres, consideradas pelo coletivo como, inspiradoras. Até o momento, a *playlist* possui dezenove vídeos, que abordam as mais variadas questões, desde transição capilar à carreira e investimentos financeiros. A proposição deste quadro/série de vídeos em particular procura caminhar

em oposição ao silenciamento e à invisibilização, colocando em primeiro plano mulheres para comunicar sobre assuntos com base em distintas perspectivas.

O vídeo a ser analisado é o “Pergunte a Ela #11 - Porque NÃO chamar mulheres lésbicas de ‘gays’?”³², o qual foi ao ar em junho de 2017. A narrativa, que possui 20.347 visualizações, 1,5 mil curtidas e 54 comentários, é protagonizado pela Louie, do canal Louie Ponto. O vídeo é curto e bem didático. Em 1min38seg a youtuber, que é conhecida por dialogar sobre temáticas que se referem às mulheres lésbicas na plataforma, justifica a relevância de utilizar as nomenclaturas corretas para distintos grupos do movimento LGBTQIA+, visto que incluir todas as categorias na palavra “gay” pode indicar ainda mais invisibilidade.

SE 13: Alô gente da Think Olga! Eu sou a Louie do canal Louie Ponto e hoje eu estou aqui para falar sobre visibilidade lésbica. Por que não usar o termo “mulheres gays”, mas sim “mulheres lésbicas”?

Nos primeiros segundos de fala, podemos observar que a forma de enunciar da youtuber procura atender à ordem do discurso daquele grupo “Alô gente da Think Olga”. Essas modalizações da enunciação buscam adequá-la ao ritual informal do ambiente midiático, conformando o discurso ao público que consome e utilizando um cumprimento informal seguido de um substantivo “gente”. Como procedimento de controle do discurso, o ritual determina “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção” (FOUCAULT, 2006a, p. 39).

Louie assume a posição sujeito representante da comunidade lésbica, pois, como dito anteriormente, ela é convidada do programa por abordar em seu próprio canal temáticas concernentes às mulheres homossexuais. A posição sujeito assumida por ela se entrecruza com o conceito de modalidade enunciativa, retomando questões sobre o poder de fala da estudante naquele local e o *status* que assume ao ocupar essa questão levantada pelo canal. A informalidade utilizada por ela, no início de sua fala (SE 13), demonstra que as posições ocupadas vão estabelecer discurso tanto do sujeito que fala

³² Pergunte a Ela #11 - Porque NÃO chamar mulheres lésbicas de “gays”? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DAQT8v2RFX4&list=PLeBw2g4qJHFDEa_NfWb-JKvsVRa5dIxxn&index=5. Acesso em: 15 out. 2022.

como dos sujeitos que podem deslegitimar essa mesma enunciação (FOUCAULT, 2009), no caso, os telespectadores do canal.

Dando continuidade, Louie usa o discurso científico para validar a não utilização da palavra “gay” para englobar a palavra “lésbica”:

SE 14: Existe uma resistência muito grande em relação à palavra “lésbica”. E eu digo isso por experiência própria porque eu também já fui dessas pessoas a dizer que “gay” engloba tudo, que “lésbica” é uma palavra “feia”. Até que eu entendi que o problema não está na palavra. Nossa língua tem um monte de palavra muito mais esquisita do que “lésbica” e a gente não se recusa a usar. O problema tá no significado.

A SE 14 certifica a afirmação da posição de sujeito mencionada, a não utilização da palavra “gay” ao sujeito homossexual feminino, a adequação ao politicamente correto. Embora a youtuber confesse que, em outro momento, não correspondeu à utilização da expressão apropriada “E eu digo isso por experiência própria porque eu também já fui dessas pessoas a dizer que ‘gay’ engloba tudo”. Essa confissão é realizada na primeira pessoa do singular “eu”, esse movimento linguístico ainda poder ser observado na continuação do enunciado, mas agora como responsabilização pela mudança “Até que eu entendi”.

SE 15: É bastante complicado você se dizer lésbica numa sociedade machista, misógina, dominada pelos homens em que as mulheres são violentadas e silenciadas simplesmente pelo fato de serem mulheres. E está justamente aí a importância de reafirmar a nossa existência como mulheres lésbicas.

Ao analisarmos a visibilidade proposta pelo vídeo, relatada na SE 15, é possível compreendermos como essa busca por reafirmação de existência desses corpos é apagada pela sociedade dominada pelos homens: “sociedade machista, misógina, dominada pelos homens, em que as mulheres são violentadas e silenciadas simplesmente pelo fato de serem mulheres”. Foucault localiza o corpo como um espaço em que o poder se estabelece ao explicar o exercício do poder disciplinar, compreendido como uma modalidade específica da sociedade que incide sobre o “contato sináptico corpo-poder” (FOUCAULT, 2006b, p. 51).

Isto é, esse poder disciplinar, frequentemente visto na sociedade, em específico exercido pelos homens, busca controlar os corpos, a fim de docilizá-los (FOUCAULT, 2014). Essa modalidade visa, “no último nível, tocar os corpos, agir sobre eles, levar em conta os gestos, os comportamentos, os hábitos, as palavras, a maneira como todos esses poderes, concentrando-se para baixo até tocar os próprios corpos individuais” (FOUCAULT, 2006b, p. 50). Assim sendo, o poder disciplinar age no controle de todos individualmente, viabilizando o motivo das práticas de resistência buscarem a visibilidade dos corpos que desobedecem às formas de condução dominantes “E está justamente aí a importância de reafirmar a nossa existência como mulheres lésbicas”.

SE 16: Até porque homens gays e mulheres lésbicas têm vivências muito diferentes. Mas talvez você se pergunte: “mulheres lésbicas são mais aceitas que homens gays?”. Existe essa ideia de que mulheres lésbicas são mais aceitas que homens gays, mas na verdade o que existe é uma fetichização dessas mulheres. A mulher sempre foi considerada objeto de satisfação do desejo masculino. Então duas mulheres juntas, aos olhos da nossa sociedade, representam o ápice do fetiche masculino.

Na SE 16, a vontade de verdade enunciada pela apresentadora procura produzir um sujeito discursivo da representatividade lésbica; para isso, Louie dá comprovação ao seu discurso ao apresentar que o sujeito feminino homossexual não é mais aceito e sim mais sexualizado: “a mulher sempre foi considerada objeto de satisfação do desejo masculino. Então duas mulheres juntas, aos olhos da nossa sociedade, representam o ápice do fetiche masculino”.

A partir disso, podemos fazer as seguintes associações: a aceitação lésbica, na formação histórica, tornam visíveis as enunciações do sujeito feminino homossexual resistente, que não aceita mais ser reconhecido somente mediante à excitação masculina e que defende a visibilidade como movimento de resistência, por meio de enunciados como os de Louie; os modos de ver e enunciar (DELEUZE, 2017) também transformam e as mulheres homoafetivas buscam ser e aparecer como sujeito protagonista, crítico e que preenche um lugar no cerne de seus desejos e vontades, a partir de possibilidades de enunciações referentes à proeminência lésbica.

Em concordância, a internet, como espaço de revolução, de desobediência, de enfrentamento é o modo de ver da formação histórica, e a youtuber atua (e enuncia) nesse espaço, com base nos que acredita. Isso também é tangível na fala de Louie pela

contínua tentativa de comprovar a conotação sexual atribuída às mulheres com relações homoafetivas, como podemos observar na SE a seguir.

SE 17: Uma coisa que eu sempre digo é: pesquisa a palavra “gay” na internet, que você vai encontrar notícias, mas pesquisa a palavra “lésbica”, que você vai encontrar pornô. Isso quer dizer que essa ideia de que mulheres lésbicas são mais aceitas é um equívoco, porque a nossa existência e a nossa sexualidade são invalidadas. E é por isso que a gente precisa falar sobre isso e mostrar que a gente existe e resiste todos os dias.

Nesse caso, o visível e o enunciável se unem para apresentar as novas relações de poder em vigência, de forma que o sujeito dessa prática desobediente se apodera do lugar que também é permeado por relações de poder para renunciar suas premissas e requisitos, revelando, assim, um exercício de *contraconduta* colocada em exercício no acontecimento de sua resistência ao poder imposto pela sexualidade invalidada. Essa enunciação (que também atua como acontecimento) abrange os domínios associados, de modo que, nas séries enunciativas selecionadas como *corpus*, todos os enunciados demonstram a deslegitimação da sociedade acerca do movimento.

Em poucas palavras, Louie aborda um tema pouco discutido em meios hegemônicos e traz para o centro do debate uma questão importante na vida de mulheres lésbicas. Ela insiste na importância de reafirmar a existência de mulheres lésbicas em uma sociedade que as enxerga, muitas vezes, como fetiche: “Uma coisa que eu sempre digo é: pesquisa a palavra gay na internet que você vai encontrar notícias, e pesquisa a palavra lésbica e você vai encontrar pornô”. Por isso, esse sujeito que enuncia considera importante falar sobre a temática e mostrar que mulheres lésbicas existem e resistem todos os dias.

Na seção 3.1 observamos que, para Gros (2018), a desobediência civil pode ser sinônimo da transgressão e que é o comportamento de um coletivo que se liga à noção do ideal de doutrina democrática, pois se sustenta na recusa de ser governado de certa forma. Sendo assim, temos uma desobediência da consciência coletiva (canal Think Olga) atuando para a dimensão ética do sujeito (sujeito feminino homossexual).

As relações entre as SEs apresentadas nesta seção são marcadas por uma ordem, uma regularidade que atribui posições para os sujeitos. Essas relações determinam, ainda, o regime de funcionamento das práticas discursivas e viabilizam as regras sobre aquilo que o sujeito pode ou não dizer acerca da nomenclatura utilizada para referir à

mulher lésbica. A essa postura arqueológica, é possível ainda associar um exame genealógico. Em termos de poder, é o posicionamento do sujeito, na ação da função enunciativa, que possibilita distinguir um jogo de relações estratégicas que constitui e controla os discursos.

Segundo Foucault, tomar a palavra não tem nada de ingênuo ou imparcial. Existe um tipo de “perigo” que se justapõe à enunciação. A possibilidade de localizar-se historicamente para enunciar alguma coisa sucede da ordem do discurso, afinal: “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2006a, p. 8).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As posições que preenchemos como sujeitos no mundo nos levam a refletir a complexa rede de poderes em funcionamento no tecido social do qual fazemos parte. Na formação histórica do ciberfeminismo, temos observado um enfoque dado à resistência que questiona esse funcionamento e manifesta novas posições de sujeito, quais sejam: desobedientes e que não aceitam mais ser conduzidos.

O movimento de empoderamento feminino realizado por meio de vídeos informativos do coletivo Think Olga foi um desses enfoques de resistência e demonstrou como novas estratégias de luta constroem efeitos na sociedade, sobretudo fundamentado em práticas discursivas veiculadas por um dispositivo de saber-poder, nesse caso, a mídia.

As atitudes do coletivo de fazer com que o sujeito feminino se conheça e aborde as particularidades da atualidade faz com que o feminismo retorne hoje, a partir do ciberfeminismo, estabelecendo diferenciações com os feminismos anteriores e construindo singularidades. Por isso, nesta dissertação, fizemos funcionar uma arqueogenealogia para empreender um diagnóstico do presente e entender “Como o ciberfeminismo constrói as relações de resistências em termos de desobediência”.

Assim, o respaldo teórico, desenvolvida nas seções 3 e 4, especialmente, foi significativo para executarmos o objetivo principal desta pesquisa: de que forma os

conteúdos audiovisuais se tecem, discursivamente, como um movimento de resistência a partir da desobediência no acontecimento discursivo do ciberfeminismo, por meio dos dispositivos de poder, em específico no canal Think Olga. Com esse intuito, analisamos a materialidade audiovisual em relação ao que foi dito sobre esse acontecimento, considerando noções elementares do eixo arqueogenealógico de Foucault, evidenciando o conceito de subjetivação.

Tencionando realizar os objetivos específicos desta dissertação, dispensamos atenção ao primeiro objetivo específico na seção 3.2, para traçar o funcionamento do dispositivo como ferramenta metodológica, assim como compreender o feixe de relações que o discurso emprega e a(s) (des)continuidade(s) presentes, ambos trabalhados na seção 4.1. Identificamos as posições de sujeito assumidas, a partir dos discursos produzidos pelos dispositivos, pautados no embasamento teórico trabalhado na terceira seção e aplicado, com maior destaque, na quinta seção. Enfim, investigamos o ciberfeminismo pelo viés das práticas de desobediência em funcionamento na construção discursiva sob análise também na seção 5, mas, de forma geral, em toda a pesquisa, analisando a forma de resistir do sujeito feminino que nos prendeu desde o começo deste trabalho.

Posto isto, neste momento conclusivo, podemos afirmar que o caminho proposto alcançou os objetivos delineados e respondeu à pergunta de pesquisa: Como o ciberfeminismo constrói as relações de resistências em termos de desobediência a partir de mídias contemporâneas com conteúdo produzido por mulheres, para mulheres e sobre mulheres?

Com o intuito de demonstrar como essa resposta foi construída ao longo da investigação, foi necessário pensarmos, ainda, sobre algumas elucidações levantadas na seção 4.1. Ao ponderarmos a questão do poder, a qual ocupa lugar de significância nas pesquisas de Foucault, observamos que a significação de poder precisou ser ampliada, a fim de investigar a objetivação do sujeito. A pesquisa foi realizada em torno dos efeitos de verdade sobre o empoderamento e subjetividade feminina, a respeito dos quais mobilizamos o método arqueogenealógico de análise, que possibilitou compreender como e porque determinados saberes surgiram, modificaram-se, reforçaram-se, foram esquecidos ou reatualizados. Compreendemos que foi preciso fazer emergir os discursos de verdade que caracterizam as esferas que o sujeito ocupa nessa trama de poder e quais papéis sociais deve realizar na sociedade.

Esse caminho conceitual foi basilar para esta pesquisa, uma vez que compreendemos de que modo foi construída a subjetivação do sujeito feminino. De que maneira as relações de poder e os discursos de verdade, evidenciados por Foucault, afetaram a visão hegemônica sobre o âmbito que a mulher deve ocupar na sociedade. A partir disso, não podemos afirmar que o coletivo Think Olga “dá” o poder ao sujeito feminino, por exemplo, mas, sim, que atua por meio de práticas de resistência/desobediência utilizadas por eles, o poder praticado dentro de uma ONG de ativismo feminino cujo foco é se contrapor a tecnologias de poder disciplinar, de maneira que os conteúdos agem como um desequilíbrio em relação à conduta até então vivenciada, uma vez que suas temáticas politizam as mulheres.

Com isso, compreendemos que os enunciados das e sobre as mulheres indicam práticas de desobediência e sinalizam um movimento de contraconduta. É válido destacarmos que as contribuições da área da comunicação proporcionaram referências para entendermos o processo de produção de enunciados midiáticos e, ainda, o entrelaçamento entre as definições de mídia e dispositivo. Operar esses conceitos em conjunto foi desafiador, no entanto possibilitou a oportunidade de a análise evoluir da maneira como apresentamos. Retornando um pouco na seção 3.2, estabelecemos as definições de dispositivo explanadas ao longo da obra de Foucault e de seus comentadores, o que possibilitou a problematização da contemporaneidade, questionando sobre as condições sob as quais emergiram os enunciados sobre o empoderamento feminino, de forma que contribuiu para relacionar ao funcionamento da mídia, observados na seção 2.1, elencando as materialidades audiovisuais selecionadas como *corpus* para esta pesquisa. Os diálogos desenvolvidos concomitantemente entre as duas seções poderão colaborar com inúmeros outros pesquisadores que buscam fazer relações parecidas, ao pensarem o funcionamento da mídia e o poder exercido por ela.

Consequentemente, a análise discursiva da seção 5 também auxiliou, em grande parte, para a resposta à pergunta de pesquisa, ao evidenciar as relações entre sequências enunciativas de diferentes *playlists*. Em vista disso, verificamos que as práticas de subjetivação do sujeito feminino foram utilizadas como estratégias de funcionamento da rede de micropoderes do dispositivo midiático para validar as temáticas pertinentes ao sujeito feminino, no caso das enunciações do coletivo Think Olga, que se colocou a favor dos atos de resistência.

Durante a análise, observamos, ainda, que o sujeito feminino que emergiu nos enunciados produzidos pela ONG de ativismo social, devia se constituir como sujeito de

uma contraconduta, cuja prática manifesta uma desobediência, pautada na consciência feminista. Esse movimento discursivo, localizado nos enunciados, oferece visibilidade às possibilidades de resistências que podem ser realizadas contra as estruturas de poder.

Conforme Rago (2020), esse avanço das pautas morais “[...] tornam-se, por fim, importantes para pensar em possíveis resistências, ou o que aqui chamamos apenas de suspiros, suspiros de resistências” (p. 18). Aquilo que Foucault (2004) compreende, em sua aula do curso sobre “A hermenêutica do sujeito”, enquanto outras formas de subjetivação pois, para o autor, “afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 306)

Gros (2018) afirma que a insubmissão coletiva se transforma em um movimento histórico, quando é formado por uma “covibração de numerosos ‘si’ indelegáveis” (GROS, 2018, p. 184), isto é, quando a ausência de capacidade de permanecer obedecendo toca a multiplicidade de corpos. No caso do empoderamento feminino realizado por meio do canal Think Olga, esse movimento culminou em uma atividade ética, justamente por indicar uma contraconduta, pois a justificativa partiu da negação à condução e da governamentalidade imposta.

Entretanto, como assevera Foucault (2008), essas resistências de conduta levaram a novos questionamentos, tais como: “por quem aceitamos ser conduzidos? Como queremos ser conduzidos? Em direção ao que queremos ser conduzidos?” (FOUCAULT, 2008, p. 260). Neste mesmo sentido, a historiadora feminista Margareth Rago estima a significância de produzir “novas formas de experimentação subjetiva engendradas relacionalmente nas práticas feministas” (RAGO, 2019, p. 4). Do mesmo modo, atentamo-nos às subjetivações existentes e refletimos sobre outras subjetivações podem ser uma prática de resistência fundamental na conjuntura atual.

Consequentemente, a análise discursiva realizada nesta pesquisa, e fundamentada nos estudos discursivos foucaultianos, leva-nos a certificar a hipótese de que a representação do sujeito feminino no canal é de um sujeito ético da desobediência, pois é chamado a assumir essa nova prática de resistência ao controlar um espaço de ação para resistir; ademais, se considerou indelegável e ético, empreendendo com os próprios ideais e pensando no coletivo. Complementamos, ainda, que os enunciados (re)produzidos pelo dispositivo midiático expressam atos de resistência a partir das práticas de subjetivação feminina e que essas práticas atuam como estratégias de funcionamento da rede de micropoderes desse dispositivo.

Resgatar as ideias foucaultianas do cuidado de si, do governo de si e da escrita de si foi uma alternativa para resistir e pensar na fuga do controle do Estado neoliberal individualizante, como por meio de contracondutas enquanto desejo de não ser governado – embora, evidentemente, todos sejamos governados em maior ou menor escala. Rago (2015) ainda afirma que “trata-se de enfatizar a necessidade de refletir sobre as possibilidades de criação de vidas imaginativas, éticas, libertárias e feministas, em constantes devires” (RAGO, 2015, p. 111) – pois, assim, haverá a viabilidade de refletirmos sobre outras vidas, perspectivas e modos de resistência. A perspectiva legítima, mais uma vez, o empoderamento feminino como prática de desobediência, por meio do dispositivo midiático, à condução a qual as mulheres são submetidas. De toda forma, a pesquisa possibilita trajetos para novos trabalhos sobre as relações de poder e resistência, tão difíceis a nós mulheres na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo**. Outra travessia, revista de literatura, Ilha de Santa Catarina, n.5. p. 9-16. 2005.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. **Jornalismo feminino e jornalismo feminista**: aproximações e distanciamentos. Vozes e diálogos: Itajaí, v. 14, n. 02, jul./dez. 2015.

BÁNON, Sonia Reverter. **Ciberfeminismo**: de virtual a político. Teknokultura: Revista de cultura digital y movimientos sociales. Vol. 10 Núm. 2: 451-461. 2013.

BARBOSA, Victor Luis dos Santos; SERIDÓRIO, Daniele Ferreira. Jornalismo como estratégia de sensibilização. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, 15 nov. 2017. Anais [...] São Paulo: ECA/USP, 2017.

BELLERIVE, Karine; YELLE, François. Contributions des féminismes aux études en communication médiatique. *In: AUBIN, F; RUEFF, J. (orgs) Perspectives critiques en communication*. [s.l.]: Presses de l'Université du Québec, 2016. p. 279-319.

BEZERRA, Mariana Lemos de Moraes. **Think Olga**: Interseccionalidade, comunicação midiática no Facebook e a apropriação da identificação de gênero no sujeito do feminismo. 2018. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans/form/ação**, v. 29, p. 65-78, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CERVULLE, Maxime. Genre et Communication: des approches critiques en tension. *In*: AUBIN, F; RUEFF, J. (orgs) **Perspectives critiques en communication**. [s.l.]: Presses de l'Université du Québec, 2016. p. 306-319.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEFLEUR, Melvin Lawrence; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução Octávio Alves Velho. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. Revisão Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G. **Michel Foucault: as formações históricas**. Tradução de Claudio de Medeiros e Mario A. Marino. São Paulo: N-1 Edições / Editora Filosófica Politeia, 2017.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica (além do estruturalismo e da hermenêutica) / Hubert Dreyfus, Paul Rabinow**; tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Dispositivos de poder e construção do sujeito na sociedade de controle: singularidade e poesia. *In*: FERNANDES JR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de. (org.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: Gráfica UFG, 2014, p. 55-69.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e o desejável conhecimento do sujeito**. Educação & Realidade – Dossiê Michel Foucault. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1999, v. 24, n. 1, p. 5- 11. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/55804/33902>. Acesso em: 6 mar. 2022.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. Revista Estudos feministas, v. 9, n. 2, p.

586- 599, 2º semestre de 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4tZBgz3WNxbf5dX4qdyKQJJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. [Sl: sn], 2009.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. **Organizado e traduzido por Roberto Machado**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, População. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 35. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006a.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In: Estratégia, Poder-saber.* Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. - 2 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, M. Les Techniques de soi. *In: Dits et Écrits.* Paris, Ed. Gallimard, Vol. IV, pp. 783-813, 1994.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica.* Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 20 ed. São Paulo: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. “O que são as Luzes”. *In: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.* Coleção Ditos & Escritos, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 335-351

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica.** Tradução José Teixeira Coelho Netto. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução Luiz Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. *In: Cadernos de Ética e Filosofia Política.* v.19. nº 2. p. 07-27. 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, redes de memória e trajetossociais de sentido: mídia e produção de identidades. *In: Roberto Leiser Baronas. (Org.). Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.* São carlos: Pedro e João, 2007, p. 155-168.

GROS, Frédéric. **Desobedecer.** São Paulo, Ubu Editora, 2018.

LACHI, Poliana; NAVARRO, Pedro. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação. *In*: NAVARRO, Pedro; TASSO, Ismara. **Produção de identidades e processo de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá/PR: Eduem, 2012, p. 57-77.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

MACIEL JR., Auterives. **Resistência e prática de si em Foucault**. Trivum. vol.6 no.1 Rio de Janeiro jun. 2014

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 25 Ed. São Paulo: Editora Graal, 2010. p. 7-23.

MACHADO, Roberto. Foucault, a ciência e o saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NATANSOHN, Graciela. Que têm a ver as tecnologias digitais com o gênero? *In*: NATANSOHN, Graciela (org) **Internet em código feminino: teorias e práticas**. Buenos Aires: La Crujía, 2013.

NAVARRO, Pedro Luis. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. *In*: TASSO, Ismara (org.). **Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória**. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 59-74.

NAVARRO, Pedro. Masculinidades em disputa no campo enunciativo: corpo, poder e contracondutas. *In*: BRAGA, Joaquim; FERNANDES, Rafael de Souza Bento; TASSO, Ismara. (orgs). **Michel Foucault e os discursos do corpo**. 1. ed. CampinasSP: Pontes Editores, 2020. p. 219-248.

NAVARRO, P. Por uma análise arqueogenealógica do discurso. *In*: BARONAS, R. (org). **Estudos discursivos à brasileira: uma introdução**. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 149-173.

NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre a aventura do discurso e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. *In*: NAVARRO, Pedro (Org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 67-92.

NAVARRO, Pedro; MIRANDA, Andréa Zíngara. Contra o que lutamos, como lutamos e de qual lado estamos? Discurso, poder e resistência. *In*: CURCINO, L; SARGENTINI, V; PIOVEZANI, C. (org.). **(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: EduFSCar, 2016, p. 32-46.

NAVARRO, Pedro; CENIZ, Cássio Henrique. Práticas discursivas de desobediência e seu valor de acontecimento nas relações de poder. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 2, p. 6312-6331, 2021.

NAVARRO, Pedro; MIRANDA, Andrea Zíngara. “TIREM SEUS ROSÁRIOS DOS MEUS OVÁRIOS”: SUJEITO-CORPO-DISCURSO E PRÁTICAS CONFESSIONAIS DA CARNE. **Revista Interfaces**, p. 161-178, 2021.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. *In*: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.). Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

NEVES, Ivânia; NAVARRO, Pedro. 50 anos de Arqueologia do Saber: as contribuições aos estudos da linguagem no Brasil. **MOARA—Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 1, n. 57, p. 3-7, 2020.

PASSOS, Izabel C. Friche (org.). Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, André. Alguma Arqueologia. *In*:_____. (Org.). Foucault: o paradoxo das passagens. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999. p. 29-38.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019.

REVEL, Judith; ESSENCIAIS, Foucault-Conceitos. Scolie de Michel Foucault: de la transgression littéraire à la pratique politique. 2003.

SARGENTINI, V. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. *In*: SOUSA, K, M; PAIXÃO, H, P. (org.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015, p. 17-27.

SOUZA, V. A.; CARVALHO, M. E. **Por uma educação escolar não-sexista**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

STEINER, Linda. Feminist media theory. *In*: FORTNER, R. S.; FACKLER, M. (Eds.). *The handbook of media and mass communication theory*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2014, p. 359-379.

SWAIN, Tânia Navarro. Para além do sexo, por uma estética da liberação. *In*: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de. (Org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 393-405.

TEMPLE, Giovana Carmo. **Acontecimento, poder e resistência em Michel Foucault**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.

THINK OLGA. 10 dez. 2018. Youtube: Think Olga. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKx8xu0mNhNP0QCSQ5To7GQ>. Acesso em: 13 mar. 2022.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução Wagner de Oliveira Brandão; 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. **Razón y Palabra**, n. 90, p. 488-500, jun./ago. 2015.

TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Publicações feministas sediadas em ONGs: limites, alcances e possibilidades. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, p. 265-270, jan./jun. 2003.

URETA, Ainara Larrondo. **La Red al servicio de las mujeres**. Aproximación a la relación mujer y medios de comunicación en Internet. Estudios sobre el Mensaje Periodístico, [s.n.; s.v.], p. 375-392, 2005.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **Gênero, poder e resistência: as mulheres nas indústrias culturais em 11 países**. 2013. 305 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

VEYNE, P. Foucault. **Seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacqes de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, Liszt (Org.). **Identidade e globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO MULHERES NA POLÍTICA

Transcrição da autora: 10m50s – 21m10s.

MULHERES na política. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1m14s). Publicado pelo canal Think Olga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=51y9O-EcZGc&list=PLeBw2g4qJHFDWftic9h6RLob4x_vsDxPs&index=2. Acesso em: 20 jul. 2022.

“Olga explica < em um minuto >

Mulheres na política

O mundo é governado por homens, dos 192 países só 16 tem presidentes mulheres
92% dos países têm chefes de governo homens – fonte: projeto mulheres inspiradoras,
2017, com dados da ONU, Banco Mundial e Tribunal Superior Eleitoral

No Brasil, a falta de representação feminina preocupa

13% dos eleitos em 2016 são mulheres – fonte: projeto mulheres inspiradoras, 2017,
com dados da ONU, Banco Mundial e Tribunal Superior Eleitoral

Apenas uma a cada dez cidades elegeu uma prefeita em 2016 e comparando com outros
países temos umas das menores proporções de mulheres parlamentares no mundo

1º Ruanda

2º Bolívia

3º Cuba

152º entre 192 países – fonte: projeto mulheres inspiradoras, 2017, com dados da ONU,
Banco Mundial e Tribunal Superior Eleitoral

A lei eleitoral determina que os partidos tenham no mínimo 30% de candidatas

Lei das eleições lei nº 9.504/1997

Mesmo assim essa proporção de mulheres não está sendo eleita

O resultado não aparece nas urnas

Uma das razões está no financiamento de campanhas. Em 2016 a maioria dos partidos
priorizou verbas para candidatos homens

Mas um adendo a lei vai obrigar os partidos a alocar parte da verba para mulheres

Mínimo de 30% do dinheiro de campanha para candidatas

E isso poderia melhorar a representação feminina na política

A opinião pública pede por mais mulheres na política, está na hora das instituições brasileiras refletirem essa expectativa! – fonte: dados da procuradoria especial da mulher, 2014 IBOPE/ONU mulheres

A baixa proporção de mulheres na política não reflete a opinião pública.

Aborto seguro

Proteção à mulher

Creches

Uma pesquisa da ONU mostra que 75% dos brasileiros acham importante a participação das mulheres nos partidos e governos”

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO SEU VOTO PODE SER FEMINISTA

SEU voto pode ser feminista. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1m04s). Publicado pelo canal Think Olga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=912jE6NT8v8&list=PLeBw2g4qJHFDWftic9h6RLob4x_vsDxPs. Acesso em: 19 jun. 2022.

“Olga explica < em um minuto >

Seu voto pode ser feminista

Mulheres na política é sinônimo de desenvolvimento econômico social e democrático

Impacto de ter mulheres na política

+ saúde

+ educação

+ transparência

Está comprovado que o trabalho delas é mais focado em saúde educação e transparência, por exemplo

Melhores condições de trabalho

Mais creches

Políticas anti-assédio

Para escolher alguém que leve as causas das mulheres adiante é fundamental conhecer quem é e quais são suas ideias

Acesso a serviços de saúde feminina

Licença maternidade

Aborto seguro

Pesquise se o plano de governo dele ou dela tem iniciativas que dão mais possibilidades para as mulheres

Se informe sobre os mandatos anteriores

Quais projetos apresentou?

Que iniciativas colocou em prática?

Preste atenção ao partido

Qual foi sua taxa de comparecimento?

Tem ficha limpa?

Mesmo que o seu candidato apresente propostas favoráveis as escolhas das mulheres

Importante

Se o partido defender outros tipos de políticas, provavelmente será difícil que esses projetos saiam do papel

Quem você escolher nas urnas, tomará decisões que afetarão diretamente nossas vidas nos próximos anos.”

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO YES WE CAT: HUMOR COM TIA MÁ E MAÍRA MEDEIROS

YES we cat: humor com tia Má e Maíra Medeiros. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (14m52s). Publicado pelo canal Think Olga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWBwfvFzRQ&list=PLeBw2g4qJHFBUP-UhdUfDZnLaoIOVRmtj&index=3>. Acesso em: 19 jun. 2022.

“Juliana: que demais! e você? Acha bom? Não acha nada. Tá capotado.

Tia Má: esse é meu amigo.

Maíra Medeiros: olha, na língua dos gatinhos a gente deve tá contando uma bela de uma história de ninar, porque o meu tá ronronando.

Tia Má: esse aqui tá muito doido porque ele tá assim, ó.

Juliana: bem-vindas! Bem-vindos ao Yes We Cat. Esse é um programa que reúne as melhores coisas da internet e do mundo, ou seja, mulheres inspiradoras falando sobre temas interessantes com muito bom humor e gatinhos e gatinhas.

Maíra Medeiros: esse é o melhor programa da internet, gente.

Juliana: nosso tema de hoje é humor e quem melhor pra falar sobre isso do que essas duas Mairas? Por favor apresentem-se pra câmera em uma frase. Não tô brincando!

Maira Medeiros: em uma frase? Vai, tia má, você.

Tia Má: preta, gorda, nordestina e gaiata tem que ser engraçada pra sobreviver.

Maira Medeiros: ai, eu sou a pessoa mais indecisa do mundo e resolvi transformar a minha indecisão ou decisões em vídeos na internet que as pessoas gostaram de assistir, foi isso que aconteceu.

Juliana: meninas queridas, a gente tá falando sobre humor e a gente sabe que, socialmente, as mulheres e meninas são muitas vezes empurradas para longe do humor. Eu queria saber se vocês concordam com isso, se identificam com isso e se já tiveram alguns casos semelhantes que vivenciaram.

Maíra Medeiros: ah, acho que quando a gente é criança sempre tem aquela voz que ecoa em algum momento que fala assim: “você não pode fazer isso porque você é menina, você não pode ser o centro das atenções, você não pode ser engraçadinha porque você é menina” e tem muito aquele rolê que a galera acha que ser menina tem que ser delicada, tem que ser na dela, tem que ser uma coisa meio que insegura e, ao mesmo tempo, misteriosa, não pode dar risada escandalosa e nada, então...

Tia Má: eu não era menina viu. Ser engraçada foi realmente minha ferramenta de sobrevivência, eu sou caçula e tenho uma irmã mais velha que era a preta gata, sabe? Dentro do padrão de beleza, aquela preta que todo mundo dizia, “ó, essa daí...” e aí quando as pessoas chegavam e tava eu, minha mãe e minha irmã, faziam assim: “Miralva, sua filha é linda” com a minha irmã. Aí a pessoa fazia assim pra mim: “e essa daqui?” essa daqui né ó, ela é engraçadinha” e, às vezes, eu não tinha dito nada pra me chamar de engraçada. E aí eu fui percebendo que se eu fosse engraçada, eu ia ser vista. Então, assim, eu tava sempre procurando fazer as gaiatices mesmo.

Juliana: na vida adulta, isso também continua se repetindo?

Maíra Medeiros: as vezes eu sinto que alguns comentários que as pessoas fazem pra mim e não fariam os mesmos comentários para caras.

Juliana: colegas homens.

Maíra Medeiros: teve uma *collab* que eu fiz que foi um quiz e tava eu, a Mari Moon e dois criadores, que era o Jovem Nerd e Azaghal. Jovem Nerd e Azaghal são gordos, a Mari é magrinha e eu sou gorda. Tinha vários comentários dizendo “ai, tira essa gorda daí que gorda não sabe o que fala, que não sei o que, essa gorda só tá tentando ser engraçada” tipo ninguém tava falando da gordura dos dois caras.

Tia Má: no meu caso, ainda tem isso, porque mesmo eu sendo engraçada, eu sou militante do movimento negro, sou feminista e aí tem dia que não tem como você fazer humor. O racismo não é brincadeira. Não é piada. Racismo é crime, isso tem nome. E as vezes as pessoas me cobram por que “ai você tá falando sério demais” e eu digo é por que aqui, agora, não tem graça.

Maira Medeiros: mas deixa eu contar um negócio, miga? O meu segredo é que eu sou alérgica a gato, mas eu não contei nada, porque senão vocês não iam me chamar, mas se eu falo isso o povo já vai tirando o gato da minha mãe e eu falo não quero que tire, eu sei que vou espirrar igual uma doida que eu vou pro hospital as vezes? Posso ir às vezes.

Juliana: eu acho que dá pra gente se aprofundar num tema bastante interessante que a gente tava falando sobre como o humor é usado pra falar sobre causas. Vocês estavam falando “vamos usar o humor como ferramenta de reflexão e luta das minorias”. Vocês concordam com isso? Vocês fazem isso no trabalho de vocês?

Tia Má: eu sou a primeira mulher negra do Brasil a ter um *stand up*. Eu faço piada sobre o racismo, mas é falando de todas as formas como a gente conseguiu superar sabe? Das nossas estratégias de sobrevivência. O que eu percebi? Quando comecei a fazer graça

falando sobre isso as pessoas iam, porque eu faço humor falando sobre relacionamento, abusivo, falando do racismo, do machismo e as pessoas dão risada, mas, ao mesmo tempo, elas começam a refletir.

Juliana: claro, é uma forma educativa, de consciência.

Tia Má: e tem aquela coisa, porque o opressor, o racista, o machista ou homofóbico, o problema dele não é ser racista, machista, homofóbico, é saber que é. Então assim, pra essas pessoas o que incomoda é justamente ser apontada como tal. E aí muitas vezes é naquele tipo de vídeo que ela dá risada do que ela faz... “pô, mas eu faço esse tipo de coisa” e ela se sente um pouco menos ofendida porque o humor aproxima as pessoas, sabe?

Maíra Medeiros: mas quando você trata isso com humor, nesses momentos, é a hora que você consegue fisgar ali uma pessoa que tá precisando ouvir aquilo, porque as vezes a gente conversa com pessoas que estão dentro da nossa bolha, que tão ali e já sabem de cabo a rabo tudo o que você vai falar e tal e o que você precisa pra expandir é falar com pessoas que estão depois dessa barreira né?

Juliana: queria que vocês falassem um pouquinho sobre esses estereótipos femininos no humor, quais são eles, se vocês têm alguns exemplos o que mais incomoda como vocês estão combatendo eles. Eu sei que a gente já falou bastante sobre isso, mas...

Maíra Medeiros: estereótipos de mulher no humor, né tia Má? É aquela coisa da louca da TPM, a louca por chocolate, a mulher que estoura o cartão do marido. Do marido, porque ela não tem dinheiro pra ter um cartão de credito pra estourar o próprio dela, tem que ser do marido. Que mais? A louca por sapato

Tia Má: é a futilidade né... e a ciumenta que tá sempre tensa se vai aparecer uma outra figura, uma outra mulher. No humor não existe sororidade, as mulheres se odeiam, querem matar uma as outras

Maíra Medeiros: a graça, o humor têm duas vias, uma via é quando você faz graça com o oprimido, por exemplo, e a outra hora é quando você faz graça com o opressor, que é o que eu e a tia Má gostamos de fazer, né, miga?

Tia Má: eu sempre digo que, pra mim não é piada se provoca dor em outra pessoa. Agora é isso, vou continuar dizendo que esse tipo de humor vai continuar existindo por um bom tempo porque tem que consome, sabe? É aquele tiozão que fala ainda “é pudim? Pra comer?”

Juliana: é pavê

Maíra Medeiros: é pavê ou pra comer?

Tia Má: não, lá na Bahia tem, duas, calma, “é pavê ou pra comer?” e lá na Bahia tem “pudim ser, pudim não ser”

Maíra Medeiros: menina do céu, o tio do pavê vem pior, é um combo

Juliana: nos Estados Unidos tem um movimento que se chama *Women Are Funny* que é justamente pra discutir se mulheres são ou não engraçadas. Na verdade, são mulheres levando essa discussão e dizendo que somos sim, engraçadas. Como que vocês veem essa discussão e essa reflexão no Brasil?

Maíra Medeiros: acho super importante a gente trazer isso, primeiro porque a gente tem ainda um conceito de criação de conteúdo, de consumo de conteúdo que eu acho meio zoadado, que é o quê? Quando é a mulher que faz conteúdo quem consome, majoritariamente, são outras mulheres. Os homens não se sentem à vontade de consumir um conteúdo criado por mulher. Diferente do youtuber ou criador de conteúdo homem branco, porque todo mundo assiste o homem branco.

Juliana: como se ele fosse neutro.

Maíra Medeiros: exatamente, é como se ele fosse o normal, o neutro e aí cada um com o seu recorte, com o seu nicho.

Tia Má: o homem branco... ele tá me mordendo... calma... falou homem branco e “ai me chateei tá falando de mim”

Juliana: ai é tudo mimimi agora.

Tia Má: você é gato branco, não é homem branco... é o que dita a regra ne? E a gente sem perceber continua absorvendo tudo o que é produzido por eles.

Maíra Medeiros: exatamente, e aí você cria esse vício de consumo. Eu acho que muitos homens precisam tirar um pouco esse lance de “ai eu sou homem e não posso consumir isso de mulher”, quebrar esse preconceito e começar a conhecer também outras vozes né?!

Tia Má: eu acho que mais do que isso, mais que os homens conhecerem também, tem uma outra coisa aí que a gente tem que começar a querer, a brigar, a se apropriar que são as empresas patrocinarem, apoiarem. O que falta pra gente muitas vezes é ter o incentivo, alguém que vá lá e viabilize a realização daquilo. Inclusive, posso, minha filha, pedir pra ver se alguém... tome vergonha nessa cara e apoie uma mulher preta fazendo *stand up*. Tô pedindo porque tenho um filho pra criar, meu filho come cinco pães, to chegando em uma fase que eu digo pra ele: “vá dormir”. As mães falando assim “ai, meu filho não come nada” vai me dando uma inveja (ironia)

Juliana: o quão trabalhoso é ser engraçada?

Tia Má: meus vídeos não tem roteiro escrito, o roteiro tá aqui na minha cabeça, tanto que é por isso que meus vídeos são todos toscos, sem edição. Eu tenho que pensar e gravar naquela hora ali. O que acontece é que, por conta disso, eu preciso estar atenta a tudo eu tenho que me dedicar ao que tá acontecendo no mundo. Eu sei que cada um tem o seu método de criação, mas eu não acho que ninguém faz assim “hum, vamos criar piadas”

Juliana: por isso que eu acho que dá trabalho.

Maíra Medeiros: é um lance de observação. Você tem que observar muito o que tá acontecendo com você, a sua volta, porque é o que a tia Má falou o humor é uma crônica da vida real. Você viveu tudo aquilo, viu uma coisa e acha que aquilo traz um viés engraçado, mas eu não consigo fazer uma coisa engraçada do nada... “faz uma coisa engraçada” eu não sei fazer, vou fazer uma careta, sei lá. Eu esqueci o que eu ia falar, na verdade, porque eu fiquei beijando o gato aqui, eu não lembro o que ia falar, desculpa. Olha aqui atrás.

Tia Má: esse aqui é muito louco. Esse daqui eu acho que é de lá de salvador, porque ele tá em alguma festa, ele tá de onda, tá pulando. Tô louco, louco

Juliana: vamos pra rodada rápida?

Maíra Medeiros: vamos. Olha eu preciso avisa que eu sou de gêmeos e não consigo nada de rodada rápida.

Tia Má: também não, sou aquariana.

Juliana: uma rodada mais ou menos rápida. Ok, rodada rápida. Seguinte, tem perguntas curtinhas e nossas queridas Más escrevem nesses gatinhos, mostrem que fofinhos que são, lindos e é isso, a gente vai comparar, se dá match aqui ou se não. Morro de rir quando... podemos.

Maíra Medeiros: eu gosto de rir quando dão risada junto. Porque as vezes quando você tá rindo sozinha, não sei explicar, a risada pra mim é uma coisa muito contagiante, eu gosto de rir aí quando a outra pessoa também da risada você já tá rindo de uma coisa que você não sabe mais o que é, você tá rindo porque a outra pessoa tá rindo.

Tia Má: eu dou risada quando estou junto da minha família. Eu tenho uma família que é muito engraçada e a gente pratica bullying familiar onde só a gente mesmo pode se sacanear, sabe como é? Até porque isso é uma forma, inclusive, de preparar a gente para o bullying externo. Então quando alguém chega digo “ah, pelo amor de deus, é com isso aí que você vai me sacanear? Isso aí em casa é feijão com arroz”.

Juliana: morrer de rir com quem? Podemos mostrar.

Maíra Medeiros: ai, quase espirrei.

Juliana: espirrou... Lázaro Ramos.

Tia Má: pois é, acho que todo mundo sabe, mas ele é muito engraçado. E as vezes ele me faz rir que eu não consigo acreditar que sou engraçada quando tô perto dele, porque eu fico rindo o tempo todo.

Maíra Medeiros: eu dou muita risada com os meninos do Diva Depressão. Eles são muito engraçados e quando estamos juntos, a gente não para de rir nunca um do outro. Fica aquele negócio “não sabemos do que estamos rindo, mas estamos rindo”. Agora talvez esteja pegando

Juliana: e o melhor meme do último ano foi...

Tia Má: ai, gente, não existe.

Maíra Medeiros: gente, o melhor meme?

Juliana: virando.

Maíra Medeiros: cara, qual o meme você colocou?

Tia Má: botei todos da Gretchen porque, gente, as expressões dela são maravilhosas, servem para tudo. Inclusive, algumas não consigo definir o que ela tá sentindo. Se é dor, se é raiva, se é fome, se é ódio, se tá casando de novo.

Juliana: vamos por umas Gretchen aqui.

Maíra Medeiros: o meme que eu amo é de um bicho esquisito. Não sei o que ele é. Tem uma carinha assim ó e tá escrito “quenhe vc” é o melhor meme do mundo, gente. Recomendo já deixarem salvo no celular. Ali no Facebook, no fervor, o povo dando opinião da sua vida, já manda um “quenhe vc”.

Juliana: e a última pergunta, completem a frase “gatas são...”

Tia Má: pra mim, é a possibilidade do novo porque eu não tinha gatos. Achava gato estranho. Aí de repente, parece um gato na minha porta, aí “ah, vamos dar leitinho pra ele”, antes de oferecer pra doação e foram passando os dias. No outro dia já comprei a caminha dele, comprei outro negocinho, ele cresceu, já tá comendo ração, já virou lixo. O nome dele é Chocoto e ele fez gente aprender o novo, sabe. A gente agora gosta. Então, além dos cinco pães, tem a ração do Chocoto.

Juliana: foi maravilhoso.

Maíra Medeiros: eu amei demais. Me agradeça me trazendo mais vezes pra brincar com o gatinho.

Juliana: vamos! Adorei, obrigadíssimo. Obrigada as Olgas também que assistiram. Assinem o canal. Menina, me ajudem. Assinem o canal onde?

Maíra Medeiros: aqui embaixo.”

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO PERGUNTE A ELA #11 – POR QUE NÃO CHAMAR MULHERES LÉSBICAS DE “GAYS”

PERGUNTE a Ela #11 – Por que não chamar mulheres lésbicas de “gays”. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (1m58s). Publicado pelo canal Think Olga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DAQT8v2RFX4&list=PLeBw2g4qJHFDEa_NfWb-JKvsVRa5dIxxn&index=5. Acesso em: 15 out. 2022.

Alô gente da Think Olga! Eu sou a Louie do canal Louie Ponto e hoje eu estou aqui para falar sobre visibilidade lésbica. Por que não usar o termo “mulheres gays”, mas sim “mulheres lésbicas”? Existe uma resistência muito grande em relação a palavra “lésbica”. E eu digo isso por experiência própria porque eu também já fui dessas pessoas a dizer que “gay” engloba tudo, que “lésbica” é uma palavra “feia”. Até que eu entendi que o problema não está na palavra. Nossa língua tem um monte de palavra muito mais esquisita do que “lésbica” e a gente e a gente não se recusa a usar. O problema tá no significado. É bastante complicado você se dizer lésbica numa sociedade machista, misógina, dominada pelos homens em que as mulheres são violentadas e silenciadas simplesmente pelo fato de serem mulheres. E está justamente aí a importância de reafirmar a nossa existência como mulheres lésbicas. Até porque homens gays e mulheres lésbicas têm vivências muito diferentes. Mas talvez você se pergunte: “mulheres lésbicas são mais aceitas que homens gays?”. Existe essa ideia de que mulheres lésbicas são mais aceitas que homens gays, mas na verdade o que existe é uma fetichização dessas mulheres. A mulher sempre foi considerada objeto de satisfação do desejo masculino. Então duas mulheres juntas, aos olhos da nossa sociedade, representam o ápice do fetiche masculino. Uma coisa que eu sempre digo é: “pesquisa a palavra ‘gay’ na internet”, que você vai encontrar notícias, mas pesquisa a palavra “lésbica”, que você vai encontrar pornô. Isso quer dizer que essa ideia de que mulheres lésbicas são mais aceitas é um equívoco, porque a nossa existência e a nossa sexualidade são invalidadas. E é por isso que a gente precisa falar sobre isso e mostrar que a gente existe e resiste todos os dias. Abracinho em você, beijo, tchau!